

esperanças. É para sentir que fosse formalmente desattendido o famoso parecer da vossa commissão de pharmacia, relativo á *hoje pharmacopéa legal*. A sociedade fez o seu dever.

Quanto a policia medica já uma vez, n'um dia como este, vos fallei bem explicitamente a seu respeito. Bem sabeis portanto como penso sobre similhante assumpto. A imprensa pharmaceutica tambem pela sua parte tem estigmatizado as faltas que têm havido sobre tão importante objecto. Ainda assim, se o estado em que ella se acha hoje não é prospero, pelo menos tem melhorado muito.

Não se pense, senhores, que a auctoridade menospresa este ramo de sua immediata competencia. Não, senhores, ella vigia e comprehende a sua posição. Tem ouvido a voz d'esta sociedade e a da imprensa, e se os seus cuidados ás vezes não correspondem ás suas intenções, quem sabe se as disposições regulamentares ou circumstancias especiaes da legislação lhe neutralisam ou estacionam as attribuições e as nullificam? A sociedade já uma vez confeccionou um projecto de regulamento de saude publica, que dirigiu ao governo, o resultado foi nullo. Ainda mesmo quando esse regulamento fosse adoptado, aindaque o conselho quizesse proceder com toda a energia que lhe facultassem as suas attribuições, como o poderia fazer, não estando ellas em harmonia com a disposição do codigo penal? Como supplantar os sophismas capsiosos do poder judicial, que em sua elastica jurisprudencia faz do fóro contencioso, a *rocha trapeia*, d'onde haqueiam as mais rasoaveis questões? Podendo-se dizer francamente com Horacio, *Hoc fonte derivata clades in patriam populumque fluxit.*

Emquanto ás precisões da nossa classe convem, senhores, irmos de vagar. Estomagos fracos não digerem facilmente os alimentos mais substanciaes; convem predispo-los previamente, é o que se tem feito. Talvez não tarde a epocha que ha de fixar-nos n'essa posição por que anhelámos;

A nau do estado é de grandes dimensões; a sua manobra é difficil, ainda em mar bonança, quanto mais navegando ella n'um oceano encapellado e alteroso. Deixemo-la tomar porto

seguro, e confio que tendo reunido todos os elementos necessarios a uma boa administração, as nossas precisões não deixarão de ser devidamente attendidas. Já nos pôde servir de argumento o que se praticou com os pharmaceuticos navaes e castrenses.

Pelo que fica exposto podemos concluir que o nosso estado actual não é tão obnoxio como se tem querido inculcar, e se tanto temos conseguido, ainda a despeito, como acima disse, dos mesquinhos recursos que pôde offerecer um paiz tão definhado como o nosso, muito devemos esperar de ora ávante que tudo conspira para importantes melhoramentos.

Tudo, senhores, devemos esperar do illustre governo de Sua Magestade, a quem esta sociedade tem merecido proveitosas attenções.

Resta-me, senhores, fallar-vos do monte pio pharmaceutico. Fa-lo-hei e serei breve. É o monte pio uma instituição benefica, destinada a reunir fundos para valer aos desgraçados. Foi este o sublime pensamento que presidia á sua criação.

Já se deu um facto em que isto se verificou, felizmente não se tem renovado. Entretanto, forçoso é confessa-lo, elle não tem caminhado bem, e isto por deficiência da sua organização. O numero dos seus membros tem escasseado, e por consequencia diminuta tem sido a sua receita. Ainda assim possui um fundo sufficientemente attendível.

Por vezes se tem intentado a reforma d'esta utilissima associação, e causas eventuaes paralyam sempre tão benigna intenção. Uma ultima tentativa se poz agora em pratica para levar a effeito tão necessaria reforma. E de esperar dos illustres cavalheiros que a empreendem a levem ao fim, de maneira que os seus resultados correspondam ao fim justo e santo que tiveram em vista seus nobres fundadores. E eu, senhores, juntando aos vossos esforços minhas diminutas forças, não serei o ultimo a applaudir obra tão meritoria.

Resta-me, senhores, pedir-vos cordealmente me releveis se abusei da vossa paciencia. Disse.

Em seguida, tocando a campainha, declarou:—Está fechada a sessão solemne anniversaria.

PHARMACIA

NOTA SOBRE OS HYDROLATOS

Na sociedade de pharmacia de Paris tem estado em discussão o relatorio da commissão nomeada para dar o seu parecer sobre o artigo «aguas distilladas medicinaes», por isso que tratando-se da proxima revisião do codigo, a dita sociedade propõe-se estudar praticamente todas as fórmulas medicamentosas sobre que ha mais discordancia ou duvida, dando d'esta arte um valiosissimo contingente para se obter um formulario perfeito, digno do seculo e de um povo illustrado, com o que aquella inclita sociedade presta igualmente um relevante serviço ás classes medica e pharmaceutica.

É bello ver como se procede na França, quando se trata da organisação de um livro todo pratico: e, se compararmos o que se faz no nosso paiz, em que uma legislação inconveniente, concede a uma corporação respeitavel sim, mas incompetente, porque é só de medicos, que nenhum estudo têm, nem podem ter, de laboratorio, e na qual se usa commetter a um só de seus membros a confecção de uma obra, que carece do concurso de tantos; se compararmos, dizemos, o que se tem feito e continua a fazer-se entre nós em assumpto tão grave, é forçoso reconhecer que estamos muito distantes do verdadeiro progresso, e que nada temos aprendido com o tempo, nem com os exemplos estranhos.

Discutido luminosamente o bem elaborado relatorio da sobredita commissão, adoptaram-se as conclusões formuladas pela mesma, as quaes são as seguintes:

1.º As plantas recentes devem ser preferidas ás seccas na preparação das aguas distilladas, na generalidade dos casos; exceptuando apenas o meliloto, o sabugueiro e tilia;

2.º As partes das plantas mais aromaticas devem ser unicamente usadas, escolhendo para a colheita a epocha em que a vegetação d'essas partes tiver attingido o seu perfeito desenvolvimento;

3.º A destillação a vapor deve ser preferida á destillação a fogo nu em todas as plantas não comprehendidas na seguinte excepção:

(a) As folhas do louro cerejo, sementes de mostarda, folhas de cochlearia, raiz de rabão rustico;

(b) Os lenhos, cascas e raizes de tecido compacto, que seriam difficilmente penetrados pelo vapor;

(c) As rosas, pela rasão de amollecere[m] e empastarem tenazmente, não podendo o vapor excipia-las uniformemente.

4.º A relação entre o peso da substancia e do producto que se deve obter tem de variar conforme a quantidade de principios aromaticos contidos nos vegetaes; podendo-se para este caso estabelecer quatro grupos, pelo modo seguinte:

I Plantas recentes, inodoras: duas partes de planta para uma parte de producto. — Artimisia, alface, borragens, centaurea, platano;

II Plantas recentes aromaticas: uma parte de planta para uma parte de producto. — Absinthio, cerejas pretas, cochlearia, hyssopo, louro cerejo, alfazema, melissa, hortelã, pecegueiro, rosas, salva e serpão;

III Plantas frescas e plantas seccas, aromaticas: uma parte de planta para duas partes de producto. — Amendoas amargas, flor de laranjeira, meliloto, rabão rustico, flor de sabugueiro e atanasia;

IV Plantas seccas, mui aromaticas: uma parte de planta para quatro partes de producto. — Raiz de angelica, aniz verde, bagas de junipero, camomilla, cascarrilha, canella, funcho, sassafras, flor de tilia e raiz de valeriana.

5.º O melhor modo da conservação das aguas distilladas consiste em as privar quanto possivel da influencia do ar e da luz, que concorrem activamente para a sua decomposição.

A 6.ª conclusão refere-se ao numero das aguas distilladas que devem ser inseridas no novo codigo, opinando a commissão, que devem ser reduzidas a trinta e nove (e já não são poucas), em lugar de quarentá e tres, que contém o codigo vigente.

Não tratámos agora de emittir a nossa opinião sobre cada um dos quesitos adoptados, com os quaes aliás nos conformámos em geral; porém em respeito á terceira conclusão já em outra parte dissemos ¹ o que nos occorria sobre a materia sujeita, baseados na pratica e prevenções theoricas; e parece-nos que a illustre commissão deveria estender a exclusão do emprego da distillação a vapor a todas as plantas de tecido delicado, que, como as rosas, aindaque em grau menor, estão sujeitas a amollecere e empastar, inconveniente grave de que não estão isentas inteiramente as mesmas flores de laranjeira.

Na distillação dos hydrolatos a fórma do alambique é quasi tudo. A fogo nu não ha as desvantagens que sobejamente se têm ponderado, em se conseguindo que as substancias não toquem immediatamente as paredes da cucurbita que estiverem em contacto com o fogo. Ora nas distillações pequenas ou não excedentes a vinte libras consegue-se muito bem a isolação fazendo a distillação em fogão que funcione como os fogareiros ordinarios, de modo que o fogo só toque o fundo da cucurbita, e usando do diaphragma que mantenha as plantas em conveniente altura; e nas distillações em ponto maior, feitas nas fornalhas adequadas, poderia com vantagem usar-se de um sacco de rede metallica, afastado da cucurbita em toda a circumferencia e no fundo, dentro do qual se mantivessem as plantas.

Na distillação a vapor nos alambiques de Soubeiran a distillação é muito morosa, e são obvias as desvantagens que d'aqui resultam, o que já foi sabiamente ponderado pela illustrada commissão de pharmacia da sociedade pharmaceutica lusitana ². Para esta fórma de distillação damos decidida preferencia ao apparelho de *Duportal*, no qual o vapor desenvolvido em uma grande caldeira vae immediatamente entrar na cucurbita que contém a planta sobre o competente dia-

¹ *Elementos de pharmacia theorica e pratica*, pag. 116.

² *Jornal da sociedade*, n.º 7, de julho de 1860, pag. 175.

phragma, conduzido por um largo tubo, que dobrado em angulo, se abre em fôrma de trombeta no centro do diaphragma; sustentada a cucurbita por meio de um suporte, em conveniente posição e altura. Nós usámos d'este aparelho sempre de preferencia ao de Soubeiran; e para que não haja perda de calorico, envolvemos a cucurbita que recebe o vapor em duas ou tres voltas de flanela de lã, competentemente ligada por um cordel.

Este anno empregámos os dois methodos, vapor e fogo nu, para algumas plantas, e aguardámos o momento favoravel para poder comparar os dois productos: entretanto podemos desde já dizer que, com o louro cerejo, obtivemos um producto muito superior a fogo nu; e mesmo com a alface, que logo depois da distillação era mais aromatico o producto por este methodo do que o obtido pelo vapor, usando aliás da planta colhida na mesma occasião, no mesmo estado e no mesmo terreno.

O louro cerejo, colhido a 8 de julho pelas oito a nove horas da manhã, distillado a fogo nu, e aproveitando só do producto a quantidade igual á da planta empregada, ensaiado pelo methodo de Bignet, mostrou conter em 100 centimetros cubicos, ou grammas de hydrolatos, 55 milligrammas de acido cyanhydrico anhydro.

Colhida a planta á hora indicada, no dia 24 de julho, e por consequente em melhores condições de desenvolvimento, distillada a vapor no aparelho de Duportal, mostrou conter pelo mesmo methodo analytico, em 100 grammas ou centimetros cubicos de hydrolato, 45 milligrammas de acido cyanhydrico.

Como já dissemos, aguardámos a occasião opportuna para proceder a novo ensaio e notar as differenças encontradas, reservando-nos para então ou para mais tarde ensaiar o valor do methodo de conservação do hydrolato cyanhydrico proposto pelo sr. Deschamps, que consiste em juntar uma gota de acido sulphurico em cada garrafa ordinaria de hydrolato, com o fim de fixar o acido cyanhydrico; poisque fizemos

esta junção a duas libras de cada um dos hydrolatos obtidos pelos methodos que ficam indicados.

Coimbra, de agosto de 1861.

C. J. X. CONDINO.

REMEDIO CONTRA A TISICA

XAROPE DO CHLORURETO DE SODIO NO TRATAMENTO
D'ESTA ENFERMIDADE

As diversas preparações pharmaceuticas do sal marinho, destinadas ao tratamento da tísica, propõe o sr. Pietra-Santa, que se aggregue o seguinte xarope, para cuja composição os srs. Mialhe e Grassi aconselham as preparações seguintes:

Agua distillada	200	grammas
Chlorureto de sodio	125	»
Assucar branco	400	»
Agua de louro cerejo	30	»

F. s. a.

50 grammas d'este xarope contém 5 grammas de chlorureto de sodio.

DÓSES EM QUE SE ADMINISTRA ESTE MEDICAMENTO

Tendo principalmente por objecto o uso do sal, estimular o appetite e facilitar a digestão, deverá, quanto seja possível, administrar-se este agente em substancia, dissolvido em uma pequena porção de agua, ou melhor, de caldo, que se fará tomar um pouco antes de cada comida.

F. J. R. LOUZEIRO.

XAROPE DE SULPHATO DE MAGNESIA

DO SR. DIDELOT

Sulphato de magnesia	150	grammas
Agua	500	»
Assucar branco	1	kilogramma

F. s. a., e, depois de frio, junte-se-lhe:

Tintura de aniz	20	gotas
---------------------------	----	-------

Este xarope contém 3 grammas de sal por onça, e poderá

administrar-se com mais facilidade, como diuretico, aos enfermos, cujos estomagos costumam rejeita-lo, não só pelo seu mau gosto, como tambem pelas grandes quantidades de liquido em que é preciso dissolve-lo.

(Rep. de pharm.)

PÓS ANTI-DISPEPSICO

Oxydo de bismutho 20 grammas
Chlorhydrato de morphina 5 centigrammas

Divida-se a mistura em vinte papeis, para tomar um antes de cada comida em agua assucarada. Muito convenientes nas dispepsias com tendencia para a diarrhea.

(Gazete médicale de Leão)

F. J. R. LOURANHO.



CHIQUITA

METHODO DE BUIGNET PARA A DOSAGEM DO ACIDO CYANHYDRICO

Querendo-se ensaiar o hydrolato de louro cereje ou o de amendoas amargas toma-se um volume conhecido do hydro-lato (100 centimetros cubicos); ajunta-se um excesso de ammoniaco liquido (10 centimetros cubicos), e por meio de uma galheta graduada, representando cada divisão $\frac{1}{10}$ centimetro cubico (a burette de Morh é a mais conveniente), lança-se uma solução de sulphato de cobre crystallizado, puro, titulada (23^{grm.},09 para 1 litro de agua distillada), até que a solução cuprea cesse de descorar. No momento em que se manifestar no liquido cyanhydrico a côr azul caracteristica do sulphato de cobre ammoniacal, suspende-se a junção e contam-se as divisões do liquido titulado empregado. Cada divisão corresponde a 1 milligramma de acido cyanhydrico anhydro.

Pelo mesmo methodo se podem dosar os outros preparados cyanicos, acido ou cyanuretos, fazendo a solução na agua distillada em volume conhecido, como fica indicado para os hydrolatos.

Esta reacção é baseada sobre a propriedade que têm os cyanuretos alcalinos de se combinar com os saes de cobre, formando cyanuretos duplos, incolores, dissimulando physica e chimicamente os saes de cobre.

(Jorn. de pharm. e de chim., tom. 35, pag. 468)

C. J. X. Couraço.

DATURINA

PROPRIEDADES E MEIOS DE A OBTER

Este alcaloide, extrahido por Geiger do *datura stramonium*, crystallisa em prismas brancos, brilhantes e inodoros, de sabor acre e amargo, assimilhando-se ao do tabaco; solúvel em alcool, menos em ether, e não se dissolve senão em duzentas e oitenta partes de agua fria. A daturina obra de uma maneira analoga á atropina, se bem que não tenha sido ainda submettida como esta a experiencias therapeuticas tão seguidas: sabemos porém que ella determina, como o alcaloide da belladona, a dilatação das pupillas.

O sr. Marquant aconsella o emprego d'esta base para substituir as preparações tão infieis do stramonio, nas quaes o principio activo não existe senão em proporções muito variadas e mais ou menos alteradas pelas diversas operações a que é sujeita.

Obtem-se facilmente pelo processo do sr. Simes, descripto pelo sr. Bach em suas obras.

Tratam-se as sementes (contusas) do stramonio pelo alcool fraco, a calor da ebullicão, e faz-se digerir no liquido meia onça de magnesia por cada libra de semente empregada; trata-se pelo carvão animal, e a final filtrado o liquido até á metade do seu peso e abandonado ao repouso deposita a daturina em crystaes.

Este energico alcaloide não deverá ser empregado senão em $\frac{1}{40}$ de grão por dóse. Uma só gota da solução de um grão de daturina em uma onça de agua, lançada n'um olho, determina a dilatação da pupilla.

(Journal de chim. médicale)

F. J. R. Loureiro.

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ

CHRONOLOGIA DE TODAS AS LEIS, ALVARÁS,
DECRETOS, PORTARIAS, EDITAES, ETC., RELATIVOS AOS PHARMACEUTICOS
DESDE A FUNDAÇÃO DA MONARCHIA PORTUGUEZA

(Continuação de pag. 443)

N.º 264

REGULAMENTO DA BOTICA DO INSTITUTO AGRICOLA
E ESCOLA REGIONAL DE LISBOA

CAPITULO III

DOS ESTABELECIMENTOS ANNEXOS AO HOSPITAL

DA BOTICA

Art. 41.º Na botica aviar-se-ha o receiptuario do hospital á vista das papeletas em que estiver prescripto, escrevendo o pharmaceutico na casa respectiva, dia por dia, o valor dos medicamentos que n'ellas forem pedidos.

Art. 42.º Haverá vasos proprios para receber e conduzir os medicamentos da botica para o hospital, os quaes terão fórmás distinctas, de modo que se conheça facilmente se o medicamento é para uso interno ou externo.

Art. 43.º O pharmaceutico, á medida que for preparando um medicamento, o deitará no respectivo vaso, em que fixará logo um bilhete com a designação da espécie, numero do animal accusado na papeleta a quem deve ser administrado ou applicado, e o numero da enfermaria onde elle estiver alojado.

Art. 44.º As receitas veterinarias, que de fóra vierem aviar-se á botica, serão apresentadas pelo portador ao boticario; este as marcará em cima com um numero de ordem, e em baixo indicará o seu valor, e depois as entregará ao portador, a fim de que este as leve ao recebedor do hospital, que depois de ter recebido o valor indicado lh'as entregará, com a nota de que póde aviar-se.

§ unico. O recebedor inscreverá n'um livro especial, proprio para este fim, o numero e valor da receita, assim como depois d'esta aviada fará outro tanto o boticario em igual livro.

Art. 45.º As receitas avulsas poderão ser aviadas e não pagas logo, sob responsabilidade de pessoa idonea do instituto que fique por fiador; mas não excederá este pagamento a mais de tres mezes.

§ unico. N'este caso as receitas ficarão na botica e serão resgatadas com o seu pagamento.

Art. 46.º Haverá na botica os seguintes livros:

1.º Livro de entradas, em que se hão de inscrever, pela ordem de entrada na botica, as drogas requisitadas pelo boticario; assim como a dos preparados officinaes, á medida que se forem confeccionando, com a designação da sua qualidade e valor;

2.º Livro de saídas dividido em quatro partes: uma da saída dos medicamentos para o hospital; outra das saídas para o collegio; outra das saídas para fóra; outra emfim das saídas para preparados officinaes, em que se designarão tambem a qualidade, quantidade e valor das substancias saídas;

3.º Livro conta-aberta para os fiados abonados;

4.º Livro de registo das receitas aviadas e pagas logo;

5.º Livro de inventario dos utensilios e mobilia de botica a cargo do boticario, que designe a sua entrada e valor.

DO PESSOAL DA BOTICA

Art. 47.º O pessoal da botica constará:

1.º Do pharmaceutico;

2.º Dos serventes da botica.

Art. 48.º O logar do pharmaceutico será provido pelo governo, sob proposta do director geral, ouvindo o conselho geral do instituto.

§ unico. É da competencia do pharmaceutico assistir permanentemente na botica; executar ou assistir á execução de todo o serviço que n'ella se fizer; dirigir os exercicios practicos pharmaceuticos dos alumnos de pharmacia e materia medica; cuidar do aceio e da boa conservação da mobilia e material da officina, pelo qual é responsavel; ter os medicamentos classificados, rotulados, sem alteração, bem prepa-

rados e contidos em vasos apropriados; e finalmente escripturar os livros e papeis da repartição.

Art. 49.º No impedimento do boticario fará interinamente as suas vezes um alumno do quarto anno do curso de veterinario lavrador, para isso nomeado pelo lente de materia medica e pharmacia, de accordo com o inspector veterinario, com previa auctorisação do director geral do instituto.

Art. 50.º Os serventes da botica, que se julgarem necessarios para o serviço d'este estabelecimento, são nomeados pelo inspector veterinario.

§ 1.º Compete aos serventes da botica a execução e cumprimento immediato de todas as ordens que, no serviço pharmaceutico, lhes der o boticario.

§ 2.º As retribuições d'este serviço serão fixadas pela junta administrativa com approvação do governo.

§ 3.º Tudo o que fica prescripto nos §§ 2.º, 3.º, 4.º e 5.º do artigo 30.º para multas dos tratadores, tambem se applicará aos serventes da botica.

§ 4.º Serão preferidos para os logares de serventes da botica os alumnos militares ou paisanos que seguirem o curso de mestres veterinarios, e na falta d'estes os soldados do destacamento de veteranos do instituto que ainda reunirem as qualidades exigidas para este serviço.

(Diario de Lisboa n.º 404 de 1861.)

J. D. CORREIA.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 610 DA SESSÃO DE 11 DE AGOSTO DE 1861

Presidencia do vice-presidente o sr. F. J. R. Loureiro

Pelas seis horas da tarde abriu o sr. presidente a sessão.

O *segundo secretario* leu as actas da sessão anterior e da solemne, que foram approvadas.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. Herculano de Moura, de Niza, agradecendo á sociedade a sua nomeação de socio. — Inteirada.

Em seguida deu conta dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

O sr. *presidente* declarou que se ia passar á

ORDEM DO DIA

ELEIÇÃO DOS FUNCIONARIOS DA SOCIEDADE PARA O 27.º ANNO

Procedendo-se conforme o artigo 14.º dos estatutos foram eleitos os srs.

PRESIDENTE

Francisco José Rodrigues Loureiro

PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE

Henrique José de Sousa Telles.

SEGUNDO VICE-PRESIDENTE

Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.

PRIMEIRO SECRETARIO

Joaquim José Alves.

SEGUNDO SECRETARIO

Antonio Joaquim Labatte.

PRIMEIRO VICE-SECRETARIO

Manuel Vicente de Jesus.

SEGUNDO VICE-SECRETARIO

José Mendes de Assumpção.

THESOUREIRO

Joaquim Ferreira Norberto

VICE-THESOUREIRO

Pedro Ferreira Norberto.

BIBLIOTHECARIO

José Ferreira da Silva.

VICE-BIBLIOTHECARIO

José de Matos Saraiva.

COMISSÕES

CHIMICA

Primeiro operador, Manuel Vicente de Jesus.

Segundo dito, Joaquim José Alves.

Terceiro dito, José Vicente Leitão.

Substituto, Eduardo Germano da Silva e Castro.

SAUDE PUBLICA

Vogal, José Tedeschi.

Dito, Narcizo José Gomes do Souto.

Vogal, Joaquim Sant'Anna Machado Figueira.
 Supplente, Anthero da Costa e Oliveira.

PHARMACIA

Vogal, Pedro Ferreira Norberto.
 Dito, João Augusto Sollar.
 Dito, Filippe Fernandes Calçado.
 Supplente, Antonio Alves Sabino.

PHYSICA

Vogal, Francisco José Rodrigues Loureiro.
 Dito, Joaquim Ferreira Norberto.
 Dito, José de Matos Saraiva.
 Supplente, Joaquim Rodrigues Pereira da Silva.

HISTORIA NATURAL

Vogal, Thomás de Aquino Alves.
 Dito, Antonio Joaquim Labatte.
 Dito, Francisco Maria Nogueira.
 Supplente, Francisco Rodrigues Barreiro.

DIREITO PHARMACEUTICO

Vogal, Henrique José de Sousa Tolles.
 Dito, Izidoro da Costa Azevedo.
 Dito, Francisco Fortunato de Assis.
 Supplente, Francisco José Cabral de Quadros.

O sr. *presidente* declarou que estando a hora muito adiantada não havia tempo de se proceder á eleição dos delegados da sociedade; e fechou a sessão eram nove horas e meia da noite. = José Maria Camanho de Carvalho, segundo secretario.

ACTA N.º 611 DA SESSÃO DE 29 DE AGOSTO DE 1861

Presidência do sr. F. J. Rodrigues Loureiro

Pelas sete horas da noite abriu o sr. presidente a sessão.
 Foi lida e approvada a acta da antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

OFFICIOS

1.º Do sr. David Teixeira Mendes, de Valle Passos, agra-

decendo á sociedade a sua nomeação, e offerecendo os seus serviços. — Inteirada.

2.º Do sr. Luiz Rodrigues Ferreira Neves, delegado da sociedade em Coimbra, dando parte de se ter effectuado no dia 14 de agosto a agremiação dos pharmaceuticos d'aquella cidade, elegendo para presidente o sr. Candido Joaquim Xavier Cordeiro. — Inteirada.

3.º Do mesmo senhor, communicando á sociedade os grandes abusos praticados n'aquella cidade, prejudiciaes á saude publica e á classe pharmaceutica. — A sociedade resolveu dirigir ao conselho de saude uma representação acompanhada da copia do officio.

Os objectos doados foram recebidos com especial agrado.

O sr. *primeiro secretario J. J. Alves* apresentou e leu o seguinte

DISCURSO PRONUNCIADO EM SESSÃO DA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS
EM 23 DE AGOSTO DE 1861, PELO EX.^{MO} SR. CONSELHEIRO
DR. JOSÉ MARIA DE ABREU, PUGNANDO PELA CONSERVAÇÃO,
INTERESSES E DIREITOS PHARMACEUTICOS

«Pedi a palavra, porque desejava primeiro saber se sobre este projecto, que creio veio aqui por uma representação do asylo dos orphãos desvalidos de Santa Catharina, a commissão ouviu o governo, porque do projecto não consta que elle fosse ouvido; e tratando-se de dispor de um edificio nacional, parece-me que é necessario que o governo seja ouvido.

«Mas como está presente um dos membros do governo, elle poderá dizer o que achar por conveniente a este respeito. Devo tambem notar, que no relatorio do projecto se encontram estas expressões: «O governo tinha destinado vender este edificio para applicar o seu producto á compra de uma casa para lyceu nacional, mas é tal o estado de ruina, que já o governo julgou necessario remover para outro local as aulas do lyceu, e portanto o valor do predio não pôde deixar de ser hoje muito diminuto».

«Eu não sei quem deu esta informação á commissão, as que eu tenho são diversas. O governo não tratou de vender esta casa. O lyceu esteve ali por algum tempo, mas achando-se

arruinada uma parte do edificio, foi necessario muda-la para outro local, e ultimamente reuniram-se as duas secções central e occidental do lyceu na rua de S. José.

«Portanto não me parece que seja exacto que o governo abandonasse este edificio por estar em completa ruina. Transferiu-se o lyceu para outro edificio e para outro local mais central, porque era necessario fazer obras muito importantes, para que o lyceu ali estivesse convenientemente collocado; mas o edificio de S. João Nepomuceno ainda hoje vale uns poucos de contos de réis.

«Notarei tambem que a sociedade pharmaceutica lusitana obteve a concessão d'este edificio por uma portaria do governo para ali fazer as suas sessões; e eu desejava que no caso de se conceder ao asylo de Santa Catharina o mesmo edificio, o que eu não quero impugnar, o governo tomasse as providencias necessarias para que a esta sociedade, que tem feito serviços importantes e mui valiosos, se destinasse algum dos edificios nacionaes que o estado ainda possui, aonde ella podesse funcionar.

«A sociedade pharmaceutica já se concederam diversas casas, e uma d'ellas, que occupou por algum tempo, era um edificio nacional que ha na rua da Mouraria; mas saiu de lá, e n'esse edificio esteve uma especie de hospicio, em que creio que havia unicamente um padre, não sei com que fundamento. O certo é que essa casa não está occupada pela sociedade, que teve de sair de lá...

«Uma voz:— Foi dada em parte a irmandade da Guia.

«O orador:— Só parte do edificio é que está occupada pela irmandade; e se vamos conceder o edificio de S. João Nepomuceno (o uso d'elle) ao asylo de Santa Catharina, edificio que valerá ainda uns poucos de contos de réis, a sociedade pharmaceutica fica sem casa para celebrar as suas sessões e guardar o seu archivo. Ora, eu entendo que o governo, que não dá subsidio algum a esta sociedade, que devia ser auxiliada, mas que o não tem sido, porque entre nós a pharmacia não tem logrado a consideração que merecia dos poderes pu-

blicos; o governo, digo, deve attender á situação em que fica esta sociedade, e se a camara auctorisar esta concessão proposta n'este projecto, ao que me não opponho, peço ao governo que pela sua parte destine algum dos edificios nacionaes, que ainda possue em Lisboa, para que a sociedade pharmaceutica ahi possa funcionar. (O sr. *ministro da marinha*:— Apoiado.)

« São estas as observações que eu queria fazer, sem todavia impugnar o projecto, porque desejo muito que a camara auxilie um estabelecimento tão util e que tantos beneficios tem feito á infancia desvalida, como é o asylo de Santa Catharina (*apoiados*). »

Depois de terem fallado sobre esta materia os srs. Norberto, Alves, Lazaro e Quadros, resolveu a sociedade se officiasse a s. ex.^a, agradecendo a consideração em que tem a sociedade.

O sr. *primeiro secretario* apresentou por parte da mesa a seguinte

PROPOSTA URGENTE

« Tendo em vista o merecimento e os serviços prestados á nossa sociedade por s. ex.^a o sr. conselheiro dr. José Maria de Abreu, lente da faculdade de medicina da universidade de Coimbra, não só quando director geral de instrucção publica, mas no parlamento, aonde, na qualidade de representante da nação, tão digna e espontaneamente soube advogar os interesses da classe, propomos que o dito senhor seja nomeado socio honorario da sociedade pharmaceutica lusitana.

« Sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, em 29 de agosto de 1861. = *Francisco José Rodrigues Loureiro*, presidente = *Joaquim José Alves*, primeiro secretario = *Antonio Joaquim Labatte*, segundo secretario. »

O sr. *Lazaro de Sousa Pereira* disse que, segundo a praxe, esta proposta devia ficar para segunda leitura, e depois ir a uma commissão; mas que o merecimento e considerações em que o sr. dr. Abreu era tido por esta sociedade o levavam a propor a dispensa, para este caso, de todas as formalidades do nosso regimento; o que foi unanimemente approvedo.

Em seguida o sr. presidente poz á votação a proposta da mesa, que foi approvada unanimemente, sendo portanto proclamado socio honorario da sociedade pharmaceutica lusitana o ex.^{mo} sr. conselheiro dr. José Maria de Abreu.

O sr. *J. F. Norberto* apresentou e fundamentou uma proposta para que as sessões da sociedade fossem mudadas para as quartas feiras dos mezes. A sociedade attendendo ás rasões expendidas pelos dignos socios, approvou a proposta, resolvendo que de ora ávante as sessões tenham logar nas primeiras e ultimas quartas feiras dos mezes, annunciando-se no jornal da sociedade.

E não havendo mais nada a tratar, fechou o sr. presidente a sessão eram dez horas da noite, dando para ordem do dia da sessão seguinte propostas, pareceres e segundas leituras.==
Antonio Joaquim Labatte, segundo secretario.

ABUSOS DE POLICIA PHARMACEUTICA

Ill.^{mo} sr.—Como delegado da sociedade pharmaceutica lusitana cumpre-me levar ao conhecimento de v. s.^a alguns factos que se estão dando n'esta cidade, com a venda de certos preparados pharmaceuticos e drogas medicinaes, que só são da competencia e fôro pharmaceutico.

Estes abusos têm chegado a ponto de Luiz Simões Moura de Sá, da rua do Corvo d'esta cidade, annunciar nos jornaes da localidade a venda de iodureto de potassio, sulphato de quinina, salsa parrilha, açafrao, etc.; e n'outras se vende injeccão Brou, pasta de Regnaud, dita de Nafé, rob de Laffateur, pilulas de Dehaut, xarope anti-nervoso, phosphato soluvel de Leras e vinho de salsa parrilha; chegando-se a dizer ao comprador que tudo ali é verdadeiro, porque vem directamente de Paris!! Vendendo-se mais em todas as lojas de ferragem o arsenico e verdete, e o delegado de saude do districto, a quem compete a policia medica e pharmaceutica, e que não ignora estes factos escandalosos, nenhuma providencias dá para acabar com estes abusos.

Peço a v. s.^a se digne informar a sociedade d'estes factos, para dar as providencias que lhe aprouver.

Deus guarde a v. s.^a Coimbra, 20 de agosto de 1861.—
Ill.^{mo} sr. Joaquim José Alves, meritissimo secretario da sociedade pharmaceutica lusitana.—*Luiz Rodrigues Ferreira Neves.*

VARIÉDADES

Banhos sulphurosos de Monte Real. — Existe n'esta localidade, e abriu-se no 1.^o de julho do corrente anno ao publico a casa d'estes banhos, que apresenta todas as commodidades.

São de reconhecida vantagem; seu preço é de 60 réis cada um, e gratis para os pobres.

A sua direcção acha-se a cargo do sr. José Ricardo, pharmaceutico da localidade.

Meio de preservar os animaes da epizootia. — Segundo diz o *Industrial francez*, durante uma epizootia que acaba de reinar na Russia, fez-se uma descoberta que, a confirmar-se, seria da maior importancia, não só para livrar os animaes do typho epizootico, como tambem porque a medicina poderia d'aqui tirar partido para a especie humana.

Parece que, inoculando debaixo da pelle de um animal são a saliva de outro enfermo, se produz n'aquelle uma ligeira enfermidade, que o preserva da enfermidade. Muito conviria averiguar se taes observações chegaram a confirmar-se, e se offerecem a vantagem que d'ellas se pôde tirar.

General pharmaceutico. — O *Heraldo* da Nova York, de 10 do corrente, diz que o presidente Lincoln acaba de fazer varias nomeações de generaes, a cuja classe subiram por este motivo um professor de astronomia, um empregado do governo e um pharmaceutico.

Flora Cesar augustana e curso pratico de botanica. — Esta interessante obra posthuma do sr. D. Pedro Gregorio Echeandia, pharmaceutico distincto, primeiro cathedratico de bota-

nica do jardim da universidade litteraria de Zaragoza, e presidente do collegio dos pharmaceuticos da mesma cidade, é precedida de um discurso lido na sessão publica do anniversario 124.º da instituição official do collegio dos pharmaceuticos de Madrid, pelo sr. D. Manuel Pardo Bartolini, regente de historia natural, etc., etc., que a deu á luz, e como socio correspondente da nossa sociedade lh'a offertou.

Esta publicação torna-se recommendavel pela ordem, methodo e clareza com que se acha escripta.

Analyse das aguas mineraes acidulo-alcaldas de Sansas e de Caldernas, no valle de Verin. — O nosso amigo e consocio do Porto, o sr. Francisco Bernardo dos Santos, acaba de offerer-nos, o que desde já agradecemos, o folheto, traducção sua, da analyse das aguas referidas, feita em 1854 pelo chimico em S. Thiago, o sr. dr. Antonio Cazares.

As vantagens reconhecidas pela medicina no uso d'estas aguas levou o sr. Francisco Bernardo dos Santos a effectuar a dita traducção, fazendo assim um serviço á humanidade e á sciencia.

Synonymia chimico-pharmaceutica e catalogo de todas as substancias medicinaes e medicamentos officinaes com uso na therapeutica. — Segundo um prospecto que recebemos, vae breve sair á luz a producção d'este titulo, original do nosso collega do Porto, o sr. Agostinho da Silva Vieira.

Satisfaz-nos ver o desenvolvimento que entre nós vae tomando a pharmacia, e cremos que esta satisfação será tão geral, que escusámos recommendar e pedir a todos os collegas que com suas assignaturas animem estas e outras publicações, a fim de que a pharmacia continue a conservar a consideração que lhe assiste.

Febrifugos na China. — Entre os chins não se usa da quina como anti-periodico, mas servem-se como febrifugos de muitos vegetaes pertencentes, como este, á familia das rubiaceas.

Não seria para desprezar, antes conveniente, investigar quaes são estas plantas, se estão ou não estudados seus prin-

cipios activos, e se estes igualam ou excedem a quina em seus effectos therapeuticos.

Sessão solemne anniversaria pharmaceutica.— O collegio dos pharmaceuticos de Madrid celebrou, a 21 de agosto passado, o 124.º anno da sua installação. Entre as differentes menções honrosas e premios apresentados offerece de notavel o discurso do sr. Pedro Bartolini, sobre a importancia e valor scientifico de *Flora echeandia*.

Louvámos o zêlo do collegio dos pharmaceuticos de Madrid, e desejamos-lhe a continuação de uma vida prospera.

J. J. ALVES.



ANNUNCIOS

Synonymia chimico-pharmaceutica e catalogo de todas as substancias medicinaes e medicamentos officinaes com uso na therapeutica, por Agostinho da Silva Vieira, pharmaceutico de primeira classe, chimico e pharmaceutico do hospital real de Santo Antonio, primeiro official do jardim botanico da academia polytechnica do Porto, redactor da *Revista de pharmacia e sciencias accessorias do Porto*, etc.

Está quasi concluida e breve entrará no prelo uma *Synonymia chimico-pharmaceutica*, a qual para os srs. pharmaceuticos poderá tambem servir de catalogo e indice nas suas pharmacias, pelo modo como é concebida, e conterà todos os nomes das substancias medicinaes, medicamentos simples e compostos officinaes, actualmente em uso, com os respectivos synonymos, desde os mais antigos até os mais modernos, colhidos dos melhores tratados de chimica e pharmacia.

Não é necessario encarecer esta obra, por isso que todos aquelles, a quem particularmente é destinada, sabem a falta absoluta que temos de livros d'esta ordem; não sendo raro muitas vezes ter de recorrer a um grande numero de tratados para achar e verificar a synonymia de uma substancia qualquer, e muitas vezes não ser possivel encontrar á mão todos

aquelles livros que determinam bem os synonymos, quer antigos quer modernos.

Segue-se um specimen tanto do typó e signaes com que serão compostos os nomes preferiveis, segundo a melhor e mais verdadeira nomenclatura, baseada no rigoroso estado em que se acha a respectiva substancia ou preparado, bem como os synonymos com suas referencias ao nome scientifico, seus formatos e papel.

Não sendo possivel fixar desde já o preço total da obra, fica marcado o custo de cada folha de impressão (16 paginas, *Synonymia*) 40 réis, o maximo, e para os srs. pharmaceuticos (*Synonymia* e índice) 50 réis, fazendo-se ainda assim a equidade possivel, se a obra o permittir.

Analyse das aguas mineraes acidulo-alcalinas de Sousas e de Caldellas, no valle de Verin, pelo dr. Antonio Cazares. Traducção do pharmaceutico o sr. Francisco Bernardo dos Santos, do Porto.

Vende-se no Porto, em casa do traductor, rua de Santo Ildefonso n.^{os} 61 a 65, e em Lisboa, na pharmacia do sr. Azevedo, praça de D. Pedro n.^{os} 31 e 32.

ERRATAS DO NUMERO ANTECEDENTE

PAGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
162	22	laticiosas	leticiosas
163	21	articulares	particulares
164	20	causa	cousa
164	32	affixar	fixar
166	23	Candau	Canáce
167	27	a uma	uma
168	25	exemplifica-la	exemplifica-los
168	26	algum	algum
169	7	os nobres	os novos
169	8	cursavam	cursaram
169	12	não	nos

PHARMACIA

POÇÃO DE CHOPART, MODIFICADA

No *Moniteur des sciences médicales e pharmaceutiques* encontramos o seguinte, sobre este assumpto: «Pelo testemunho de um grande numero de praticos sabemos que a poção antigonorrháica de Chopart é de uma efficacia superior a todos os especificos até hoje preconizados, mas o seu sabor menos agradável faz com que o uso não seja tão geral, como aliás deveria ser se os doentes o não repugnassem, por causa do seu mau sabor».

A feliz observação que o sr. Favrot acaba de indicar ácerca dos effeitos da associação da copahiba com o alcatrão nos suggeriu a idéa de estudar a poção de Chopart. O bom exito que obtivemos, e as observações subsequentes feitas por outros praticos, nos levaram a adoptar a seguinte modificação.

Formula primitiva:

Copahiba	
Alcool	
Xarope de Tolú	aã 60 grammas
Agua de hortelã	
Agua de flor de laranjeira	
Alcool nitrico	8 centigrammas

Misture-se.

A formula modificada por nós é a seguinte:

Copahiba	aã 60 grammas
Xarope de alcatrão	
Agua de alcatrão	180 »
Alcool nitrico	8 »
Gomma arabica em pó	15 »

Triture-se n'um gral a gomma, a copahiba e o xarope, e faça-se uma emulsão, juntando a agua de alcatrão a pouco e pouco. O alcool nitricó junta-se na garrafa e agita-se esta fortemente.

Empregam-se tres até seis colhêres por dia. O cheiro da copahiba e mesmo o sabor são de tal maneira attenuados, que se chega a duvidar da existencia da copahiba, porque os substitue o cheiro dominante do alcatrão, aindaque debil, mas agradável. O effeito gonorrháico é logo diminuido.

(El Siglo medico.)

REMEDIO PARA A CURA DA SARNA

O dr. Metzel emprega para a cura da sarna o oleo phosphorado, cuja formula é a seguinte:

Phosphoro	8 grammas
Azeite	500 »

Misture-se e aqueça-se por um quarto de hora, agitando a mistura de vez em quando, e conserve-se em frascos bem rollhados. O auctor diz que em oitenta enfermos tratados por este meio, em todos obtivera cura completa n'um espaço de tempo, que não excedêra a seis dias, o maximo.

Esta preparação offerece algum perigo em seu uso, e por isso requer alguma prudencia da parte do pratico para emprega-la.

No mesmo periodico d'onde copiámos estas linhas encontra-se a indicação de outra formula para a cura da sarna, que segundo parece, é de mais commoda applicação e exito igualmente seguro; tal como a agua ferrica, cuja composição é a seguinte:

Acido ferrico commum	25 grammas
Agua distillada	500 »

Misture-se e agite-se; passado algum tempo decante-se a beneficio de um funil de chave, do acido que se não dissolve e fica no fundo do vaso. A agua dissolve 3 a 4 por 100 do acido ferrico a 20° do thermometro. Apesar da saturação moderada conserva um sabor picante e cheiro mui vivo.

Emprega-se em locções em todo o corpo por meio de uma esponja e faz desaparecer a sarna em quarenta e oito horas,

empregando-se tres vezes por dia. De todos os antipsoricos este é, sem contradicção, o mais economico.

Quando convenha sobrecarregar mais a agua do acido ferri-rico deve recorrer-se ao alcool ou melhor á glycerina.

(Bollet. de therap.)

GARGAREJO ANTI-SYPHILITICO DO DR. REMOUSSIN

Agua	240 grammas
Bichlorureto de mercurio	30 centigrammas
Acido chlorhydrico	42 gotas
Xarope simples	30 grammas

Misture.

Para gargarejar tres vezes por dia, nos casos de ulceracões sypthiliticas de garganta.

PÓS DE CRÉ COMPOSTOS DA PHARMACOPEA INGLEZA

Cré depurado	250 grammas
Canella em pó	125 " »
Tormentilla em pó	} aã 90 " »
Gomma arabica em pó	
Pimenta longa em pó	15 " »

Misture.

Dóse: de setenta e cinco centigrammas a um gramma por dia.

POMADA OPHTHALMICA DO DR. DECONDÉ

Iodureto de potassio	30 centigrammas
Manteiga lavada	} aã 4 grammas
Oleo de figados de bacalhau	

Misture.

Emprega-se de manhã e á noite, no volume de um grão de milho. Seus effeitos são, segundo se afiança, mui notaveis sobre as manchas da cornea.

(Bollet. de therap.)

ACÇÃO DA SANTONINA SOBRE A VISÃO E SUAS CAUSAS¹

O sr. Franceschi não admite a acção electiva dos medicamentos, e não reconhece na santonina nenhuma propriedade physiologica que auctorise a classifica-la entre os excitantes especiaes do systema nervoso.

A maneira de obrar d'este medicamento sobre a visão, que o fez propor recentemente como um estimulante particular do nervo optico e da retina não deve ser considerado, segundo este auctor, senão como um effeito de sua propriedade colorante. A santonina pura é branca e cora-se debaixo da influencia da luz. Nos orgãos em que ella se acha ao abrigo da luz permanece incolor, mas não succede assim no orgão visual que soffre a acção da luz, d'onde resulta a alteração da visão, que é obrigada a exercer-se através de um meio corado pela santonina.

Este professor apoia esta opinião na seguinte experiencia. Tomou dois grãos de santonina, dissolveu-os em um vehiculo aquoso, e abandonou a solução por uma semana até que corasse; e da ingestão não resultou alteração ou modificação alguma na visão nem coloração particular nas urinas.

A mesma quantia de santonina, ingerida antes de fazer-se amarella á luz, desenvolveu de uma maneira mui clara os phenomenos da coloração dos objectos.

Este effeito durou muitas horas, acompanhado de uma ligeira dilatação da pupilla. A urina, clara no momento da sua emissão, promptamente se tornou amarella e successivamente de côr esverdeada.

A coloração amarella que o auctor fez experimentar á santonina, submettendo-a á acção da luz antes da ingestão, seria sufficiente para privar este medicamento da virtude especial que até agora se lhe attribua. Este alcaloide não possui pois

¹ Nós já no 1.º tomo da 2.ª serie do *Jornal de pharmacia e sciencias accessorias*, a pag. 86, no artigo pastilhas, dissemos alguma cousa sobre a acção que a santonina exerce sobre a visão.

(Nota do traductor.)

senão uma acção colorante sobre o orgão visual, porque este tambem é o unico que offerece as condições da transparencia á luz, que são indispensaveis para similhantes mutações de côr. Este phenomeno não se associa a nenhum outro que indique uma acção qualquer sobre o systema nervoso. É indubitavel que nem a ruiva nem o rhuibarbo produzem efeitos analogos, aindaque, como a santonina, tenham penetrado profundamente a economia; mas isto é devido unicamente a estarem estas substancias já inteiramente coradas antes de ingeridas, emquanto que a santonina só se cora no seio do organismo, quando submettida á acção da luz.

Estas experiencias são dignas de repetir-se, e se novas derem identicos resultados, a therapeutica poderá ainda achar o meio de isolar a virtude vermifuga da acção incommoda que ella exerce sobre a visão.

(Raccoglitore medico.)

TRATAMENTO DA TINHA

PELO SR. DUBINI

O sr. Dubini acaba de publicar o informe annual das enfermidades cutaneas durante o ultimo anno em sua clinica particular ou especial no hospital maior de Milão.

N'esta excellente informação encontram-se os seguintes dados relativos ao tratamento da tinha, enfermidade rebelde, contra a qual se têm proposto tantos medicamentos, mas de pouca ou nenhuma efficacia. O grande numero de tinhosos tratados pelo sr. Dubini dá um valor real ás experiencias ou ensaios do dito professor. E com effeito, durante o anno de 1860 206 tinhosos, sendo 128 do sexo masculino e 78 do feminino, foram completamente curados no hospital. D'estes, 167 ficaram curados e 39 ficaram em tratamento no fim d'este anno.

O antigo methodo do casquete de pez, que não é mais doloroso que tantos outros elogiados como menos barbaros, seria na mente do sr. Dubini um tratamento efficaz e digno de ser preferido a outro qualquer, se não tivesse contra si uma

duração demasiado longa, e que constitue um inconveniente real. Depois de diversos ensaios comprehendidos para supprir este processo por outro mais vantajoso e curto, eis o que lhe pareceu que melhor correspondia ao fim a que se propunha:

1.º Applicação de banha sobre as crustas, depois de cortado o cabello a um centimetro de distancia da raiz; cataplasma de linhaça, sobre a banha, por vinte e quatro horas;

2.º No dia immediato á quèda das crustas, procede-se á depillação por meio de pinças, operação que não é muito dolorosa, ou o é muito pouco, e em que se não gastam mais que duas horas por dia, continuando nos immediatos, de maneira que ao terceiro dia esteja completamente depillado.

3.º Conseguida a depillação, applica-se o capacete de pez, com o fim de arrancar os pellos mais finos, que escaparam á depillação. Déve notar-se que o capacete ha de ser tirado na manhã do dia seguinte, o que não causa dor sensível, e produz uma completa ressudação do craneo;

4.º Ao quarto dia banha-se toda a cabeça a beneficio de um pincel, embebido em solução posta em pratica a primeira vez pelo dr. Pietro Berri.

Iodo puro	} aã 1 onça
Iodureto de potassio	
Agua distillada	6 »

Esta solução applica-se no mesmo dia de tarde: sua applicação produz bastante sensação, que as creanças desvanecem correndo com a cabeça a nu até que a solução se evapore. Ao quinto dia cataplasma de linhaça, para destacar a crosta rubra que resta da solução. Ao sexto se faz desaparecer a que ainda resta, por meio do uma solução de 15 grammas de potassa em 500 de agua. applica-se novo capacete de pez para arrancar alguns cabellos que de novo tenham brotado.

Tal é a ordem por que devem applicar-se os medicamentos até perfeita cura, quer dizer; um dia capacete, no seguinte solução iodorada, outro cataplasma, etc., e assim successivamente até á conclusão.

Por este methodo em que só se deram tres repetições ou recaídas durante todo o anno, em que foram curados todos, entre vinte e nove a noventa e sete dias de demora.

(Prensa méd. belge.)

**TRATAMENTO DA DIABETIS ASSUCARADA PELO EMPREGO SIMULTANEO
DO ALUMEN CALCINADO E DO EXTRACTO DE RATANHIA**

Eis-aqui o que sobre este assumpto diz o sr. Demeaux, n'uma communicação que fez á academia das sciencias de Paris.

«Desde muitos annos trato a diabetes sacharina pelo emprego do extracto de ratanhia e alumen calcinado, em partes iguaes, e tenho obtido resultados, que a principio muito me alentaram, a ponto de que em 1856 os communiquei ao meu amigo o sr. Bernard. Tive occasiões de observar enfermos em diversos periodos de affecção, e em alguns d'estes ella apresentava diversos graus de intensidade. Em quasi todos notei que o tratamento pelo indicado medicamento modificava de uma maneira notavel os symptomas principaes; assim pois debaixo da influencia d'este medicamento observei que alguns doentes, em poucos dias, chegavam a um periodo mui avançado, e que n'estes o appetite em poucos dias se tornava menos voraz, a sêde menos intensa, as urinas menos abundantes, e a quantidade de assucar notavelmente diminuida.

Em outros doentes em quem a enfermidade não estava sufficientemente caracterizada para permitir estabelecer-se um diagnostico formal e preciso, assim mesmo observei que alguns enfermos recobravam a saude primitiva em algumas semanas de tratamento».

Em um trabalho mais extenso me proponho tratar esta questão em todos os detalhes que sua importancia exige; na presente communicação limito-me a referir os factos, cujo diagnostico não podia ser duvidoso, e nos que o tratamento indicado produziu completa cura.

F. J. R. LOUREIRO.

(Monit. des sciences méd. et pharmac.)

QUÍMICA

CAMPHORATO DE QUININA

O sr. Pavesi, pharmaceutico italiano, publicou o seguinte processo:

Dissolve-se o acido camphorico puro em oito partes de agua distillada fervendo: junta-se a pouco e pouco a quinina até completa saturação, agitando constantemente a mistura. Chegado este termo junta-se-lhe uma porção de carvão animal puro, filtra-se o liquido e faz-se evaporar até á seccura, a calor brando. Obtem-se em resultado um pó branco, que se conservará em frascos bem rolhados.

Do mesmo modo se prepararáo os camphoratos de morphina e de estrichnina.

(El Restaur. pharmac.)

BI-CARBONATO DE AMMONIACO

Durante o ultimo inverno os canaes de ferro da fabrica de gaz, em Vienna, encontraram-se quasi obstruidos por uma porção consideravel de crystaes transparentes de fôrma regular, mui finos e de dois centimetros, approximadamente, de longitude. Analysados detidamente pelo sr. Mandelblut, e debaixo do ponto de vista crystallographico, pelo sr. Ditscheiner, no laboratorio do dr. Scheotter, e este, em uma memoria que leu na academia das sciencias de Vienna, faz ver e prova que estes crystaes são o bicarbonato de ammoniaco. Este sal, assim formado por via secca e de um modo espontaneo, prova-nos que é possivel a sua formação em circumstancias onde ninguém se lembraria de o obter, nem procurar.

(El Restaur. pharmac.)

AGUA DE ACIDO PHENICO

Acido phenico commum	25 grammas
Agua distillada	500 »

Misture-se e agite-se fortemente. O excesso de acido que

se não dissolve deposita no fundo do frasco depois de algum repouso, e separa-se a agua por decantação para se empregar.

Tem o sabor picante: emprega-se em loções, por meio de uma esponja, tres vezes por dia, e faz desaparecer a sarna em quarenta e oito horas. É sem contradicção o antipsorico mais economico de todos os até hoje conhecidos. Consta ter-se empregado com muito bom successo nas enfermarias de algum regimentos francezes.

Quando convenha saturar mais o liquido de acido phenico, deve então empregar-se o alcool ou melhor a glycerina.

(El Restaur. pharmac.)

SULPHATO DE CADMIO

O processo para obter este sal é facil e simples. Consiste elle em tomar 100 grammas, por exemplo, de sulphato de cobre crystallizado, que se dissolve em agua; mergulha-se n'esta dissolução uma lamina de cadmio bem batida; abandona-se por algum tempo a operação, e separa-se o cobre que se precipita, por meio da filtração. Conserva-se por muito tempo a solução filtrada, até que precipite o ferro, e isto conseguido, filtra-se de novo, e quando já não precipita nada evapora-se, tendo cuidado de acidular o liquido ligeiramente com algumas gotas de acido sulphurico diluido.

(Echo medical suisse.)

PURIFICAÇÃO, PREPARAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PROTO-SULPHATO DE FERRO

As preparações de ferro representam hoje na therapeutica um papel importantissimo, e o proto-sulphato de ferro nenhuns cuidados tem merecido n'estes ultimos tempos, tanto em relação á sua preparação directa, como á sua purificação e conservação, não havendo aliás rasão plausivel para um tal abandono, já porque elle serve de base a differentes preparados, e já porque d'elle se derivam outros productos marciaes.

Infelizmente poucos pharmaceuticos se dão ao trabalho de

o preparar; uma grande parte limita-se a purificar o do commercio, e outros, que se não incommodam por causa da boa ou má qualidade dos seus medicamentos, não duvidam empregar o do commercio, tal como lhes é fornecido pelas drogarias.

O preparado nas officinas deve ser preferido em todo o caso, mesmo porque o seu preparô é facillimo, fazendo reagir o acido sulphurico diluido sobre o ferro puro, filtrar, concentrar a dissolução e crystallisar pelo repouso; ou então, querendo empregar o do commercio, deve este ser previamente purificado. Esta purificação porém, tal como ella se costuma empregar ou praticar, não elimina completamente, em nosso entender, os saes de zinco, de alumina e de magnesia, que costumam inquinar o vitriolo verde, mas em todo o caso não deixa de ser conveniente, porque ella os despoja do cobre e do arsenico, que são os que podem ser perigosos, enquanto que os tres primeiros não offerecem grande inconveniente; mas seria da maior conveniencia que o sulphato fosse inteiramente livre de todos, porque do contrario elles causariam outras tantas complicações em casos graves, e com especialidade nas experiencias de chimica legal.

O modo mais facil de o purificar consiste em faze-lo dissolver em agua, ferver o soluto por algum tempo sobre ferro metallico, depois filtra-lo, concentrar e deixa-lo crystallisar pelo repouso. Nós juntámos ao soluto marcial uma pequena quantidade de acido sulphurico e mantemos o liquido a quente até a saturação total do acido. Esta ligeira modificação é muito vantajosa, porque accelera a redução do peroxydo de ferro que possa existir no vitriolo verde pelo desenvolvimento do hydrogenio a que dá lugar.

N'estes dois modos de obrar quasi sempre o liquido filtrado apresenta a côr verde escura, que não tarda em tornar-se turva.

Estes dois effeitos são produzidos pela absorpção do oxygenio atmospherico, que faz passar parte do metal ao estado de peroxydo.

É indispensavel, para se oppor quanto possivel a esta alteração resultante do contacto do ar, deixar no liquido um ligeiro excesso de acido sulphurico em presença do ferro metallico; o hydrogenio que se desenvolve até o ultimo instante no seio do soluto conserva o sal de ferro ao minimo de oxydação, e o liquido, depois de filtrado, fica de côr verde tão clara que parece claro, visto em pequenas quantias.

Por este methodo de purificação o ferro preenche, como se vê, duas indicações:

1.º Reduzir inteiramente o vitriolo verde do commercio ao estado de sal de ferro;

2.º Priva este corpo de todo o cobre que possa conter.

Para precipitar todo o arsenico faz-se a final atravessar a solução ferrica por uma corrente de hydrogenio sulphurado. O sulphydrico transforma o arsenico em sulphureto insolavel no sulphato de ferro. Este gaz não tem só acção sobre o arsenico, como tambem reage sobre o cobre e o reduz ao estado de sulphureto; e sobre o sulphato de peroxydo de ferro, que tambem reduz ao estado de sulphato de protoxydo.

O gaz hydrogenio sulphurado é sufficiente para purificar o sulphato de ferro do commercio, mas exige para ser conduzido ao liquido marcial um apparatus especial, que não merece a despeza que com elle se faz, a não ser para os que o preparam em grande.

Mas o sr. Legrip propõe um meio muito mais facil e economico para purificar o sulphato de ferro do commercio, e que é preferivel; é o seguinte:

Tomem-se 1:000 grammas de sulphato de ferro do commercio, introduza-se n'um matraz ou capsula de porcellana, comquanto baste de agua, e junte-se-lhe acido sulphurico concentrado 20 grammas* por cada 2:000 de agua que se empregar; aqueça-se para operar a dissolução, e quando quente vae-se-lhe juntando a pouco e pouco 10 até 20 grammas de sulphureto de ferro em fragmentos, de maneira a evitar grande desenvolvimento de gaz hydrogenio sulphurado. Agite-se a mistura de vez em quando, para que o des-

envolvimento seja lento e successivo. Logoque a dissolução se effectue introduz-se n'ella alguns bocados de ferro puro não oxydado. Continua a aquecer-se, e a elevar o liquido á ebullição, até que este esteja de côr verde claro, e sufficientemente concentrado para crystallisar pelo resfriamento.

Lança-se então sobre os filtros, previamente lavados com agua acidulada com acido sulphurico, e recebe-se o liquido n'um vaso, cujas paredes tenham tambem sido banhadas pela agua acidulada dos filtros. Esta crystallisação faz-se por dois modos, ou pela fórmula ordinaria, por meio do repouso, ou vascolejando o liquido amiudadas vezes, para que o sal se precipite em fórmula pulverulenta.

O sulphureto de ferro, n'esta operação, tem por objecto principal o desenvolver o hydrogenio (sem levar corpo algum estranho á solução), transformar o cobre e o arsenico em sulphuretos, e reduzir, se não na totalidade, por causa da pequena proporção, ao menos uma grande parte do peroxydo de ferro ao estado de ferro protoxydado. Por outra parte a sua acção é quasi instantanea, porque o hydrogenio sulphurado, formado no seio da solução do sulphato ferrico, tem muito maior tendencia no estado nascente para a combinação, e por isso maior facilidade em precipitar as mais insignificantes quantias de cobre e arsenico, e n'este caso pôde mesmo supor-se que nada se perde, porque o excesso é utilizado em desoxygenar o peroxydo de ferro. É da maior utilidade que o gaz hydrogenio se desenvolva lenta e vagarosamente para que o cheiro se não propague alem do banho ferroso, e o cobre e arsenico sejam competentemente eliminados, visto que os seus sulphuretos são insolúveis, tanto no liquido ferrico, como nos liquidos acidulados. Terminada a primeira reacção, a introducção do ferro no soluto salino dá origem ao gaz hydrogenio, que tem por fim:

- 1.º Deslocar e destruir completamente o acido sulphydrico dissolvido no liquido marcial;
- 2.º Completar a desoxygenação do peroxydo de ferro;
- 3.º Reparar sem cessar o prejuizo occasionado incessan-

temente pelo oxygenio do ar, durante a concentração. O soluto ferrico deve conservar durante a operação um leve excesso de acido sulphurico em presença do ferro metallico, pelos motivos já referidos.

Depois de filtrado o liquido fica muito limpido e claro, e nada ha a receiar da separação do peroxydo ou do sub-sulphato de ferro, devido á presença do pequeno excesso do acido.

O sulphato de ferro assim preparado é tão pouco corado que parece quasi branco, principalmente quando se obtem em estado pulverulento. A coloração é, como se sabe, um caracter positivo do estado protoxydado d'este sal, ao menos até hoje os reactivos ainda não desmentiram este caracter. Por este methodo é possível aos fabricantes d'este producto fornecer o commercio d'elle, sem augmento de preço, isento de cobre e arsenico. O processo que deixámos transcripto é sufficiente para traçar a marcha que no preparo deverão seguir.

Emquanto á conservação d'este sal, os auctores são todos conformes em que os crystaes, depois de esgotados e seccos, se devem guardar de prompto em frascos bem rolhados, depois de bem seccos; mas este methodo de conservação offerece inconvenientes, e todos terão notado que a oxydação tem logar pouco tempo depois, e que se propaga com a maior celeridade á totalidade da massa. O methodo mais facil, melhor e mais economico para proteger este sal da oxydação é o seguinte:

Quandoo sulphato ferrico tinha sido separado das aguas mães, decantam-se estas para um frasco apropriado e cujas paredes tenham tambem sido aciduladas com uma sufficiente quantidade de acido sulphurico; introduz-se o sal nas aguas mães, em tal quantia que ellas o recubram bem, e tape-se o frasco.

D'esta fórma o sulphato de ferro conserva-se indefinidamente ao minimo de oxydação, e o ultimo crystal não é mais oxydado do que o primeiro. Aindaque o ar atmosferico possa ter accesso ao frasco, o seu oxygenio fixa-se de preferencia sobre o sal dissolto nas aguas mães, e o peroxydo que se fórma depois encontrando acido sulphurico livre, suffi-

ciente para o saturar, fica em dissolução. Se, por qualquer casualidade, os cristaes se oxydam na superficie, as aguas mães os limpam sem cessar do peroxydo formado.

Quando para serviço das pharmacias é necessario abrir os frascos que o contém assim conservado, deve tirar-se só a quantia necessaria, e enxuga-lo bem entre papel pardo antes de o empregar. As aguas mães, ainda que se tenham peroxydado com o tempo, nunca deverão ser rejeitadas, porque podem ser utilizadas em novas purificações.

É facil conceber que quaesquer outros saes, principalmente o chlorureto e todos aquelles cuja base seja o protoxydo, podem ser purificados igualmente por este methodo.

F. J. R. LOUREIRO.

PHYSICA

O OZONE CONSIDERADO COMO CAUSA PROVAVEL DE CERTAS MOLESTIAS

Ha poucos annos que o sr. Schoenbein publicou uma memoria em que prova que a materia que se desprende de alguns pontos dos conductores electricos, dos das pilhas galvanicas e do phosphoro em contacto com a humidade, são identicos, e lhes deu o nome de ozone, por causa do seu cheiro penetrante.

Esta materia é não só muito oxygenante e capaz de oxydar a prata á temperatura ordinaria, como tambem de produzir nos ductos respiratorios, quando se acha derramado na atmosphaera, os mesmos phenomenos, occasionados pelo bromio e pelo chloro; aquelle, da mesma fórma que estes ultimos, irrita a mucosa das vias respiratorias e produz affecções catharrhaes intensas.

Como o ozone se desenvolve continuamente por meio das descargas electricas no ar atmospherico, o seu desenvolvimento é sempre na rasão directa e proporcional á quantidade da electricidade contida no ar.

Alguns escriptores querem que o ozone seja um composto de azote e oxygeneo em proporções ainda não definidas; outros querem que seja composto de oxygenio e de hydrogenio.

O dr. Spengler acredita que seja o resultado da decomposição da agua debaixo da influencia da acção electrica. Finalmente o sr. Draper julga que é o oxygenio em si mesmo, a quem a electricidade pôde transmittir propriedades particulares, e com effeito elle pôde obter-se fazendo passar uma corrente electrica através do oxygenio puro, e n'esse mesmo instante se manifesta o cheiro sulphuroso, cuja formação pôde ser previnida por uma pequena proporção de vapor de ether, de alcool ou de gaz oleificante.

É muito facil o meio de conhecermos a presença do ozone no ar atmospherico, porque nós sabemos, segundo as experiencias do sr. Schoenbein, que uma tira de papel embebida em gomma de amido e iodureto de potassio puro se torna azul, debaixo da influencia do ozone, e que esta mudança não tem lugar debaixo da influencia do oxygenio puro, do azote, do ar atmospherico e do carbonio, se o iodureto de potassio não contém iodato de potassa ou peroxydo de potassium.

Para esta experiencia é sufficiente o suspender no ar tiras de papel empregnadas de gomma, feita de amido e iodureto de potassio puro, as quaes tomarão a côr azul com tanta maior rapidez quanto maior for a quantia do ozone derramado na atmosphaera, se as mesmas tiras assim preparadas se suspenderem n'um quarto cheio de ar, mesmo contendo alguma quantidade de carbone em mistura, ellas se conservarão inalteraveis indefinidamente; se, pelo contrario, se expõem ao ar movivel e livre tomarão a cor azul n'um espaço de tempo mais ou menos longo quando o ar esteja humido, e escurea quando o ar for secco. O sr. Schoenbein, pela experiencia de muitos annos, pôde certificar-se que os mesmos papeis expostos ao ar livre em certas epochas tomavam a côr azul no espaço de duas horas, emquanto que n'outras gastavam muitos dias para se corarem. Em geral, na estação fria, especialmente quando nevosa, a coloração é prompta; aindaque tambem em alguns dias do estio notou que a coloração tinha lugar, especialmente nos dias em que havia trovoadas.

Este auctor entende portanto que as epidemias catharraes

durante as estações humidas são devidas á grande quantidade de ozone derramado na atmosphera em taes occasiões. Uma experiencia feita em Bale por alguns medicos, durante as epidemias catharrhaes intensas que ali tiveram logar durante o inverno de 1848, fez ver que a coloração do papel fôra sempre em relação á maior ou menor intensidade das epidemias. O sr. Spangler relata tambem o seguinte facto importante (que se lê no *Méd. gazt. from. henle's-zeitschrift*).

Em fins do anno de 1846, diz elle, uma ligeira affecção percorria a aldeia de Rogendorf, no Mecklemburg, e observou-se no ar uma diminuta proporção de ozone. A epidemia tomou um character mais intenso, as bronchites tomaram um character assustador, o erup não só atacava de morte as creanças, como tambem os adultos, e notou-se por esta occasião que o ozone da atmosphera fôra encontrado em muito mais abundancia. Finalmente um dia em que algumas pessoas foram victimas do grype agudissima, o ozone tinha tambem sido encontrado em muito maior abundancia no ar.

O sr. Schoenbein lembra tambem que durante as trovoadas se formam, como nas experiencias electricas e galvanicas, vapores de acido nitrico á custa do ar atmosphérico, e que os papeis referidos expostos ao mesmo ar em taes occasiões tomavam a côr azul promptamente.

Tambem lembra a necessidade de verificar se os individuos que moram nos logares visinhos ás nascentes sulphurosas, bem como os obreiros que trabalham em metaes, de que emana acido sulphuroso, são menos expostos do que os outros ás epidemias catharrhaes.

F. J. R. Loureiro.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 612 DA SESSÃO DE 11 DE SETEMBRO DE 1861

Presidencia do sr. F. J. R. Loureiro

Ás sete horas da tarde abriu o sr. *presidente* a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente.

O sr. *primeiro secretario* leu a correspondencia, que teve o competente destino, e em seguida a lista dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

O sr. *Tedeschi* pediu a palavra antes da ordem do dia, para declarar que se constituiu o *gremio pharmaceutico*, sendo elle eleito *presidente*; o sr. Sebastião Athanasio Estanslau da Silva, *secretario*; e *classificadores*, o sr. Loureiro, pelo bairro de Alfama; Henrique José de Sousa Telles, pelo bairro Alto; pelo de Alcantara, o sr. Thomás de Aquino Alves; e pelo do Rocio, o sr. Assumpção.

A sociedade deu as maiores provas de contentamento pela boa escolha que em tal constituição se fez.

ORDEM DO DIA
PROPOSTAS

O sr. *José de Matos Saraiva* apresentou uma proposta de socio; corrida a cedula procedeu-se á votação, e foi admittido socio correspondente o sr. Antonio dos Santos Ferreira, pharmaceutico na villa de S. Thiago de Cacem.

Não havendo mais nada a tratar, fechou o sr. presidente a sessão eram nove horas da noite, dando para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de commissões, e segundas leituras. — *Antonio Joaquim Labatte*, segundo secretario.

VARIÉDADES

Soiedade de previsão dos pharmaceuticos do Sena. — Na reunião que esta sociedade celebrou, occupou-se, entre varios assumptos, dos parasitas que exploram os direitos dos pharmaceuticos. Fixou mui especialmente a sua consideração sobre a jurisprudencia que convem dar ácerca das officinas de pharmacia, dirigidas por pharmaceuticos que se prestam a por-se á frente das estabelecidas por pessoas especuladoras, com tanto mais motivo quanto estes haviam depositado um fundo consideravel para sustentar a luta contra os pharmaceuticos honrados, valendo-se dos advogados mais afamados de Paris. Fortes os pharmaceuticos em seu direito e na lei,

cheios de confiança na justiça de sua causa, apprehenderam a luta, decidindo o tribunal definitivamente que o pharmaceutico legalmente auctorizado é o unico que pôde abrir officina de pharmacia, e tambem o unico que tem direito de possui-la; disposição que foi confirmada pelo tribunal de Paris, multando os proprietarios de estabelecimentos por lhe haver proveydo *que exercem illegalmente a pharmacia.*

O genero feminino exigindo intrucção medica.—Lè-se no *Siglo medico* o seguinte:

Parece que varias senhoras illustradas de Paris dirigiram ao governo representações reclamando, a favor do seu sexo, o direito de seguir a carreira de medicina, para tirar o titulo e exercer a profissão.

Assegura-se ter sido submettido ao conselho de estado.

Estatua de um pharmaceutico.—A sociedade de pharmacia de Amberes deliberoou erigir uma estatua em honra de Pedro Coudenberg, celebre pharmaceutico e botanico do seculo xvi. As despezas foram feitas á custa de subscrições particulares, dando o governo belga um subsidio de 1:000 francos.

Mais um succedaneo da quina.—Segundo as observações do dr. A. de Roseville parece que descobriu no *extracto alcoolico das folhas da oliveira* um remedio efficaz contra as febres intermitentes, nevralgias e enchaquecas. Será muito para desejar que experiencias de novos clinicos atestem até que ponto é verdadeira esta noticia, que só pôde ser comprovada por numerosos ensaios.

Modo de reconhecer se um quarto de uma casa pôde ser habitado.—Segundo um jornal de medicina da armada italiana, para verificar a humidade, põem-se 300 grammas de cal viva, recentemente saída do forno e pulverisada, dentro de um recipiente aberto, e colloca-se no quarto que se pretende observar, deixando-a ali por vinte e quatro horas, depois de haver fechado as janellas e as portas. Passado este tempo pesa-se de novo a cal, se o augmento de peso é inferior a 1 gramma, pôde habitar-se a casa, se passa de 5 grammas não poderá habitar-se sem perigo.

Nomeação.— Por portaria de 20 de agosto de 1861 foi o nosso consocio o sr. Lazaro Joaquim de Sousa Pereira nomeado pelo governo para vogal de 5.^a secção e director da exposição dos productos nacionaes em Lisboa, e dos trabalhos preparatorios para a de Londres.

Collegio de pharmaceuticos de Madrid.— *Programma de premios extraordinarios para o anno de 1862.*

«1.^o Abre-se concurso publico para premios extraordinarios, no termo de um annó, a contar da data da publicação d'este programma no periodico official do collegio, que é o *Restaurador pharmaceutico*.

«2.^o Os assumptos sobre que ha de versar o certamen serão os seguintes:

«I Qual é mais vantajosa em sua applicação ao conhecimento exacto dos mineraes, a doutrina da escola empirica, da geometrica ou da chimica?

«II Composição e natureza das principaes substancias alimenticias e bebidas de uso geral; alterações e adulterações das mesmas, e meios chimicos para reconhecer sua pureza.

«III A descripção das principaes substancias toxicas do reino mineral, e methodos analyticos para descobri-las nos casos chimico-legaes.

«3.^o Para um dos tres referidos pontos se destinará, como premio, uma medalha de prata com as inscrições correspondentes ao objecto, e como *accessit* um titulo de menção honorifica ou a nomeação de individuo ou corporação, segundo a classe do agraciado.

«4.^o Os que pretenderem concorrer a este convite, entregarão na secretaria do collegio uma memoria sobre qualquer dos assumptos designados, escripta em hespanhol ou latim, acompanhada de uma carta, cuja epigraphe seja a mesma da memoria, na qual virá o nome do auctor e sua morada.

«5.^o As dissertações serão qualificadas por um tribunal, que se designará um mez antes de concluir o praso, com relação aos estatutos e regulamento do collegio, e annun-

ciar-se-ha opportunamente o dia da adjudicação que deva ter lugar, imprimindo-se de antemão os escriptos premiados.

«6.º Designadas pelo tribunal as memorias que em seu juizo mereçam algum premio ou *accessit* dos indicados, se devolverão as cartas, d'onde conste o nome e morada dos auctores, e quando não tenham merecido ser premiadas, serão queimadas no mesmo acto.

«A junta de governo do collegio ordenará o que entender mais conveniente a este objecto, dentro do limite das suas attribuições, para o regimen interior; e annuncia-se este programma para conhecimento de todos que queiram tomar parte na sua execução.

«Publicado em 31 de março de 1861. A junta do governo portanto marca o dia 31 de março de 1862 como termo para apresentar as memorias, que deverão ser remetidas antes da dita data á secretaria do collegio, rua de Santa Clara, n.º 2.»

Fallecimento. — Falleceu o dr. Jean Girandea, de Saint-Gervais, deixando uma fortuna enorme.

Alexandrin Jullemier, que sobreviveu ainda a Girandea, publicou a receita e o valor intrinseco do rob vegetal, ironicamente anti-syphylitico; ei-la:

Raiz de genciana pura	20 centimos
Raiz de jalapa	10 »
Melaço	35 »
Essencia de canella	2 »
Total	<u>67</u>

É este o remedio heroico que vendia a 12 francos o frasco.

AVISO AOS NOSSOS CONSOCIOS

O novo local da sociedade é no predio sito na calçada de S. João Nepomuceno, n.º 32, 1.º andar: celebrando-se ali as suas sessões na segunda e ultima quarta feira de cada mez, ao anoitecer.

NECROLOGIO

Portugal chora! O povo d'esta nação supporta a mais cruel dor, porque a morte não duvidou subir ao solio para arrebatá-lhe o seu monarcha, o rei idolatrado, o symbolo de maiores virtudes, que o mundo respeitoso ainda hoje admira!

Tal foi a esmerada educação que, quando príncipe, recebeu da sua virtuosa mãe, a sempre chorada rainha, a senhora D. Maria II, e de seu augusto pae, el-rei o senhor D. Fernando II.

Todos perderam n'este lance fatal!

A sociedade pharmaceutica lusitana, que viu com o maior jubilo o sabio monarcha no começo do seu reinado alistar-se no seu quadro, lamenta hoje com a mais profunda magua e tristeza a perda do seu socio protector, em quem depositou sempre as mais fagueiras esperanças, porque todos bem conheciam no monarcha constitucional o mais vivo interesse pela illustração do seu povo.

Para tão grande magua não se encontra lenitivo! Deus, que tudo manda, nos dê resignação!

Deus tenha compaixão da familia real, e lhe minore os soffrimentos de golpe tão cruel.

Só uma lembrança póde suavisar nossos soffrimentos! É que no céu havia distincto logar para o homem, que sendo creado por Deus para exemplo do genero humano, o mesmo Deus o levou bem depressa para junto de si, porque o mundo nem o sabia apreciar, nem era digno d'elle.

A classe pharmaceutica, pagando assim um titulo de gratidão para com o monarcha protector, rendeu-lhe as ultimas homenagens, acompanhando o cadaver ao real jazigo de S. Vicente de Fóra, onde jaz em descanso.

J. J. ALVES.

PHARMACIA

REMEDIO CONTRA A TINHA

PELO DR. HUET

Este medico recommenda n'esta enfermidade a seguinte preparação:

Carbonato de cobre	10 grammas
Banha	500 »

Antes do uso d'esta pomada recommenda rapar a cabeça e despegar todas as costras por meio de cataplasmas. Segundo o auctor ha necessidade algumas vezes de suspender o uso da pomada para voltar aos emollientes, a fim de dar por terminada a cura.

PILULAS CONTRA A GOTA

Diz o sr. Trousseau que tem visto desaparecer completamente, pelo espaço de sete a oito horas, accessos contra a gota aguda com auxilio das pilulas de Becquerel, cuja composição é a seguinte:

Sulphato de quinina	1 gramma	50 centigrammas
Extracto de digital	20	»
Sementes de colchicho	50	»

Faça dez pilulas; para tomar de uma a tres, durante varios dias seguidos.

INCOMPATIBILIDADE DO OLEO-REZINA DE COPAHIBA E DE UMA INJECCÃO POR DOBRADA DECOMPOSIÇÃO, EMPREGADOS SIMULTANEAMENTE NO TRATAMENTO DA GONORRÉA

De todos os tratamentos até hoje empregados na cura prompta e segura de uma simples blenorragia, diz o sr. Guvot, a mais efficaz e cujas consequencias offerecem menos inconvenientes é uma injeccão, por dupla decomposição, chamada injeccão de Ricord: sulphato de zinco e acetato de chumbo ou sulphato de zinco e tannino, algumas vezes com a addição do laudano ou tintura de cato, Ha formação de um precipi-

tado, já de sulphato de chumbo e já de tannato de zinco, que fica na preparação. Este precipitado guarnece as paredes internas da uretra, formando uma camada que serve a dissimular a acção caustica do acetato de zinco, formado por dupla decomposição. Simultaneamente com estas injeções aconselha-se commummente o oleo de copahiba em capsulas ou em bolos, e opiatas, unido a pimenta, cubebas, etc. Ora bem: como obra aqui o balsamo de copahiba? Não é pela propriedade que possui de transformar as urinas, communicando-lhes um cheiro particular, cujas propriedades operam a cura ao passar sobre a mucosa intestinal! E se previamente, por meio de uma injeção, como fica dito, se guarnece a mucosa com uma camada, provavelmente mui delgada, formada de uma substancia eminentemente insolavel, o sulphato de chumbo e balsamo de copahiba perderão suas propriedades, se não completamente, pelo menos em grande parte. Seria melhor talvez, pelo menos no meu conceito, prescrever primeiro a injeção, que obraria como verdadeiro medicamento, e logo em seguida algumas injeções de agua fria, fazendo depois uso da copahiba, como tonico fortificante, com que se conseguiria de certo mais prompta cura.

(El Siglo medico)

F. J. R. LOURINHO.

AGUA DISTILLADA DE COPAHIBA

Um syphilographo de Paris, o dr. Edmond Langlebert, chamou a attenção dos praticos sobre as vantagens da agua distillada da copahiba no tratamento dos fluxos uretraes.

Tendo em vista o facto de que a copahiba administrada interiormente sofre nos rins uma distillação, por meio da qual a sua essencia se separa da rezina fixa que n'elle se dá, e se dissolve na urina, o sr. Langlebert concebeu a idéa de distillar, pelos processos ordinarios, agua sobre a copahiba, para obter uma solução saturada de essencia, da qual se serve, principalmente como vehiculo, para dissolver as substancias adstringentes empregadas nas injeções contra a blenorragia uretral. Eis-aqui, segundo o *Moniteur des sciences*, algumas

das injeções que o auctor prescreve em sua pratica ha um anno.

Agua distillada de copahiba	100 grammas
Sulphato de zinco	20 a 40 centigrammas
Tintura de cato	1 grammas

Misturem-se.

Agua distillada de copahiba	100 grammas
Sulphato de zinco	20 a 40 centigrammas
Laudano de Rousseau	1 a 5 grammas

Misturem-se.

Agua distillada de copahiba	100 grammas
Sulphato de zinco	30 centigrammas
Pedra divina	10 " "

Misturem-se.

Agua distillada de copahiba	100 grammas
Sulphato de zinco	40 centigrammas
Oxydo de zinco porphirizado	4 " "

Misturem-se.

Agua distillada de copahiba	100 grammas
Acido tannico ou extracto de cato	1 " "

Misturem-se.

A agua distillada de copahiba, administrada interiormente na dose de 150 a 200 grammas por dia adicionando-se-lhe 2 grammas de agua de louro-cerejo, toma-se sem repugnancia e produz bons resultados, segundo o sr. Langlebert, em certos casos de blenorria das partes profundas da uretra, com catarrho da mucosa do collo e do corpo da bexiga.

(El siglo medico)

F. J. R. LOURINO.

PASTILHAS ALUMINOSAS CONTRA AS APHTAS E ANGINAS FARINGEO-LARINGEAS

O sr. Argenti substitue com vantagem as dissoluções aluminosas, prescriptas como gargarejos nas anginas pharingeo-

laringeas, nas aphonias e diphonias dos musicos cantores, bem como contra as ulceras aphtosas da bôca, simples ou scorbuticas, escrophulosas, mercuriaes ou typhoideas, as seguintes pastilhas:

Alumen, gomma arabia, assucar e agua distillada de louro-cerejo, aã quanto sufficiente para fazer pastilhas de 40 centigrammas cada uma (para conterem de 2 a 3 centigrammas de alumen cada uma). A massa bem manipulada, estendida sobre uma folha de papel, cortadas as pastilhas e deseccadas a um calor suave, subministra um producto, no qual o sabor adstringente do alumen fica mitigado pelas substancias assucaradas, e pôde conservar-se muitos mezes.

Fundidas na bôca, á maneira dos rebuçados, estas pastilhas, a saliva que as dissolve leva o principio medicamentoso a todos os pontos enfermos.

(El siglo medico)

F. J. R. Loureiro.

TRATAMENTO DOS ACCESSOS DA ENCHAQUECA

(CLINICA DO SR. PIORRY)

Se o enfermo está em jejum deve evitar os alimentos excitantes, porque estes tendem logo a desenvolver ulteriores symptomas. Se, pelo contrario, é acommettido no momento da digestão, o vinho e o café muito fortes e os licores alcoolicos levariam ao estomago a acção nervosa physiologica que preside á digestão, destruindo o trabalho pathologico que porventura constituisse a enfermidade, e cujo resultado eram os vomitos

Como meio preservador, o sr. Piorry propõe a seguinte formula:

Alcool 60 grammas

Tintura de canella 20 »

Para tomar ás colhères.

Se a enchaqueca voltar no seguinte dia, faz-se uso da seguinte formula, tambem ás colhères:

Quinino	1 gramma
Alcool.....	9 »
Tintura de canella	5 »
Xarope de baunilha	25 »

Misture.

O illustre professor não é partidario dos purgantes administrados em clisteres, porque, diz elle, o modificador therapeutico dirigido ao estomago *obra muito melhor*, porque este orgão recebe ou tem communicação com grande numero de outros.

Se a enchaqueca se annuncia por meio da irradialgia, é conveniente friccionar as palpebras e supercilijs com o extracto aquoso de belladona, não obstante a grande dilatação da pupilla, causada por este tratamento.

(El siglo medico)

IRITIS SUB AGUDAS SIMPLES

Eis-aqui o tratamento que o sr. Deval emprega nas diferentes iritis:

1.º Emissões sanguineas, proporcionadas ás forças do individuo; sangria de braço, se é vigoroso e plethorico; applicação de dez a quinze sanguesugas por detrás da orelha correspondente ao lado affectado.

2.º Uso de quatro dos seguintes papeis, por dia:

Calomelanos

3 decigrammas

Opio pulverisado

15 centigrammas

Assucar em pó.....

2 grammas

Misture-se e divida-se em doze papeis.

3.º À noite; cataplasmas sinapisadas nas pernas e pés; ou banhos em logar d'estas, adicionando-lhes mostarda 8 onças e 4 de sabão negro

4.º Fricções quatro vezes por dia, na frente do lado affectado, com a mistura seguinte:

Unguento napolitano

15 grammas

Laudano de Rousseau.....

4 »

Misturem-se.

5.º Tres a quatro vezes por dia, instillar entre as palpebras algumas gotas do collyrio seguinte:

Sulphato neutro de atropina	5 centigrammas
Agua distillada	20 grammas

IRITIS AGUDA SIMPLES—TRATAMENTO MENOS ENERGIÇO
QUE O ANTECEDENTE

1.º Applicaçãõ de dez a quinze sanguesugas por detrás da orelha correspondente;

2.º Quatro papeis da seguinte formula, por dia:

Calomelanos	3 decigrammas
Assucar	4 grammas

Misture e divida em doze papeis.

3.º Fricções com unguento napolitano, tres vezes por dia, na frente, do lado affectado.

4.º Sinapismos á noite.

5.º Instillar de manhã e á noite, entre as palpebras, algumas gotas do seguinte collyrio:

Sulphato neutro de atropina	25 milligrammas
Agua distillada	40 grammas

Misture.

IRITIS SYPHILITICA

1.º Sangria geral, se a reacção é intensa e o individuo vigoroso. Applicaçãõ de dez a quinze sanguesugas atrás das orelhas ou orelha respectiva;

2.º O uso de manhã e á noite de uma das seguintes pilulas:

Proto-iodureto de hydrargirio	1 gramma
Thridace	5 decigrammas
Opio gommoso	1 decigramma
Gomma de guaico	2 grammas

Misture e façam-se dezoito pilulas.

3.º Fricções na frente com unguento napolitano laudanisado.

4.º Á noite, sinapismos ou banhos sinapisados.

5.º Tres ou quatro gotas, entre as palpebras, do collyrio antecedente.

EXUDAÇÕES PUPILARES COM SENEQUIAS
(RESTOS DE UMA IRITIS MODERNA)

1.º Todas as noites, ao deitar, a applicação de cinco ou seis gotas entre as palpebras da solução de 5 centigrammas de sulphato neutro de atropina em 20 grammas de agua.

2.º Empregar em fricções sobre a fronte, de manhã e á noite, o tamanho de uma avellã, da seguinte pomada:

Unguento napolitano	48 grammas
Camphora	1 a 2 »
Bichlorureto hydrargírico	25 centigrammas
Chlorhydrato de ammonia	1 gramma
Banha	15 »

Misturem-se.

No caso que debaixo da influencia do tratamento mercurial interno ou externo contra a iritis syphilitica ou suas consequencias sobrevenha a estomatite e a salivacão, usar-se-ha do seguinte gargarejo:

Agua de cevada	200 grammas
Chlorato de potassa	4 a 6 »
Mel rosado	45 »

Misture.

F. J. R. LOUREIRO.

(El siglo medico)

Centro de Documentação Farmacêutica

SOBRE A GERAÇÃO DA FUCHSINA, NOVA BASE ORGÂNICA E MATERIA
CORANTE VERMELHA, DERIVADA DA ANILINA

POR MR. BÉCHAMP

A fuchsina tem sido obtida por mrs. Renard Irmãos e Franc, fabricantes de productos chimicos em Lyon, fazendo reagir sobre a anilina diversas combinações metallicas (por meio da ebullicão), taes como os bromuretos, ioduretos, fluoruretos e chloruretos de estanho, de mercurio e de ferro, os sulpha-

tos, azotatos e chloratos de mercurio, de prata e de peroxydo de ferro, etc.; isto é das combinações binarias da primeira ordem redutivas ou dos saes oxacidos, cuja base é susceptivel de ser levada, seja á um grau inferior da oxydação, seja a um estado metallico.

Estes senhores, tendo alcançado um privilegio de invenção pela fabricação e emprego d'este producto notavel, occupando-se da sua cultura industrial, têm a final auctorizado mr. Béchamp a emprehender seu estudo chimico, pondo á sua disposição todos os elementos que podiam servir-lhe de perfeição e acabamento.

Mr. Béchamp propoz-se primeiro ao exame das tres questões seguintes:

A reacção que produz a fuchsina effectua-se com perda ou sem perda de peso?

A base do composto metallico empregado na operação é ou não reduzida?

O acido do sal metallico entrevem directamente na formação da fuchsina?

A primeira d'estas questões tem sido facilmente resolvida. Mr. Béchamp tem mostrado que nada se desenvolve ou desprende durante a reacção, porque o peso dos productos é igual ao das materias que reagem. Demais, elle tem reconhecido que a anilina é transformada em fuchsina, seja pelo perchlorureto de ferro, seja pelo nitrato de protoxydo de mercurio, reduzindo-se primeiro ao estado do protochlorureto, e o segundo ao estado do mercurio metallico, emquanto que o chlorureto e sulphato de zinco, sulphato de cobre, chlorato de potassa, o nitrato e o iodureto de chumbo não produzem materia rubra ou vermelha com anilina.

Para poder apreciar a lista do acido do composto metallico na producção da fuchsina, mr. Béchamp fez ferver um excesso de anilina no nitrato amarello de chumbo e nitrato da mesma base, o sulphato stanoso, o chlorato de potassa, etc., e a acção tem sido absolutamente nulla; porém o iodato de potassa, pelo contrario, tem sido atacado com violencia;

alguns vapores de iodo, aindaque sejam desembaraçados, a côr vermelha não é desenvolvida.

Resulta d'estas experiencias que os saes com acidos oxydantes e com bases irreductiveis não podem produzir combinação vermelha; de mais os saes acidos muito facilmente reductiveis, taes como o chromato de bioxydo de mercurio, são incapazes de produzir a fuchsina, ainda mesmo que a base pôssa ser reduzida. Mas, em compensação, o phosphato de bioxydo de mercurio fervido com anilina determina a formação da materia vermelha, e a base é reduzida ao estado metallico sem que o acido seja alterado.

É evidente, depois d'este facto, que o acido não intervem na formação da fuchsina, e que ella não pôde formar-se senão debaixo da influencia de um sal de base reductivel. É de notar comtudo que todos os saes de bases reductiveis não são aptos a produzir esta materia corante. Alem de que mr. Béchamp mostra que nem o acido nem o metal de nitrato de mercurio fazem parte integrante da fuchsina, e que o elemento negativo das combinações metallicas da primeira e da segunda ordem não podem entrar na composição da fuchsina, se esta não é o oxygenio da base dos oxysaes. Porém o acido arsenico pôde produzir a fuchsina, transformando-se em acido arsenioso.

Para preparar a fuchsina serve-se do nitrato de mercurio ou do bichlorureto de estanho. Logoque se dilue em a agua o producto da reacção do nitrato mercurioso sobre a alinina, elle produz uma dissolução vermelha, de que pela evaporação provém o nitrato de anilina misturado de anilina e de fuchsina; decanta-se este licor e agita-se com uma dissolução de carbonato de soda, o precipitado viscoso que fica no fundo do vaso se desembaraça do acido carbonico, e o nitrato de anilina é decomposto, formando-se o nitrato de soda; a massa meia liquida que se deposita no fundo do vaso é então aquecida a 150°, durante algum tempo, a fim de expulsar a agua, e depois trata-se pela benzina em quantidade sufficiente para privar a anilina carregada de uma materia parda ou escura

que ella contém, reduzindo-a a uma massa dura e pulverisavel. Opera-se então por meio de algumas lavagens de ether, tanto quanto este vehiculo se colore. Depois d'este tratamento a materia torna-se verde, secca-se na estufa, proseguindo-se por um ligeiro excesso de acido chlorydrico diluido, que dissolve a fuchsina, colorando-se em vermelho, deixando como residuo uma materia de côr violeta, soluvel em o alcool com esta mesma côr. A dissolução chlorydrica filtrada é então tratada pelo ammoniaco diluido que dá origem a um precipitado albuminoso de fuchsina hydratada. Este producto deseccado é redissolvido na mais pequena quantidade possivel de alcool, e precipitado pelo ether. Recolhe-se então a fuchsina que se faz seccar, que se apresenta sob a fórma de palhetas não crystallinas, mas de um verde metallico brilhante.

Quando se emprega o bichlorureto de estanho para a preparação da fuchsina faz-se ferver durante alguns minutos uma parte d'este bichlorureto com duas partes de anilina, e promptamente se desenvolve uma bella coloração vermelha, tornando-se o producto pelo resfriamento em uma massa de consistencia de mel. Pulverisa-se esta massa com a benzina muito secca, a fim de privar a anilina das materias escuras, reduzindo-se do mesmo modo ao estado de um pó vermelho violaceo. Este pó não contém ainda a fuchsina, por isso que a intervenção da agua é necessaria para que ella se forme, em consequencia do que se dilue em a agua, tratando-se por um ligeiro excesso de bicarbonato de potassa, e se forma um licor incolor, e um precipitado vermelho, que se recolhe sobre um filtro, sendo esgotado pelo alcool concentrado e fervente. A dissolução alcoolica é evaporada á seccura, e o residuo trata-se pelo acido chlorydrico diluido, que deixa um outro residuo de materia côr de viola. O licor chlorydrico precipitado pelo ammoniaco dá um producto vermelho, que lavado com o ether e dissolvido pelo alcool, e emfim precipitado pelo ether, dá sem duvida a fuchsina. A fuchsina é uma base organica pouco soluvel em agua, á qual communica uma bella côr vermelha; e se dissolve com a mesma côr em o

alcohol, espirito de pau e acetona. Ella produz alguns saes incrustallisaveis cujas dissoluções são vermelhas quando elles são neutros e amarellas em presença de um excesso de acido. O acido sulphuroso descora pouco a pouco a sua dissolução, mas concentrando-se o licor a um calor moderado, promptamente faz reapparecer a côr vermelha. O chlorydrato de fuchsina é um sal amarello avermelhado e incrustallisavel, sua dissolução concentrada é de um vermelho intenso.

Quando se quer obter a fuchsina sufficientemente pura para analyse é preciso dissolve-la em o alcohol e precipita-la pelo ether repetidamente, e lavar com ether anhydro tanto quanto este passe corado em amarello. Finalmente deve aquecer-se a 160°, durante algum tempo, para a privar completamente do ether. Mr. Béchamp tem deduzido dos resultados das suas analyses duas formulas seguintes:

$C^{24} H^{10} N^2 O^2$		$C^{24} H^{12} N^2 O^2$	
Carbonio	72,727	Carbonio	72,00
Hydrogenio	5,051	Hydrogenio	6,00
Azote	14,141	Azote	14,00
Oxygenio	8,084	Oxygenio	8,00
	<u>100,000</u>		<u>100,00</u>

A primeira d'estas formulas é aquella que concorda melhor com os dados da experiencia; mas mr. Béchamp pensa que o estudo da fuchsina não está ainda completo para que possa decidir-se sobre elle e formular a opinião da geração da fuchsina; porém promete continuar suas pesquisas.

(Journal de pharmacie et de chimie)

FRANCISCO BERNARDO FIMENTEL

DIANO

NOVO CORPO SIMPLES

O sr. Kebell, chimico allemão, descobriu um novo elemento chimico, a que deu o nome de *diano*. O seu peso especifico é de 5,5, e apresenta uma côr roxa escura.

O acido dianico precipitado pelo ammoniaco em uma solu-

ção chlorhydrica, e aquecido com acido chlorhydrico e estanho dá uma solução de um azul intenso, perdendo a côr depois da filtração.

Se se substitue o estanho pelo zinco a solução descora-se, porém o precipitado toma então a côr azul e perde-a no filtro.

A descoberta d'este corpo vem augmentar o catalogo dos simplices, a que já se havia proposto ultimamente juntar o *caesio* e o *rubidio*.

SOBRE A COMPOSIÇÃO CHIMICA DA ARNICA

A *arnica montana* é uma planta herbacea pertencente á grande classe das *compostas*.

Cresce nas montanhas da Europa, mas principalmente na Allemanha, Suissa e no Vosges.

As suas raizes são fibrosas, vermelhas; as folhas radicaes são largas, e d'entre estas sae um caule alto de 30 centímetros, sustentado folhas mais pequenas, terminando por uma bella flor ou calathide amarella raiada.

Usa-se a raiz, as folhas e as flores, mas apenas as flores são as partes mais empregadas; todas estas partes apresentam um cheiro notavel, sabor acre e são esternutatorias.

Mrs. Chevalier e Lassaigue encontraram n'estas partes rezina, cytisina, acido galhico, materia corante amarella, gomma e saes. O sr. Weber encontrou-lhe um oleo azul, e o sr. Bucholz a saponina.

A analyse mais recente, e apresentada pelo sr. Walz, dá na *arnica montana* um oleo essencial amarello, uma materia gorda fusivel a 28°, cera e um principio amargo a que deu o nome de *arnicina*, e cuja formula é, segundo elle, representada por $C^{70} H^{54} O^{14}$.

J. J. ALVES.

SOBRE A METAMORPHINA, NOVO ALCALOIDE DO OPIO

PELO SR. WITTSTEIN

A existencia d'este novo alcaloide é ainda problematica. Tratando pela cal os residuos da tintura de opio, com vistas de lhe extrahir a morfina, segundo o processo Mohr, o au-

ctor obteve crystaes soluveis nos acidos; o ammoniaco não precipitou a dissolução.

O alcaloide crystallisa na sua dissolução alcoolica; os crystaes são prismaticos, achatados e grupados em estrellas. Uma parte exige, para se dissolver, 6:000 partes de agua fria e 70 de agua quente. A dissolução é privada de sabor, e não impressiona nem a curcuma, nem o papel de tornasol vermelho.

O alcool a 90 por 100 dissolve á temperatura ordinaria $\frac{1}{330}$ do alcaloide. Esta dissolução é muito amarga e possui uma reacção ligeiramente alcalina; o alcool fervente dá a 9.^a parte e o ether é sem acção.

A potassa o dissolve rapidamente; o ammoniaco e os carbonatos alcalinos obram com menos promptidão, o calor augmenta o poder dissolvente d'estes ultimos.

O auctor não fez analyse elemental, limitou-se unicamente a dosar o chloro do chlorhydrato; e achou 9,7 por 100. Devemos notar que o chlorhydrato de codeína contém 9,8 por 100 de chloro.

Podia concluir-se da identidade, se os dois alcaloides não differissem tão notavelmente pela sua solubilidade na agua e no alcool.

- J. J. ALVES.

PRESENÇA DO IODO NA ATMOSPHERA

Na academia das sciencias de Paris leu-se uma nota sobre este assumpto, apresentada pelo sr. Chatin, concebida nos seguintes termos:

Os resultados constantemente negativos que obteve um chimico italiano nas investigações do iodo na atmosphera, sobre aguas pluviaes, encontrando nas de Paris as mesmas consequencias do que nas de Pisa, me inspiram o desejo de examinar se eu encontraria o iodo nas aguas atmosfericas de Pisa, como o havia achado nas de Paris.

Segui os mesmos processos, por meio dos quaes aquelle sabio chimico julgou poder estabelecer a ausencia do iodo; porém, como se podia prever, os meus resultados têm sido até agora oppostos aos seus.

Não só comprovei a existencia do iodo nas aguas atmosphe-

ricas de Pisa, mas tambem nas de Florença e Luca. A unica differença entre as de Pisa e Paris foi que nas aguas da primeira d'estas povoações, das quaes se não differença as de Luca e Florença, a proporção do iodo parece ser notavelmente menor que nas de Paris. Não consegui pois estabelecer pelos mesmos meios o que o meu contradictor tinha pedido, as suas provas, a existencia do iodo nas aguas pluviaes de Toscana, mas pôde de mais a mais dosar completamente este corpo.

Para prevenir receios chimericos devo dizer que em Versailles, longe de qualquer laboratorio ou gabinete de phothographia, foi aonde procedi ás minhas investigações, cujo resultado tenho a honra de apresentar á academia. Tenho a acrescentar que, como nas minhas precedentes investigações, se fizeram contraprovas com os meus reactivos previamente ensaiados. Emfim, posto que a questão é de reactivos, devo prevenir os chimicos, que julgando os meus resultados pelos agentes empregados, de maneira alguma se têm occupado da agua distillada e do potassio; o que acabo de descobrir de novo, a presença do iodo em cinco exemplares de agua distillada e em tres de potassio, mui brilhante e procedente dos melhores laboratorios. Tenho por outra parte rasões peremptorias para me considerar forte para provar a existencia do iodo em todos os potassios como na maior parte das aguas atmosphericas. Dizem alguns chimicos que jamais omittiram a presença do iodo na atmosphaera pelos unicos dados das reacções, por mais especiaes e caracteristicos que sejam, é necessario que se obtenha o iodo em substancia.

Por isso mui bem observe, que os sabios que deduziram das suas investigações a falta do iodo, não tiveram em vista mais que as ditas reacções; porém quero provar com um exemplo tomado do assumpto quão especiosa é objecção. Eu não pôde, e confesso, isolar o iodo das aguas pluviaes; estou seguro que a outros acontecerá o mesmo, a não serem mais afortunados para o futuro; mais longe estou, porém de isolar todavia directamente o iodo das aguas dos rios, menos abundantes que

as aguas pluviaes; sem embargo vem em meu auxilio os laboratorios da natureza, por meio da concentraçãõ do iodo nas plantas aquaticas, podendo pôr a manifesto o iodo, obtendo-o do *Nasturcio officinal*, R. Bz. e do *Ceratophyllon Demersum*, L. Logo, porque eu não pôde obter o iodo das aguas, em cujo seio vivem estas plantas, ver-se-ha que o iodo obtido d'aquellas não existia nas mesmas aguas? Proponho-me por outra parte a fazer dizer, para submete-las depois á analyse, plantas aquaticas em aguas pluviaes, addicionadas unicamente com substancias mineraes não iodicæ. (*Monit. des scienc. med. et pharm.*)

(El siglo medico)

H. J. S. TELLES.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 615 DA SESSÃO DE 9 DE OUTUBRO DE 1861

Presidência do sr. F. J. R. Loureiro

Às sete horas da tarde abriu o sr. *presidente* a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio do sr. dr. José Maria de Abreu, datado de 16 de setembro, accusando a recepção dos officios, que lhe foram dirigidos por esta sociedade, com data de 30 de agosto, agradecendo em termos muito affectuosos a nomeação de socio honorario, que lhe foi conferida por esta sociedade, e offerecendo para a bibliotheca dois exemplares do seu almanak da instrucção publica dos annos de 1857 e 1858.

2.º Um officio do nosso consocio Izidoro da Costa Azevedo, pedindo escusa de vogal da commissão de direito pharmaceutico, para que tinha sido nomeado em sessão de 4 de agosto, de que a sociedade ficou inteirada.

Em seguida deu conta dos objectos doados.

O sr. *Norberto Junior* pediu a palavra para dizer que o sr. Cosmeli, escrivão de fazenda do bairro de Alcantara, lhe tinha mandado pedir a chave do edificio de S. João Nepomu-

ceno, para n'aquelle dia ser entregue á commissão do asylo de Santa Catharina; que não a havia mandado, mas sim feito saber ao mesmo senhor, que estaria na occasião em que se fosse dar a posse á commissão, para o que se achava muito proximo d'aquelle local; e como não o tornassem a procurar, dava parte d'isto á sociedade, aindaque era tenção sua entregar a chave na occasião da posse, pedindo, comtudo uma declaração á refferida commissão; mas que era de opinião que tendo o edificio de S. João Nepomuceno sido entregue a esta sociedade por uma portaria do ministerio do reino, da mesma fórma lhe parecia devia ser feita a entrega da mesma casa ao asylo.

O sr. *Manuel Vicente de Jesus* disse que o sr. Norberto Junior escrupulo algum devia ter na entrega da chave, porque desde que o decreto das côrtes foi publicado, entregando ao asylo de Santa Catharina aquelle edificio, não via necessidade de portaria.

O sr. *Alves*, fallando no mesmo sentido, disse que bastava exigir-se da administração do bairro um documento por onde conste que a sociedade fez a entrega.

O sr. *Tedeschi* mostrou que não podiamos, nem deviamos pedir a portaria, mas sim fazer a entrega e exigir uma copia legal do auto de posse, dada ao asylo de Santa Catharina.

O sr. *presidente*, consultando a sociedade, esta resolveu que se pedisse uma copia legal do auto da entrega feita ao asylo.

O sr. *presidente* deu conta da auctorisação que foi conferida á mesa e thesoureiro, por esta sociedade, para o aluquer e arranjos da nova casa, e da maneira como o sr. thesoureiro se tinha prestado, indo pessoalmente a Cezimbra para obter com promptidão o arrendamento, não se tendo poupado a incomodos e sacrificios, encarregando-se de todos os arranjos precisos, pelo que se tornava digno dos maiores elogios.

O sr. *presidente* deu conta tambem de que a mesa, em nome da sociedade, procurou o sr. ministro do reino, pedindo-lhe

maior subsidio para a impressão do nosso jornal, a que s. ex.^a respondeu satisfactoriamente.

O sr. *Norberto* deu conta do que havia passado para obter o aluguer d'esta casa, mostrando o acolhimento recebido do nosso collega Francisco Pinto de Leão, pharmaceutico em Cezimbra, e os serviços prestados por aquelle digno collega a esta sociedade n'aquella occasião.

O sr. *Tedeschi* pediu se fizesse menção na acta dos relevantes serviços prestados pelo sr. *Norberto Junior*, e bem assim os do nosso socio de Cezimbra.

O sr. *Norberto Junior* agradeceu os elogios que lhe foram dirigidos, dizendo lhe pareciam immerecidos, porque não fez mais que o seu dever, cumprindo como pôde a missão de que esta sociedade o havia encarregado.

O sr. *Alves* disse que logo que á mesa constou os serviços prestados pelo nosso collega de Cezimbra, immediatamente lhe officiou em nome d'esta sociedade, agradecendo-lhe os favores por s. s.^a dispensados.

Não havendo quem pedisse a palavra, passou-se á

ORDEM DO DIA

O sr. *Alves* mandou para a mesa duas propostas para socios correspondentes, pedindo a urgencia de ambas, e seguidas as formalidades do estylo, foram proclamados socios correspondentes da sociedade pharmaceutica lusitana os srs. Henrique Mauricio José de Lima, pharmaceutico estabelecido em Bragança; e Antonio Joaquim de Sousa Martins, residente em Lisboa, com destino para o Pará, que achando-se presente foi convidado pelo segundo secretario a tomar assento na sala, na qualidade de membro d'esta sociedade.

O sr. *Presidente* fez correr uma proposta, assignada pela mesa, e depois entregue para ser remettida á commissão de direito pharmaceutico.

O sr. *Presidente* fechou a sessão ás dez horas da noite, dando para ordem do dia da seguinte, propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. = Antonio Joaquim Labatte, segundo secretario.

VARIEDADES

Hydrato de magnesia crystallizado.— Este mineral é originario do Texas; aindaque composto, segundo a formula MgO, HO , como a *brucite*, differe d'este pela fórma crystallina que deriva de um prisma rhomboidal obliquo de 115° .

A sua fractura é nacarada; dureza 2; densidade 2,36.

É pois uma modificação dimorpha de HO, MgO ; para consagrar esta modificação, o auctor dá ao novo mineral o nome de *texalithe*, segundo a sua origem.

Fluor nas cinzas do licopodio.— O sr. Salm-Horstmai acaba de provar que esta planta dá 6 por 100 de cinzas, e que esgotada pelo acido chlorhydrico deixa um ligeiro residuo silicoso $1\frac{1}{2}$ por 100 de *fluor*. A parte soluvel da cinza contém 0,27 por 100. O processo que elle empregou para chegar a este resultado é infallivel.

Presença da barita no feldspath.— O sr. Mitscherlich, filho, observou em diferentes amostras de feldspath, tratadas pelo acido fluorhydrico a 50 por 100, um ligeiro residuo de fluorureto de bario. O feldspath de Hohenfeld deu 4,37 por 100 de barita, e o de Saint-Gothard 0,45 por 100.

Processo para atacar os mineraes que resistem aos acidos.— Pulverisado o mineral e lavado por decantação, o sr. Mitscherlich, filho, aqueceu em vaso fechado, com seis partes de acido sulphurico e duas partes de agua, conservando a 210° , por duas horas. Para os mineraes silicatados, o ataque é consideravelmente activado por uma addicção de acido fluorhydrico. A alunite dissolve-se ainda melhor no acido chlorhydrico concentrado e a 200° .

Sobre a humidade atmospherica, durante os eclipses.— Segundo o sr. Fuchus, o estado hygrometrico do ar diminue no começo do eclipse (o que aconteceu a 8 de julho de 1860). A diminuição é maxima durante a occultação total, a partir

da qual a humidade augmenta de novo, á medida que o disco solar se desenvolve.

Formação do acido azotico, pela combustão do hydrogenio.—Segundo o sr. Kolbe, fazendo queimar o hydrogenio n'um balão cheio de oxygenio, á medida que este se consome, e que o ar afflue ao seu logar, nota-se que se produzem vapores vermelhos de acido hypo-azotico, ao mesmo tempo que a agua formada adquire reacção acida.

Este phenomeno que recorda o que tem logar no eudio-metro, quando se faz defonar uma mistura de hydrogenio e de oxygenio, poderá, segundo o auctor, ser um dia applicavel ao acido azotico, quando o hydrogenio e oxygenio se fabricarem por preço mais baixo.

Sobre a redução do potassio.—Funde-se em um vaso de vidro o acetato de potassa secco, e introduzem-se-lhe fragmentos de sodio, desenvolvendo-se logo com effervescencia um gaz contendo hydrogenio livre. A reacção continua mesmo depois de afastada a lampada; comtudo, para o fim separa-se do carvão. Depois do resfriamento tem-se uma liga de potassio e de sodio, que é liquida á temperatura ordinaria.

Esta experiencia prova, mais uma vez, que sodio é um metal mais electro-positivo que não é o potassio.

Composto contra a incombustibilidade dos vestidos.—O borato de soda, que até aqui se empregava para evitar o incendio das decorações e dos vestidos, acha-se hoje substituido pelo silicato de chumbo, que parece de um importante resultado.

Para isto immergem-se os panos em uma dissolução quente de sub-acetato de chumbo, expõem-se depois ao ar por espaço de um dia, e embebem-se em seguida de uma dissolução quente e immediatamente concentrada de silicato de soda, resultando da dobrada decomposição, a formação do silicato de chumbo. Lava-se depois com bastante agua pura, e secca-se; dá-se aos pannos uma camada sufficiente para as pôr ao abrigo do ar, e por conseguinte para evitar que se queimem com chamma.

PHARMACIA

USO DO CHLOROFORMIO, INTERIORMENTE, NO TRATAMENTO
DOS CALCULOS BILIAES

PELO SR. BOUCHET

Eis-aqui as formulas do auctor:

Chloroformio	4 gramma
Alcool.....	8 »

Misture-se e agite-se.

Emprega-se associado ao vinho, á agua ou ao xarope simples.

A regra é uma parte de chloroformio para oito de alcool; se se pretende empregar maior quantia, o alcool augmentará na mesma escala, na razão directa do augmento do chloroformio, o duplo, o triplo, etc.

Na proporção que se queira d'esta mistura com o xarope simples, produz um preparado permanente.

Eu tenho-o, preparado ha mezes, sem alteração alguma.

Póde tomar-se este xarope em uma pequena quantia de vinho, e note-se que torna o vinho agradável, aindaque elle seja ruim, dando-lhe um cheiro muito agradável.

Misturado com agua forma uma limonada muito agradável ao paladar.

XAROPE CHLOROFORMICO

Chloroformio	4 grammas
Alcool.....	16 a 32 »
Xarope simples	500 »

Misture.

VINHO CHLOROFORMICO

Chloroformio	2 a 4 grammas
Alcool	16 a 32 »
Vinho branco	500 »

Misture.

AGUA CHLOROFORMICA

Chloroformio	2 grammas
Alcool	16 »
Agua commum	300 »

Esta mistura constitue uma bebida assucarada, doce, em extremo agradável. Póde adicionar-se-lhe mais ou menos agua, ao gosto das pessoas.

ELIXIR CHLOROFORMICO

Chloroformio	8 grammas
Alcool	64 »
Xarope simples	225 »

Misture-se.

Esta mistura foi administrada a um cão, por meio de uma sonda esophagica. No fim de alguns minutos o animal vomitou pouco, e principiou a difficuldade no movimento, chegando mesmo a ajoelhar a cada passo que dava, mas nunca perdendo o conhecimento. No fim de quatro horas todos os accidentes tinham desaparecido.

Já se vê que 8 grammas de chloroformio apenas alteraram a sensibilidade.

Experiencias praticadas nos cães com o xarope e com o vinho de chloroformio me provaram que a acção anesthesica da substancia se achava diminuida, e que se podia empregar sem inconveniente, em pequenas doses, na especie humana.

da Ordem dos Farmacêuticos

CLISTER DE CHLOROFORMIO

Chloroformio	2 grammas
Alcool	16 »
Agua distillada	250 »

Eis-aqui as conclusões do trabalho do sr. Bouchet, insertas no *Bulletin de thérapeutique*.

1.^a Póde dissolver-se o chloroformio e o ether em alcool na proporção de um por oito, e esta mistura fica sendo solu-

vel em agua, vinho, agua e xarope, em qualquer proporção, em termos a formar uma bebida aquosa, vinhosa ou elixir mui agradável.

2.^a As preparações do ether e chloroformio feitas segundo as minhas formulas são duradouras, pois conservo algumas d'ellas ha oito mezes sem nenhuma mudança.

3.^a Que nenhuma d'estas preparações produz anesthesia completa.

4.^a O vinho, a agua chloroformica e o elixir calmam a irritação ou excitação nervosa, e mitigam as dores momentaneamente.

5.^a Estas preparações são muito uteis nas molestias convulsivas, e muito especialmente nos ataques epilepticos.

6.^a As preparações soluceis de chloroformio e ether obram mais vivamente pelo recto do que administradas pela bôca.

7.^a A solução alcoolica de chloroformio obra mais promptamente sobre os calculos biliares, e dissolve melhor a frio a cholesterina do que a solução do ethêr na mesma dôse.

8.^a A acção dissolvente do chloroformio sobre a cholesterina auctorisa o exemplo d'esta substancia contra as colicas hepaticas.

9.^a Finalmente que n'um caso de calculos biliares, que determinaram crises de colicas hepaticas com coloração subicterica na pelle, o xarope de chloroformio produziu completa cura.

(El siglo medico.)

F. J. R. LOUREIRO.

EMPREGO DO CYANURETO DE POTASSIO

PELO SR. WAGNER

O cyanureto de potassio, que se obtem com tanta facilidade por meio do azote do ar, segundo o processo dos srs. Margnerite e Sourdeval, pôde ser vantajosamente empregado:

1.^o Na preparação do acido cyanhydrico, a frio, pela simples decomposição do cyanureto, por meio do acido sulphurico.

2.^o Na fabricação do alcali volatil, conforme as observações dos mencionados auctores, debaixo da influencia do va-

por de agua, á maior temperatura, o cyanureto de bario dá lugar a 18 por cento de ammoniaco.

3.º Na produção do acido formico, em attenção a que por meio da ebullicão prolongada ao contacto do ar, e principalmente por meio da pressão, o cyanureto de bario se transforma em formiato de baryta, do qual pôde separar-se o acido, a frio, por meio do acido sulphurico.

4.º Na preparação da amilina, debaixo da influencia de uma mistura de acido carbonico e vapor de agua na mais elevada temperatura, o cyanureto de bario dá lugar a esta base volátil, hoje tão procurada.

5.º Substituindo o acido carbonico pelo alcool, obtem-se a etilamina. Provavelmente, nas mesmas circumstancias, o alcool mitilico e amilico subministram metilamina e ameliamina.

(El siglo medico.)

F. J. R. Loureiro.

**EFFICACIA DO XAROPE DE ARSENIATO DE SODA
NA CURA DAS ESCROFULAS**

O professor Douchut publicou uma memoria, com o fim de manifestar as excellentes vantagens que em sua pratica tinha obtido com o xarope de arseniato de soda nas affecções escrofulosas, não considerando comtudo esta preparação como um especifico das escrofulas, mas sim como o maior dos tonicos e corroborantes, enquanto que excitando o appetite e activando a nutrição mollecular dos tecidos, se oppõe á lentidão do processo nutritivo, que imprime a enfermidade escrofulosa, o caracter que entre as demais a distingue. Debaixo d'este principio a medicação arsenical é tão util como o oleo de figados de bacalhau, com a differença que aquelle só é conveniente nas escrofulas mucosas e glandulares; sendo ainda duvidosa a sua efficacia nas enfermidades dos ossos, e não serve senão como paliativo nas escrofulas terciarias, quer dizer, na tuberculose. Eis-aqui a formula:

Arseniato de soda	5 centigrammas
Xarope simples	300 grammas
Misture.	

Emprega-se na dóse de uma até cinco colhéres das de chá, por dia.

(Bullet. gén. de therap. méd. chir.)

PASTILHAS VERMIFUGAS

Da Corunha diz o sr. D. Vicente Manresa o seguinte:

Correm no commercio umas pastilhas denominadas anthelminticas, cuja composição nunca seus auctores publicaram, fazendo d'ellas um mysterio.

Como a maior parte dos professores não têm meios nem tempo para as analysar, quer quantitativa, quer qualitativa, nem eu me tenho dado a esse trabalho, mas como, tanto por sua fórma como por seu bom gosto, os meninos as tomam facilmente, tentei, depois de um detido estudo, preparar algumas, que a pratica de vinte e quatro annos me provou que são em tudo ignaes, não duvidando por isso sujeitar a formula á experiencia e approvação dos professores de medicina.

Considerando eu que as doses dos medicamentos devem ser proporcionadas á idade, ao temperamento e mais circumstancias, entendi ser conveniente o indica-las debaixo dos n.ºs 1 e 2, como se segue:

PASTILHAS ANTI-VERMINOSAS N.º 1

Santonina) aã 1 oitava e 68 grãos
Calomelanos	
Scamonea	3
Assucar	8 onças
Mussilagem arabica	q. s. para fazer 144 pastilhas.

Cada uma contém um grão de santonina, outro de calomelanos, dois de scamonea e trinta e dois de assucar.

PASTILHAS ANTI-VERMIFUGAS N.º 2

Santonina	} aã 3 oitavas e 64 grãos
Calomelanos	
Assucar	8 onças
Mussilagem arabica	q. s. para fazer igual numero de pasti- lhas.

Correspondendo a cada uma dois grãos de santonina, dois de calomelanos, quatro de scamonea e a mesma quantidade de assucar.

Creio que com a publicação das referidas formulas faço um serviço á humanidade, que os professores melhor saberão avaliar, e muito mais se se tiver em vista que o seu valor intrinseco é commodo para todas as classes da sociedade.

Os srs. professores de pharmacia que queiram te-las preparadas por nós, evitando assim o trabalho de as preparar, poderão dirigir-se a seu auctor, que se compromette a fornecer-lhes toda a quantia que se pedir, em caixas, com a respectiva etiqueta de n.º 1 e n.º 2, e seus preços, pelos quaes poderão despacha-las ¹.

F. J. R. LOUREIRO.

(El siglo medico.)

PILULAS DO DR. DEBREYNE, CONTRA A CHORÉA

Alcamphor	} aã 12 grammas
Assafetida	
Extracto de belladona	}
Opio puro	
Xarope de gomma	q. s.

Façam-se pilulas n.º 120.

Dóses de uma a quatro, por dia, de manhã em jejum.

(Journ. de pharmac.)

F. J. R. LOUREIRO.

¹ Julgámos excessiva a dóse da santonina, em cuja applicação deve haver toda a prudencia.

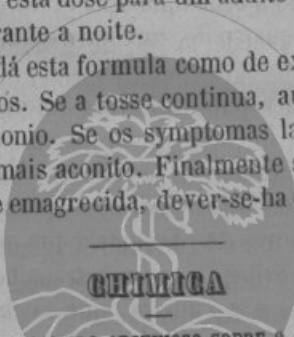
REMEDIO PARA O TRATAMENTO DA TOSSE CONVULSA

PELO SR. WRIGH

Vinho de antimonio	20 gotas
Tintura de aconito	4 »
Tartrato de potassa e de ferro	4 decigrammas
Agua distillada	30 grammas

Administra-se esta dôse para um adulto tres vezes por dia e duas vezes durante a noite.

O auctor não dá esta formula como de execução invariavel em todos os casos. Se a tosse continua, augmenta-se a porção do antimonio. Se os symptomas laringeos predominam, dar-se-ha mais aconito. Finalmente se se trata de uma creança pallida e emagrecida, dever-se-ha então augmentar a dôse de ferro.



QUIMICA

EFFECTOS DO ACIDO ARSENIOSO SOBRE O ORGANISMO

Introduzido o acido arsenioso na torrente da circulação, conforme o sentir dos drs. Schmidt e Sturwag, ainda que em pequena dôse, diminue 20 a 40 por 100 a eliminação da urea e do acido carbonico. Este effeito é rapido, quando o acido arsenioso é injectado directamente nas veias. Nos pintainhos manifesta-se o seu effeito de um modo notavel, os quaes se prestam a estas experiencias com muita promptidão.

Nos gatos o composto arsenical provoca vomitos, e por conseguinte um estado de innação, que por si só basta para deprimir a acção dos tecidos.

A diminuição do acido carbonico e da urea corresponde á producção de uma quantidade equivalente de albumina e de materia gorda, que ficam no corpo e augmentam seu peso quando a nutrição é sufficiente: tal é o effeito produzido nos cavallos, effeito conhecido dos alquiladores d'esta qualidade de animaes, e de que sabem tirar bom partido.

Administrado em doses mais elevadas o acido póde occasionar irritações na medulla espinhal e paralysisia; os auctores attribuem estes phenomenos a um estado de congestão dos órgãos centraes, que a anatomia lhes permite comprovar.

METHODO EMPREGADO PELO SR. PETTEN KOFER
PARA PREPARAR O CHLOROFORMIO

O auctor, tendo reconhecido que a temperatura em que se opera desempenha um papel-essencial, e que o grau thermometrico não deve exceder a 38° de Reaumur, nem ser inferior a 52°, porque no primeiro caso o producto conteria chloro livre, mas que se descolorava ao sol com facilidade.

No segundo caso o producto era mais puro, mas muito menos abundante.

Para levar a effeito esta operação emprega o seguinte aparelho: um tonel, munido de um refrigerante.

Dilue-se o hypochlorito em agua fervendo, introduz-se no tonel, por meio de um funil, e se lhe junta o alcool: quando a temperatura da mistura marca 34° Reaumur, tapa-se hermeticamente e abandona-se.

A operação termina por si só; tambem póde activar-se mais por meio de uma corrente de vapor de agua.

Se se opera em pequena escala póde em lugar do tonel fazer-se uso de uma vasilha das que se empregam na conducção do acido sulphurico.

O leite do hypochlorito póde aquecer-se, querendo, na mesma vasilha, por meio de uma corrente de vapor de agua.

Se o aparelho estiver, como deve, no melhor estado de acieo, e o alcool for inteiramente isento de amilina, o chloroformio obtido facilmente se purifica mediante a simples agitação com uma dissolução de carbonato de soda, e seguidamente com agua; separa-se então por meio da decantação, e filtra-se. O papel de filtro basta por si só para desembaraça-lo da agua da hydratação.

F. J. R. LOUZEIRO.

(La presse méd.)

ARTANITINA

É um alcaloide descoberto pelo sr. Saladin, na raiz do *cyclamen europæum*, de L., e estudada depois pelos srs. Buchner e Herberger, que propozeram chamar-se antes cyclamina. Parece que tambem existe, mas em pequena quantia, na raiz da primula veris. Esta substancia crystallisa em agulhas brancas inodoras, de sabor acre e stitico, pouco solúvel em agua, solúvel em alcool, e insolúvel em ether, e oleos fixos e volateis: não actua sobre as cores vegetaes: a artanitina a 100° perde a acrimonia e torna-se menos solúvel em alcool.

O acido sulphurico concentrado cora em violeta e a carbonisa ao calor. O acido nítrico converte-a em acido oxalico.

Para obter a artanitina distilla-se a dissolução alcoolica do extracto da raiz do cyclamen, e abandona-se o residuo á evaporação espontanea. Este é o methodo empregado pelo sr. Saladin, mas os srs. Buchner e Herberger maceraram a raiz fresca em alcool, evaporam o macerado até á consistencia de extracto, tratam este pelo ether e depois pela agua fria; a porção insolúvel é a artanitina, que se purifica por crystallisações dissolúveis em alcool e dissoluções pelo carvão animal.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 611 DA SESSÃO DE 6 DE NOVEMBRO DE 1861

Presidência do sr. F. J. Rodrigues Loureiro

As sete horas da noite foi aberta a sessão. Leu-se a acta da antecedente, que foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* declarou não haver correspondencia, e leu a lista dos objectos doados em sessão de 23 de outubro.

O sr. *presidente* deu parte de ter visitado, conjuntamente com o sr. primeiro secretario, o nosso collega o sr. J. D. Correia, por se achar doente, e que tinha a satisfação de annunciar a esta sociedade que s. s.^a se achava quasi restabelecido. Participou tambem que se achavam installadas as differentes

commissões, e nomeados os presidentes das mesmas, e emquanto aos srs. delegados a mesa tinha entendido continuassem os mesmos, á vista dos bons serviços por todos prestados.

O sr. *Norberto Junior* participou ter entregue as chaves do edificio de S. João Nepomuceno, em virtude do officio dirigido a esta sociedade pelo administrador do bairro de Alcantara, remettendo uma copia da portaria do ministerio do reino, em que mandava dar posse do dito edificio á commissão do asylo de Santa Catharina.

Em seguida passou-se á

ORDEM DO DIA

O sr. *J. J. Alves* apresentou uma proposta para socio correspondente, que declarou urgente, e approvada a urgencia e corrido o escrutinio foi proclamado unanimemente socio correspondente d'esta sociedade o sr. Joaquim Gomes Duque, segundo pharmaceutico do dispensatorio da universidade de Coimbra.

O sr. *Norberto Junior* pediu para apresentar tres propostas, das quaes pediu a urgencia, e foram classificadas com os n.ºs 2, 3 e 4; a n.º 2 propondo a readmissão do sr. Bernardo de Almeida Ferreira, estabelecido em Lisboa, assim como fosse dispensado de pagamento de novo diploma e lhe fossem entregues todos os jornaes da sociedade que lhe faltassem desde que pediu a sua demissão de socio effectivo até ao presente. Na proposta n.º 3 pede se votem agradecimentos ao sr. F. J. R. Loureiro, pelos relevantes serviços prestados a esta sociedade, pondo á sua disposição os meios para se effectuar a mudança e obras precisas na casa que a sociedade occupa. Na proposta n.º 4 propõe se represente ao governo sobre a incompatibilidade das pharmacias pagarem 1\$200 réis annuaes, como licença, em referencia ás mercearias e outros estabelecimentos.

O sr. *presidente* propoz a urgencia da proposta classificada n.º 2, e apresentada pelo sr. Norberto Junior; foi approvada a urgencia, e corrido o escrutinio foi unanimemente concedida a readmissão de socio effectivo ao sr. Bernardo de Al-

meida Ferreira, e em vista dos fundamentos apresentados pelo sr. Norberto Junior e mais alguns outros dignos socios, dispensado do pagamento de novo diploma, resolvendo tambem esta sociedade que lhe sejam entregues os jornaes que lhe faltarem desde que pediu a sua demissão até ao presente; mostrando d'esta fórma ao nosso collega o quanto estimámos que um socio instituidor d'esta sociedade reuna novamente ao nosso gremio. Emquanto á proposta apresentada pelo mesmo senhor, e classificada n.º 3, o sr. presidente pediu ao digno socio apresentante de a retirar, mas não annuindo a sociedade ao pedido do sr. presidente, sobre proposta do sr. J. J. Alves, foi votada por aclamação, e consignado na acta um voto de agradecimento ao sr. presidente o sr. F. J. R. Loureiro, pelos serviços generosamente prestados a esta sociedade.

O sr. *presidente*, tomando a palavra, agradeceu a esta sociedade aquella demonstração, em termos muito affectuosos, e com a modestia que tanto o caracteriza.

O sr. *presidente*, propondo á votação a urgencia da proposta classificada n.º 4, e apresentada pelo mesmo sr. Norberto, a sociedade resolveu, depois de alguns dignos socios pedirem a palavra, que fosse remettida á commissão de direito pharmaceutico.

O sr. *J. J. Alves* pediu a palavra para declarar que tendo o sr. Manuel Vicente de Jesus remettido a obra sobre toxicologia judicial e legislativa do sr. Macedo Pinto, elle, em consequencia dos seus afazeres, ainda não tinha podido dar o seu parecer.

O sr. *presidente* apresentou uma proposta assignada pela mesa, para um socio benemerito. Consultando a sociedade, esta resolveu fosse remettida á commissão de direito pharmaceutico.

Não havendo quem pedisse a palavra, o sr. presidente fechou a sessão eram dez horas da noite, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres e segundas leituras. =
Antonio Joaquim Labatte, segundo secretarioio.

ACTA N.º 613 DA SESSÃO DE 27 DE NOVEMBRO DE 1861

Presidência do sr. F. J. R. Loureiro

Às oito horas e tres quartos da noite abriu o sr. presidente a sessão. Leu-se a acta da antecedente, que foi approvada.

O sr. secretario deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. Magalhães, delegado no Porto, dando parte do convite feito a todos os pharmaceuticos d'aquella cidade, socios e não socios d'esta sociedade, para assistirem á missa, que teve logar no dia 16 de outubro, por alma do nosso socio protector e sempre chorado monarcha El-Rei o Senhor D. Pedro V.

Um officio da camara municipal de Lisboa, pondo á disposição d'esta sociedade a igreja de Santo Antonio da Sé, para a missa solemne que teve logar no dia 29 de outubro, por alma do mesmo augusto senhor.

Um officio da commissão encarregada de tratar de fazer um monumento á memoria do nosso defunto Rei, convidando o presidente d'esta sociedade a comparecer no dia 24 de novembro na sala da bibliotheca do arsenal da marinha.

Um officio do centro promotor, convidando esta sociedade a acompanhar o prestito funebre a S. Vicente de Fóra.

Um officio do sr. José Silverio Rodrigues Cardoso, participando ter sido agraciado com o diploma de socio correspondente pelo collegio de pharmaceuticos de Barcellona, em sessão de 27 de novembro ultimo.

A sociedade recebeu esta noticia com a maior satisfação, porque este socio é digno da maior consideração, pelos serviços prestados á pharmacia.

Os objectos doados foram recebidos com especial agrado.

O sr. presidente deu conta das providencias tomadas pela mesa e convite feito a todos os pharmaceuticos, socios e não socios, de Lisboa, para acompanharem o prestito funebre a S. Vicente de Fóra, e bem assim a maneira como quasi todos

os nossos collegas se prestaram a subscrever para suffragar a alma do nosso bom Rei.

O sr. *Norberto* disse que havia combinado com os nossos collegas Thomás de Aquino Alves e J. J. Alves de Azevedo, por estes terem lembrado, se suffragasse a alma de El-Rei defunto com uma missa resada, distribuindo-se depois pelo asylo de Santa Catharina e alguns pobres o resto da subscrição tirada por todos os pharmaceuticos, socios e não socios d'esta sociedade, estabelecidos em Lisboa.

Fallaram sobre a materia os srs. Loureiro, J. J. Alves, Jesus, Telles, Thomás de Aquino Alves, Quadros e Labatte, e decidiu-se que tivesse logar a missa e que o restante da subscrição, depois de feitas todas as despezas, fosse entregue, metade ao asylo de Nossa Senhora da Conceição das raparigas abandonadas, e a outra metade dividida por dois pharmaceuticos octogenarios, não estabelecidos, e que vivem na maior pobreza; e que a conta da receita e despeza devia ser publicada no nosso jornal, entregando-se a cada um dos pharmaceuticos não socios o numero do mesmo jornal em que a conta vier demonstrada, ficando para este fim encarregados o sr. primeiro secretario e thesoureiro.

O sr. *Telles* pediu a palavra para dizer que tendo-se encontrado com o sr. Pedro José da Silva, este lhe perguntára qual a razão por que o haviam demittido de socio. Que não estando ao facto d'este objecto, pedia á sociedade algumas explicações.

O sr. *Joaquim Ferreira Norberto* disse que a sociedade não havia demittido o sr. Silva, aindaque talvez motivos tivesse para o poder fazer. Que não fez mais do que attender aos pedidos feitos por diferentes fórmas, e algumas inconveniencias do dito senhor, em virtude das quaes lhe deu a demissão por elle exigida.

O sr. *Alves* disse que muito se admirava que ainda hoje se viesse pedir contas á sociedade de um acto a que só presidiu a justiça. Que se recordava perfeitamente do que expoz o sr. thesoureiro na sessão em que se tratou d'este assumpto, das

declarações feitas por varios membros, declarações que foram de tanto peso para a sociedade, que esta não só não poz duvida, antes annuiu a conceder a demissão pedida pelo sr. Pedro da Silva.

O sr. *Telles* declarou que se achava satisfeito com as explicações dadas.

O mesmo senhor pediu o resultado da classificação de uns minerios, remettidos á commissão de historia natural, a que o sr. Thomás de Aquino Alves, na qualidade de director, deu as explicações.

O sr. *Telles* pediu tambem desculpa de não ter comparecido ás sessões, em consequencia de outros afazeres, espe rando em breve ser regular.

ORDEM DO DIA

O sr. *J. J. Alves* apresentou uma proposta, que declarou urgente, e corrido o escrutinio depois de approvada a urgencia, foi proclamado socio correspondente d'esta sociedade o sr. Joaquim Cazimiro Barbosa, pharmaceutico em Massarellos.

O *segundo secretario Labatte* apresentou uma proposta para socio honorario, que foi remettida á commissão de direito pharmaceutico.

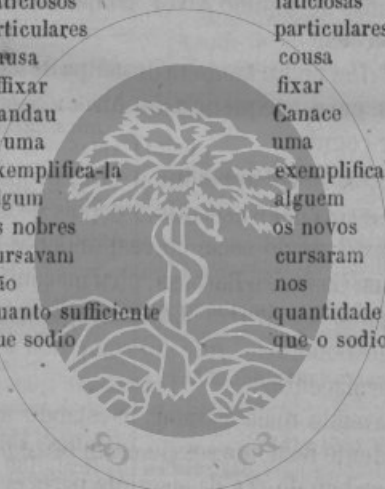
Não havendo mais a tratar, e estando a hora adiantada, o sr. presidente fechou a sessão eram onze horas da noite, dando para ordem do dia da seguinte pareceres de commissões, propostas e segundas leituras. — *Antonio Joaquim Labatte*, segundo secretario.

VARIETADES

Meio de reconhecer o oleo de ricino nas essencias. — Toma-se a essencia suspeita e submete-se á evaporação a banho-maria, até que tenha desaparecido todo o cheiro; se deixar residuo junta-se a este algumas gotas de acido azotico. Logo que a reacção tenha cessado, ajunta-se carbonato de soda, pela deslocação com o acido sulphurico, separa-se do acido ananthylico, se existe, acido caracteristico pelo seu cheiro; de que se póde fazer uma idéa por um ensaio directo feito com o oleo de ricino puro.

ERRATAS MAIS NOTAVES D'ESTE TOMO

PÁGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
162	22	laticiosos	laticiosas
163	21	articulares	particulares
164	20	causa	cousa
164	32	affixar	fixar
166	23	Candau	Canace
167	27	a uma	uma
168	25	exemplifica-la	exemplifical-os
168	26	algun	alguem
169	7	os nobres	os novos
169	8	cursavam	cursaram
169	12	não	nos
317	6	quanto sufficiente	quantidade sufficiente
332	21	que sodio	que o sodio



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

A

- Abusos de policia pharmaceutica. 188.
Acido arsenioso sobre o organismo (effeitos do). 339.
Acido azotico (formação do) pela combustão do hydrogenio. 332.
Acido cyanhydrico (methodo de Baignet para a dosagem do). 178.
Acido phenico (agua de). 200.
Acroleina. 3.
Acta da sessão solemne de 24 de julho de 1861. 145.
Actas (extractos das) das sessões da sociedade desde 11 de outubro de 1860 até 27 de novembro de 1861. 8, 36, 43, 61, 92, 118, 135, 144, 182, 208, 228 e 341.
Agua de chloroformio. 334.
Agua distillada de copahiba. 345.
Algodão pulvera (alterações do). 130.
Analyse de uma porção de cerveja, feita pela commissão de chimica (consulta da sociedade sobre a). 112.
Analyse de uma porção de farinha e papas de milho. 141.
Analyse chimico-legal feita no cadaver de uma creança, pesquisa do phosphoro. 81.
Antidoto da embriaguez. 3.

- Arnica (sobre a composição chimica da). 325.
Artanitina. 341.
Assucar indigena (fabricação do) sem emprego do carvão animal. 131.
Aviso aos nossos consocios e pharmaceuticos do reino. 100.
Azeite mineral. 28.
Azotato de bismutho (sub) (ensaio feito sobre o), por J. J. Alves. 41.

B

- Banhos sulphúrosos de Monte Real. 189.
Barita no feldspath (presença da). 331.
Bronze de aluminio. 3.
Calomelanos (meio de reconhecer a presença do sublimado corrosivo nos). 60.
Camphorato de quinina. 200.
Carbonato de ammonia (bi). 200.
Carvão (sobre a acção do). 90.
Chloroformio, interiormente, nos calculos biliares (uso do). 334.
Chocolates sophisticated (meio de reconhecer os). 106.
Chlorureto (per) de ferro (poção de). 121.

Citromel e tartromel de iodureto ferroso (meio simplicissimo de conservar o). 125.

Clister de chloroformio. 334

Collegio de pharmaceuticos de Madrid. 211.

Collutorio para tocar as gengivas. 121.

Composto contra a incombustibilidade dos vestidos. 332.

Chronologia (continuação da) de todas as leis, decretos, alvarás e portarias relativas aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza. 29, 114, 143 e 180.

Congresso pharmaceutico. 79.

Cyanureto de potassio (emprego do). 335.

D

Daturina (propriedades e meio de obter a). 179.

Decreto de 4 de setembro de 1860, com o regulamento que o acompanha para as jubilações e aposentações dos professores de instrução publica. 29.

Decreto (continuação) de 20 de setembro de 1860, mandando pôr em vigor desde 1 de julho de 1861 o novo systema de medidas de peso, exceptuando apenas para o uso medico. 114.

Decreto de 14 de fevereiro de 1861, auctorizando a nova edição do codigo pharmaceutico lusitano. 117.

Deputados pharmaceuticos. 99.

Diabetis assucarada (tratamento da). 199.

Dianio novo corpo simples. 324.

Discurso feito pelo presidente, o sr. H. J. de Sousa Telles, na sessão solemne anniversaria de 24 de julho de 1861. 161.

Discurso feito pelo membro honorario, o sr. J. J. Alves, em sessão de 24 de julho de 1861. 157.

Discurso feito na camara dos senhores deputados, em 23 de agosto de 1861, pelo ex.^{mo} sr.

dr. José Maria de Abreu, pugnando pelos interesses pharmaceuticos. 185.

Doadores (relação dos) e objectos doados á sociedade, publicados na sessão solemne de 24 de julho de 1861. 153.

Dosagem do acido cyanhydrico (methodo de Buignet para a). 178.

E

Electuario contra a blenorrhéa e blenorragia. 21.

Elixir de chloroformio. 334.

Envenenamento pela strychnina. 4.

Estatua de um pharmaceutico. 210.

Ether acetico (purificação do). 60.

Ether iodhydrico (preparação do). 152.

Epizootia (meio de preservar os animaes da). 105.

Extracto hydralcoólico de folhas de oliveira. 79.

F

Fallecimento. 212.

Febrifugos na China. 190.

Fecula de cacau (meio de reconhecer a pureza da). 106.

Ferro e aço (apontamentos sobre a composição do). 127.

Filtro para os liquidos corrosivos (pyroxilina como). 3.

Fluor nas cinzas do lycopodio. 331.

Formulas contra a febre amarella (diversas). 101.

Fuchsina, nova base organica, e materia corante vermelha, derivada da amilina (sobre a geração da). 320.

G

Gargarejo anti-syphilitico, do dr. Remoussin. 195.

General pharmaceutico. 189.

- Genero feminino (o) exigindo instrucção medica. 210.
 Globulos homœopathicos (efficacia dos). 79.
 Glycerina nos collyrios (intervenção da). 122.

H

- Hydrato de magnesia crystallisado. 331.
 Hydratos de sulphato de quinina. 107.
 Hydrolatos (nota sobre os) pelo sr. C. J. Xavier Cordeiro. 173.
 Humidade atmospherica, durante os eclipses. (sobre a). 331.

I

- Iodo na atmosphaera. 80 e 326.
 Iritis (tratamento das diferentes). 319.

L

- Leis sobre pharmacia na Belgica. 120.
 Leite virginal. 22.
 Linimento de perchlorureto de ferro. 121.

M

- Magnesia calcinada nos envenenamentos pelo phosphoro (emprego da). 22.
 Metal monetario (novo). 80.
 Metamorphina (novo alcaloide do opio). 325.
 Mina preciosa. 80.
 Morte de collegas e consocios. 100.
 Modo de reconhecer se um quarto de uma casa pôde ser habitado. 210.

N

- Necrologio de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, socio protector da sociedade. 213.

- Necrologio. 98.
 Nomeação. 211.

O

- Observações meteorologicas. 6 e 26.
 Oleo-rezina de copahiba (incompatibilidade do) e de uma injeccão por dobrada decomposição, empregados na gonorrhéa. 314.
 Ozone considerado como causa provavel de certas molestias. 106.

P

- Parafina (suas vantagens). 28.
 Parecer da commissão *ad hoc* sobre uma proposta do nosso socio benemerito o sr. F. B. dos Santos, do Porto, com respeito á substituição da palavra *boticario* pela de *pharmaceutico*. 110.
 Parecer da commissão de direito pharmaceutico, acerca do projecto de reforma pharmaceutica, feito pelo sr. dr. Bernardino Antonio Gomes, publicado na *Gazeta medica de Lisboa*, de 1 de julho de 1860. 50.
 Parecer da commissão de direito pharmaceutico, sobre o livro intitulado *Reforma pharmaceutica ou pharmacia emancipada*, do sr. Fortuna Senior, de Matosinhos. 63.
 Pastilhas aluminosas contra as aphtas e anginas pharíngeo-laríngeas. 316.
 Pastilhas vermifugas. 337.
 Paulinia (composição chimica da). 28.
 Pessoal medico de Roma. 100.
 Pharmaceutica (uma). 5.
 Pharmaceutico victima da febre amarella em Loanda. 5.
 Pharmacopéa legal. 28.
 Phosphoro (envenenamento pelo) (uso da magnesia calcinada). 22.
 Pilulas contra a choréa, do dr. Debreyne. 338.

Pilulas contra a gota. 314.
 Pilulas para combater os vomitos incoerciveis. 23.
 Pó antidispeptico. 178.
 Pó sulphuroso. 127.
 Poção de Chopart, modificada. 193.
 Poção de perchlorureto de ferro. 121.
 Pomada ophthalmica do dr. Decondé. 195.
 Portaria de 25 de outubro de 1860, permitindo fazer exame a aspirante pharmaceutica Maria José Cruz de Oliveira e Silva, de Lavos. 116.
 Portaria de 13 de maio de 1861, concedendo á sociedade pharmaceutica lusitana o uso do edificio de S. João Nepomuceno. 143.
 Pós de cré compostos da pharmacopéa ingleza. 195.
 Pós dentrificios do general Queiroga. 105.
 Potassio (sobre a redução do). 332.
 Preparação estavel. 120.
 Processo para atacar os mineraes que resistem aos acidos. 331.

Q

Quadro (resumo do) da sociedade, com as alterações occorridas n'este anno. 154.
 Questão de pharmacia. 80.
 Questões scientificas. 80.
 Questões scientificas (programa de). 151.
 Quina (succedaneo da). 210.

R

Reactivo para reconhecer o enxofre. 100.
 Relatório dos trabalhos do 26.º anno da sociedade pharmaceutica lusitana, pelo segundo secretario, o sr. José Maria Camanho de Carvalho. 145.

Remedio contra a surdez. 105 e 124.
 Remedio contra a tísica. 177.
 Remedio para a cura da sarna. 194.
 Remedio para o tratamento da tosse convulsa. 340.
 Representação da sociedade pharmaceutica lusitana ao conselho de saude publica do reino, sobre abusos de policia pharmaceutica. 42.
 Reunião de pharmaceuticos (fevereiro). 40. (março). 59.
 Regulamento da botica do instituto agricola e escola regional de Lisboa. 180.
 Rhuibarbo da China (meio de reconhecer a falsificação do) pelos oleos essenciaes. 87.

S

Sacharato de cal (como neutralizante dos acidos do estomago). 60.
 Santonina, sobre a visão (acção da). 196.
 Sessão solemne dos pharmaceuticos de Madrid. 191.
 Sociedade de pharmacia de Londres. 4.
 Sociedade de previsão de pharmaceuticos do Sena. 209.
 Sociedade de sciencias medicas de Lisboa (sessão da). 5.
 Solução de perchlorureto de ferro neutra e inalteravel (processo para obter uma). 126.
 Sublimado corrosivo nos calomelanos (meio de reconhecer a presença do). 60.
 Succedaneo da quina (mais um). 210.
 Sulphato de cadmio. 201.
 Sulphato de ferro (proto), preparação e conservação do. 201.
 Sulphato de quinina (hydratos de). 107.
 Synonymia chimico-pharmaceutica, etc., pelo sr. Agostinho da Silva Vieira. 191.

T

- Tabaco (proscrição do). 120.
- Temperatura dos vegetaes. 23.
- Tinha (tratamento da). 197.
- Tinha (remedio contra a) pelo dr. Huet. 314.
- Tintura aquosa de rhuibarbo (conservação da). 79.
- Tintura efficaz contra as intermitentes rebeldes. 124.
- Tratamento dos accessos de enchaqueca. 317.

V

- Vinho de chloroformio. 333.

X

- Xarope de arseniato de soda na cura das escropulas. 336.
- Xarope de chloroformio. 333.
- Xarope de sulphato de magnesia. 177.



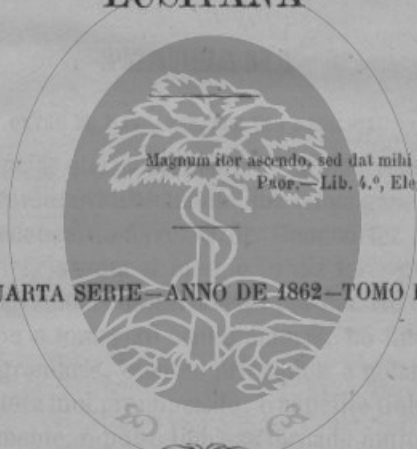
Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL

DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA

LUSITANA



QUARTA SERIE — ANNO DE 1862 — TOMO III



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1862



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

PHARMACIA

OXYDO DE MANGANEZ, SEU USO MEDICINAL

As experiencias que modernamente se têm feito sobre esta substancia provam evidentemente que o manganez é um verdadeiro succedaneo do ferro. O dr. Hannon fez as mais positivas experiencias em si mesmo, e diz ter começado por tomar 5 centigrammas do carbonato por dia. No fim de uma semana passou a tomar 20 centigrammas; no fim de quinze dias 40 centigrammas, e enfão principiou a notar um sentimento de plethora mui pronunciado; o appetite tinha augmentado sensivelmente, o pulso tinha-se tornado muito mais forte, as palpebras e conjunctivas mais rubras.

Assevera igualmente ter tirado grandes vantagens do seu emprego contra a anemia simples e symptomatica do cancro, tísica e febres intermittentes, bem como que os seus effeitos são muito mais promptos do que os do ferro, e especialmente nos escrofulosos, aos quaes o applicára sempre em forma de iodureto.

Este auctor deu-se tambem ao improbo trabalho de analysar o sangue de diversos individuos submettidos por um certo e determinado espaço de tempo á sua acção, para ver se este se encontrava no sangue em quantidades iguaes ás do ferro; e com effeito d'este exame comparativo concluiu elle que no sangue de um pletorico encontrára um augmento extraordi-

nario, comparativamente á quantidade do ferro; e em muito menor quantidade no sangue dos escrofulosos, tuberculosos e chloroticos.

O sr. Gendrin não só confirma a efficacia d'esta substancia como succedaneo do ferro, como tambem acrescenta, com o sr. Brera, de Padua, que este oxydo é excellente contra a diarrhéa atonica; e o dr. Jacques tambem o aconselha como muito proveitoso nas epilepcias, contra as quaes diz ter observado os mais bellos effeitos, bem como que as aguas naturaes de Cransac devem as suas virtudes medicinaes a este oxydo.

O sr. Hannon indica os seguintes preparados d'esta substancia:

1.º O peroxydo de manganez, que se applica na dóse de 40 centigrammas até 3 grammas.

2.º O protoxydo de manganez, que se deve prescrever na dóse de 2 a 4 grammas com 30 grammas de xarope simples, juntando-lhe uma emulsão oleosa para evitar o contacto do ar.

3.º O carbonato manganésico, que se prepara da seguinte maneira:

Sulphato manganésico crystallisado	350 grammas
Carbonato sodico crystallisado	390 »
Agua	q. s.

para operar a dissolução e uma dupla decomposição completa: e juntam-se 30 grammas de xarope simples para cada 350 grammas de liquido.

Deixa-se depositar em frasco de rolha esmerilhada, decanta-se, lava-se com agua assucarada, e faz-se esgotar sobre um tecido, tambem impregnado de xarope simples. Espreme-se e junta-se mel 30 grammas; evapora-se rapidamente, livre do contacto do ar, até á consistencia de extracto, do qual se gomme arabica, quanto sufficiente, se fazem pilulas de 20 centigrammas cada uma, para se tomarem duas até dez por dia.

4.º O malato neutro manganésico, cuja dóse é de 10 a 20 centigrammas por dia, em pilulas.

5.º O tartrato manganésico, que se administra como tónico, associado a igual porção de extracto de ratanhia, dissolvido juntamente, 10 grammas de cada um, para 530 grammas de xarope de Tolú, que se tomará na dóse de 4 a 5 colhéres por dia.

6.º O phosphato manganésico, que se emprega igualmente debaixo da fórma syroposa ou em pilulas, na dóse de 20 a 80 centigrammas.

7.º O iodureto manganésico, cuja formula é a seguinte:

Iodureto potássico.....	} aã 30 grammas
Sulphato manganésico, secco e pulverisado	

Misture-se exactamente comquanto sufficiente de mel para formar massa pilular, na qual se opera a dupla decomposição, gerando-se d'esta um iodureto manganésico e um sulphato potássico.

Emprega-se em pilulas de 20 centigrammas cada uma, de uma a seis por dia.

O xarope do iodureto manganésico prepara-se vertendo acido hydriodico concentrado sobre 4 grammas de carbonato manganésico perfeitamente puro e hydratado, até que este se dissolva completamente, e junta-se a esta dissolução 530 grammas de xarope sudorifero de guaiaco.

Dóse, duas a seis colhéres por dia.

F. J. R. Locummo.

BALSAMO TRANQUILLO, NOVO PROCESSO PARA O PREPARAR

PELO SR. JOURDAIN

O processo indicado pelo Codex, para a preparação do balsamo tranquillo e do unguento populeão, occasiona grande perda de excipiente; não obstante o indicar-se no formulario do sr. Dorvault o meio de remediar este desperdicio; mas ainda assim não satisfaz, porque envolve outros inconvenientes, taes como o tempo, o combustivel, etc. O meio proposto pelo referido auctor consiste em empregar-se, em lugar da planta inteira, o sumo das plantas bem verdes, machucadas

e espremidas na prensa, com a condição de que as plantas sejam colhidas em epocha opportuna e empregadas frescas; o producto obtido a final é excellente. Em relação ao balsamo tranquillo, diz o sr. Meunier, que empregando as plantas aromaticas, ricas em essencia, a perda é nulla.

Pelo que diz respeito á therapeutica, é evidente que o processo indicado em nada é prejudicado.

(El siglo medico)

POÇÃO CONTRA A DIARRHÉA REBELDE QUE DE ORDINARIO

ACOMPANHA A DENTIÇÃO

PELO SR. BEZIER

Agua de lanchagem	120	grammas
Gomma arabica em pó	3	»
Sub-nitrato de bismutho	2	»
Pepsina	1	»
Xarope de symphito	30	»
Rhuibarbo em pó	30	centigrammas
Ipecacuanha em pó	15	»

Misture s. a.

Dose, uma colher de hora a hora.

(El siglo medico)

F. J. R. Lounhino.

QUÍMICA

NOVO METHODO PARA DETERMINAR O ASSUCAR NA URINA DIABETICA

PELO SR. DR. ROBERTS

O sr. Roberts determina a quantidade de assucar contido na urina das pessoas affectadas de diabete assucarada pela perda da densidade que experimenta este liquido depois da fermentação. Quando se faz fermentar a urina da diabete por meio de levadura de cerveja, a sua densidade, que era primitivamente de 1,030 a 1,050, desce a 1,009 ou a 1,002, e algumas vezes mesmo a menos de 1,000. Este resultado é devido á perda de assucar pela fermentação, e por conseguinte á presença do alcool perdido no liquido. Como esta

diminuição de densidade deve ser proporcional á quantidade de assucar transformado pelo fermento, o valor da perda fornece um meio de calcular quanto de assucar contém a urina, se os outros elementos da urina ficam como anteriormente.

Para determinar primeiro a relação que existe entre a perda de densidade e a quantidade de assucar destruido pelo fermento, o auctor fez varias experiencias sobre a urina dos doentes diabeticos.

1.º *A quantidade de assucar foi determinada pelo methodo volumetrico.*

2.º *Tomou-se a densidade da urina.*

3.º *Fez-se fermentar de 90º a 125º a urina com leavadura.*

4.º *Depois de vinte e quatro horas, tendo terminado a fermentação, tomou-se de novo a densidade do liquido, do qual se calculou a perda experimentada.*

Operando d'esta maneira sobre uma amostra de urina, obtiveram-se os resultados seguintes:

<i>Assucar em 100 partes pelo methodo dos volumes</i>	=	7,96
<i>Densidade antes da fermentação (a 15º c.) ou</i>	<i>D</i> =	1:038,60
<i>Densidade depois da fermentação (a 15º c.) ou</i>	<i>D'</i> =	1:005,92
<i>Densidade perdida ou</i>	<i>D — D'</i> =	32,68

Portanto a relação entre a densidade perdida e a quantidade para 100 de assucar é n'este caso como

$$32,68 : 7,69 \text{ ou como } 1 : 0,235$$

Ora, das experiencias multiplicadas com a urina diabetica de diferentes pessoas tem-se achado que a relação a mais exacta é como 1 : 0,23.

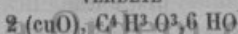
Portanto póde calcular-se de ora em diante a quantidade de assucar, segundo a formula

$$\text{Assucar em 100 partes, ou } S = (D - D') \times 6,23.$$

O auctor fez, alem d'isso, experiencias com urina assucarada diluida em agua, com dissoluções de assucar de canna n'este liquido, e affirma que este methodo conduz a resultados exactos.

SOBRE AS ALTERAÇÕES E FALSIFICAÇÕES DE ALGUNS PRODUTOS

NOMES	CARACTERES GERAES
Acetato de ammonia $AzH^4O, C^4H^3O^3$ —	Liquido incolor, marca 5º no pesa saes. Sabor acre e fresco. — Densidade, 1,035. Misturado com a potassa, soda ou cal des- envolve o ammoniaco, e pelo acido sulphu- rico o acido acetico, facéis de reconhecer pelo seu cheiro.
ESPIRITO DE MINDERER ¹	Pela addição de uma solução de sesqui- chlorureto de ferro diluida produz-se uma solução vermelha rubra. Não deve alterar os papeis reactivos ² .
Acetato neutro de cobre — $CuO, C^4H^3O^3, HO$ CRYSTAES DE VENUS	Apresenta-se em crystaes rhomboedricos, de cor verde carregado, que efflorescem ao ar. — Soluvel na agua e no alcool. Sabor styptico, metallico e desagradavel. Para reconhecer o acetato de cobre, trata-se pelo acido sulphurico concentrado, desenvol- ve-se o acido acetico, e com um arseniato um precipitado verde. A potassa caustica dá em uma solução de acetato de cobre um precipitado azul claro, insoluvel em excesso da reactivo. Acido sulphydrico precipitado negro. Ferro-cyanureto de potassio, precipitado cor de castanha. Lamina de ferro bem polida, cobre-se de uma capa cuprica.
Sub-acetato de cobre — VERDETE	Vem ao commercio em massas amorphas de cor azul esverdeado.



¹ O espirito de Minderer é tambem um acetato de ammonia, mas preparado com o vinagre distillado e carbonato de ammonia, resultante da distillação secca da ponta de veado, contendo por isso olio empyreumatico.

² O acetato de ammonia, tornando-se acido com o tempo, é conveniente deixa-lo ligeiramente alcalino.

CTOS MAIS USADOS EM PHARMACIA E MEIOS DE AS RECONHECER

MEIOS DE VERIFICAR A PRESENÇA DE

Pela evaporação; se deixa residuo.....	Materias estranhas.
Pelo azotato de prata; precipitado branco.	Acido chlorhydrico, ou chloruretos.
Pelo sulphydrico, precipitado negro	Metaes, cobre, chumbo, etc.
Pelo chlorureto de bario, precipitado branco.....	Acido sulphurico ou sulphatos.

Uma solução aquosa tratada pelo acido sulphydrico, depois filtrada, e o liquido filtrado pelo chlorureto de bario, se dá precipitado branco

Acido sulphurico.

A solução já precipitada pelo sulphydrico filtrada, se dá pelo ferro cyanurato de potasio, precipitado azul.....

Ferro.

Dirigindo uma corrente de sulphydrico para uma solução, o precipitado formado é tratado, depois da separação dos liquidos, por uma solução de potassa caustica, depois filtrado e tratado de novo pelo sulphydrico: precipitado branco

Zinco.

Dissolve-se no acido acetico diluido: residuo.....

Cobre, metal.

Quando se faz digerir com o acido sulphydrico, e deixa um residuo, que tratado pelo acido chlorhydrico, filtrado, depois da solução e saturado pelo ammoniaco, dá um precipitado branco pelo oxalato de ammonia.....

Cal.

Lançando 10 grammas de acido sulphurico a 66° sobre 4 de verdete em pó, e depois de cinco minutos de agitação se ajuntam 50 grammas de agua, depois do sulphato formado impuro.....

Residuo da uva e materias linhosas.

(Continua.)

DOSAGEM VOLUMETRICA DO ACIDO AZOTICO

PELO SR. BRAUN

O sr. Braun propõe modificar do seguinte modo o processo do sr. Pelouze para a dosagem volumetrica do acido azotico: em lugar de titular pelo permanganato de potassa a quantidade de protoxydo de ferro sobre a qual o acido azotico não teve acção, dá o peroxido formado por meio do iodureto de potassio, e do hypo-sulphito de soda. O perchlorureto de ferro decompõe, como se sabe, o iodureto de potassio, e põe o iodo em liberdade logo, mas mais completamente quando se auxilia a reacção de um brando calor. O iodo livre pôde facilmente graduar-se com auxilio de uma solução de hypo-sulphito de soda, depois da addição de uma pequena quantidade de amido.

Prepara-se a solução normal de hypo-sulphito de soda, dissolvendo um peso conhecido de sal em um volume igualmente conhecido de agua. Tambem se pôde preparar, titulando com uma solução de hypo-sulphito o iodo posto em liberdade pelo perchlorureto de ferro preparado com um peso conhecido de ferro metallico.

(Journal de pharm. e de chim.)

J. J. ALVES.

REGAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 615 DA SESSÃO DE 20 DE DEZEMBRO DE 1864

Presidência do sr. F. J. R. Loureiro

Pelas seis horas e meia da noite abriu-se a sessão; foi lida e approvada a acta da anterior.

Teve igualmente leitura a acta da ultima sessão do conselho administrativo.

Não havendo correspondencia, o sr. *primeiro secretario* deu conta dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

O sr. *presidente* participou que a mesa havia dirigido os pezames a Suas Magestades El-Rei o Senhor D. Luiz I, e a seu augusto pae El-Rei o Senhor D. Fernando, pelas mortes

do Rei o Senhor D. Pedro V, e Sua Alteza o Senhor D. Fernando, e que ambos acolheram e agradeceram as sinceras e sentidas expressões da sociedade, respondendo nos termos os mais affaveis ás allocuções, cuja leitura fez o sr. *primeiro secretario*, que é como se segue:

ALLOCUÇÃO DIRIGIDA A SUA Magestade EL-REI
O SENHOR D. LUIZ I

Senhor! — A sociedade pharmaceutica lusitana, penetrada do mais vivo e profundo sentimento pela prematura e infaustissima morte do mui virtuoso Rei de Portugal, e seu socio protector, o Senhor D. Pedro V, e pela do principe o Senhor D. Fernando, augustos irmãos de Vossa Magestade, vem depositar aos pés de Vossa Magestade os mais respeitosos cumprimentos de pezames, por tão irreparavel e dolorosissima perda, por que a Providencia acaba de fazer passar esta nação.

Senhor! Quando todos os angulos da monarchia se cobrem de luto, e soam as maguadas expressões de dor e de saudade pela extincção de uma tão preciosa vida, quando vemos que o pobre e o rico, o pequeno e o grande, derramando lagrimas sobre a campa do Monarcha, bendizem sua memoria; a sociedade pharmaceutica, como representante de uma classe scientifica, e que tanto lhe queria, não póde ficar silenciosa, porque bem conhece quão grande era a protecção que o sabio Rei de Portugal dispensava ás sciencias e ás artes.

Mas a tão infeliz successo, que nos traz em continuo pezar, uma sublime idéa vem robustecer nosso espirito e encorajar-nos.

Essa idéa é a congratulação que nos cabe pela glória que o nosso Monarcha soube ganhar para o seu paiz, ficando seu nome impresso na memoria de todos os portuguezes, e por vermos que acaba de subir os degraus do throno um Rei, que pela sublime e esmerada educação que recebeu de seus augustos Paes, se empenhará em sustentar o triplice palladio da liberdade, independencia e gloria de Portugal.

A sociedade pharmaceutica pois, cumprindo um dever difficil e penoso, espera que Vossa Magestade se dignará

aceitar o preito da mais cordial homenagem e respeito, e com este a lealdade de profundo sentimento de fieis subditos que nos prezâmos de ser.

Lisboa e sociedade pharmaceutica lusitana, em 16 de dezembro de 1861.—*Francisco José Rodrigues Loureiro*, presidente—*Joaquim José Alves*, primeiro secretario—*Antonio Joaquim Labatte*, segundo secretario.

ALLOCUÇÃO DIRIGIDA A SUA Magestade EL-REI
O SENHOR D. FERNANDO II

Senhor!—Na tão deploravel, prematura e sentidissima morte do nunca assás chorado soberano o Senhor D. Pedro V, de saudosissima memoria, perdeu Vossa Magestade o mais querido dos filhos, perderam os portuguezes um Rei virtuoso e magnanimo, e a sociedade pharmaceutica lusitana o seu socio protector amado, como aquelle que consagrava ás sciencias e ás artes a mais viva consideração.

N'esta lamentavel morte, e na do Principe D. Fernando, caros filhos de Vossa Magestade, no meio do grande sentimento tudo se cobre de luto, e a sociedade pharmaceutica lusitana participa da magua que pesa sobre a Familia Real, da dor que dilacera o coração de Vossa Magestade, que como bom Rei, como bom Esposo e virtuoso Pae, não merecia ter experimentado tão crueis soffrimentos.

Porém, Senhor, grande é o poder do Creador do universo, porque a tão irreparavel perda nos dá para dirigir este reino um filho descendente das mais sublimes virtudes, e a quem o paiz já deve não poucos serviços, o nosso Rei o Senhor D. Luiz I.

Digne-se pois Vossa Magestade receber benigno da sociedade pharmaceutica lusitana, que tem a gloria de possuir a Vossa Magestade como seu socio protector, as mais vivas demonstrações de sentimento por tão funestos acontecimentos, e acreditar que como portuguezes fazemos os mais ardentes votos para a conservação da preciosa vida de Vossa Magestade, do excelso Rei o Senhor D. Luiz I, e de toda a familia real.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, aos 16 de dezembro de 1861.—*Francisco José Rodrigues Loureiro*, presidente—*Joaquim José Alves*, primeiro secretario—*Antonio Joaquim Labatte*, segundo secretario.

O sr. *Telles* participou que o nosso socio honorario o sr. Fradesso da Silveira lhe tinha pedido para fazer constar á sociedade que motivos attendiveis o tinham impedido de comparecer á missa por alma do finado Rei o Senhor D. Pedro V, para que fôra convidado. A sociedade recebeu com satisfação este testemunho de deferencia da parte do sr. Silveira.

O sr. *Norberto* apresentou o resultado da subscrição a que se procedeu para suffragar a alma de El-Rei o Senhor D. Pedro V, a qual produziu 48\$100 réis; que d'esta quantia, tiradas todas as despezas, tinham sobrado 20\$000 réis, os quaes foram distribuidos em harmonia com as determinações da sociedade; isto é: 10\$000 réis para o asylo de Nossa Senhora da Conceição de raparigas abandonadas, e 7\$250 réis para cada um dos pharmaceuticos necessitados. O mesmo senhor explicou a razão por que os dois pharmaceuticos tinham recebido a mais do que se tinha determinado 2\$250 réis, pois que um collega havia dado 4\$500 réis com o fim de serem divididos unicamente pelos pharmaceuticos.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

O sr. *Alves* apresentou duas propostas, que declarou urgentes, a primeira para um socio effectivo, a segunda para correspondente nacional.

Approvada a urgencia, procedeu-se á votação, e foram unanimemente admittidos para effectivo o sr. José Vicente Leitão Junior, pharmaceutico morador no largo da Esperança, e para correspondente nacional o sr. Daniel Antonio da Fonseca, pharmaceutico estabelecido em Vallada.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

PARECERES DE COMMISSÕES

O sr. *Telles*, como director da commissão de direito pharmaceutico, apresentou tres pareceres com respeito á admis-

são de um socio benemerito e dois honorarios; depois de ter entrado em discussão foram approvados, ficando assim admitidos:

Socio benemerito s. ex.^a o sr. ministro do reino, Marquez de Loulé, pelos muitos beneficios que ha prestado a esta sociedade, e de que está actualmente gosando;

Socio honorario o sr. dr. José Antonio Marques, cirurgião de brigada, assás conhecido no mundo scientifico, e um dos ornamentos da classe medica;

Socio honorario o sr. Joaquim Ferreira Norberto, pelo zêlo e actividade que tem sabido e continua a desenvolver a favor da sociedade.

Entrou tambem em discussão o parecer da commissão de direito pharmaceutico, sobre a proposta apresentada pelo sr. Joaquim Ferreira Norberto, para que a sociedade represente ao governo ácerca da disposição da lei do sello de 17 de agosto de 1861, que impõe ás pharmacias uma licença annual no valor de 1\$200 réis.

Houve larga discussão sobre este parecer, sendo a final approvado, deliberando a sociedade fosse a mesa encarregada de redigir a representação do modo que julgue mais conveniente ao bem da classe pharmaceutica.

Não havendo mais nada a tratar, fechou-se a sessão eram dez horas da noite, dando o sr. *presidente* para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. — Antonio Joaquim Labatte, segundo secretario.

Centro de Documentação Farmacêutica

VARIÉDADES

Pensões ás viúvas dos pharmaceuticos hespanhoes.— O conselho d'estado, em Hespanha, approvou a concessão ás viúvas dos pharmaceuticos que estão comprehendidos na lei de saude de 1855. Esta justa concessão é devida sem duvida aos grandes esforços empregados pelo illustrado pharmaceutico e deputado ás côrtes, o sr. D. Pedro Calvo Ascencio. Mas notem os leitores, que isto acontece em Hespanha, por-

que em Portugal, ainda não ha muito que na Africa, tendo morrido da febre amarella e em campanha facultativo e pharmaceutico, apenas a viuva do facultativo foi soccorrida.

Não comprehendemos a rasão de tão grande desigualdade em casos identicos, porém o que comprehendemos é que já é tempo de conhecer a utilidade da classe pharmaceutica, para ao, menos não deixar morrer de fome as mulheres dos que sacrificaram a sua vida.

Desenganem-se, enquanto no parlamento não se fizer troar a voz do pharmaceutico, que pura e lealmente advogue os interesses de sua classe, nada se faz. Será tarde, mas temos fé que lá havemos de chegar.

Kerosoleno, novo anesthesico.— Descobriu o professor Bigelow, de Boston, um novo anesthesico, chamado kerosoleno, que não é outra cousa mais do que um carbureto de hydrogenio. Parece que apresenta todos as vantagens e nenhum dos inconvenientes dos mais anesthesicos conhecidos.

Sobre uma supposta essencia de hortelã pimenta crystallisada.— Este pretendido stearoptene, que os chins procuram introduzir na Europa, não é mais do que o sulphato de magnesia perfumado com a essencia de hortelã pimenta.

Antidoto contra o envenenamento pelo stramonio.— O dr. Anderson emprega o chlorhydrato de morphina em solução na dóse de um grão por hora, e oito vezes tomado diz que o estupor desaparece, o paciente recobra a consciencia de seu ser e o delirio convulsivo cessa completamente.

A enorme quantidade de quinze grãos de morphina em dez ou oito horas não produz effeito algum toxico.

Sobre a respiração dos vegetaes.— Segundo o sr. Bous-singault, as idéas admittidas até aqui sobre esta importante funcção dos vegetaes devem modificar-se, posto que ao seguir as experiencias indicadas por Saussure, cré poder demonstrar que as plantas exhalam, debaixo da influencia da luz solar, não só o oxygenio, mas tambem quantidades mui notaveis de azoto.

Nova descoberta.— *La presse scientifique* diz que o go-

verno francez acaba de pagar um tributo ao merito aos dois sabios allemães Brunsen e Kirchoff, concedendo-lhe o habito da Legião de Honra, pela surprehendente descoberta que acabam de fazer, de um methodo que facilita os meios para a sciencia conhecer com segurança a composição chimica do sol e das estrellas. Quando o immortal astrologo Arago deu ao prelo as suas admiraveis observações sobre a polarisação, vaticinou que a sciencia ainda um dia havia de adquirir meios de obter noticias positivas da constituição physica das atmosferas solares e planetarias. E com effeito esta maravilhosa descoberta veiu já, em parte, confirmar os vaticinios d'aquelle grande genio. O sr. Dumas, fallando das descobertas d'este sabio, inseriu no *Moniteur* um notavel artigo a este respeito. E se nos é dado ajuizar do futuro pelo passado, não duvidariamos tambem acreditar que, segundo a magestosa marcha das sciencias, ainda um dia chegaremos mais longe, aos mais positivos conhecimentos physicos do universo.

Azeite artificial.—Em uma officina em Madrid fez-se ultimamente uma experiencia ou ensaio sobre um oleo artificial, invenção de um francez. Afirmam os jornaes hespanhoes que a luz produzida por este oleo é muito forte e muito mais clara do que a do azeite commum, e que seu preço não deixa de offerecer vantagem.

Novo reactivo para a caffeina.—Submette-se a caffeina á evaporação com uma porção de agua chloráda, o que occasiona um residuo vermelho, que se torna amarello a uma temperatura mais elevada. Faz-se apparecer a cor vermelha com uma gota de ammoniaco. Segundo o sr. Schwarzenbach, basta uma so semente de café para produzir esta reacção.

Sobre as propriedades do acido carbonico liquido.—Segundo o sr. Gore, o acido carbonico liquido póde ser preparado em pequenas quantidades em tubos fechados com a guta percha. Este chimico estudou a acção exercida sobre um grande numero de substancias por este acido liquifeito, e reconheceu que n'este estado possui propriedades que recordam em geral o sulphureto de carbonio; comtudo tem

pouca acção sobre os corpos gordos, dissolve a camphora e o iodo com muita facilidade, mas não obra sobre os saes oxygenados nem avermelha o tornasol.

Os metaes alcalinos decompõem-o, roubando-lhe o oxygenio. Penetra na guta percha e torna-a branca, extrahindo-lhe um corpo escuro. O caoutchouc absorve d'ella uma certa quantidade, e quando retirado do liquido incha fortemente para tomar a pouco e pouco o seu volume primitivo, logoque o acido obsorvido pôde volatilisar-se. Depois d'este operação torna-se branco.

O acido carbonico liquido não conduz a electricidade, e oppõe-se mesmo á passagem das faiscas de inducção, que não são muito fortes.

Preparação de antimoniato de potassa como reactivo. — O sr. Brunner preparou este sal do seguinte modo: tomou uma mistura de tartaro emetico e acetato de potassa, e introduziu-o por pequenas porções n'um cadinho aquecido ao rubro. Quando a deflagração se tem operado conserva-se por um quarto de hora, até que chegue ao estado de fusão tranquilla. Depois do resfriamento esgota-se pela agua tepida; obtem-se então um pó branco muito pesado, que se lava por decantação; concentram-se as aguas de lavagem depois de reunidas á dissolução e evapora-se. No fim de um a dois dias forma-se uma materia pastosa que se reune com o pó branco acima e que se faz seccar em papel descollado: 100 grammas de emetico deram 36 grammas de antimoniato de potassa.

Acção do chloro sobre o acido butyrico. — O sr. Nauman expoz o acido butyrico á acção de uma corrente de chloro debaixo da influencia de uma forte insulação; desenvolveu-se muito acido chlorhydrico, o liquido esverdeou e tornou-se viscoso; collocou-se a retorta na agua quente, e continuando a acção do chloro não tardou em formar-se um sublimado crystallino, que augmentou ainda quando tendo-se a reacção afrouxado, se fez intervir a temperatura da chamma do alcool.

Os crystaes não eram mais que o resquichlorureto de carbonio $C^4 Cl^6$.

Sobre o iodureto de potassio. — O sr. Erlenmeyer não admitte que o aspecto porcelanado do iodureto de potassio seja um signal certo de impureza, nem que a sua limpidez seja indicio de pureza. Em opposição ás asserções de Mohr póde obter-se o iodureto porcelanado sem emprego do carbonato de potassa, para o que basta concentrar fortemente a dissolução e deixa-la arrefecer lentamente. Os crystaes assim formados são pequenos, sobrepõem-se antes do tempo de engrossarem, formando assim uma aggregação, tornada opaca pela reflexão irregular que ella exerce sobre os raios luminosos.

Por outro lado o sr. Erlenmeyer obteve o iodureto de potassio perfeitamente limpido n'uma agua mãe carregada de carbonato de potassa, sendo os cubos mais ou menos modificados pelas faces do octaedro, a ponto de tomarem um aspecto octaedrico.

Segundo este chimico a preferencia dada pelos pharmaceuticos allemães ao iodureto *porcelanado* é fundada na sua grande friabilidade, prestando-se muito melhor ás operações pharmaceuticas.

J. J. ALVES.

RELATORIO SOBRE A MISSA QUE A SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA E VARIOS PHARMACEUTICOS NÃO SOCIOS MANDARAM CELEBRAR POR ALMA DE SEU SOCIO PROTECTOR EL-REI O SENHOR D. PEDRO V, DE SAUDOSISSIMA MEMORIA, SEGUIDO DA RECEITA E DESPEZA FEITA COM O MESMO ACTO.

Tendo a sociedade pharmaceutica lusitana deliberado mandar dizer uma missa por alma de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, seu socio protector, de saudosa memoria, assistindo á dita cerimonia todos os pharmaceuticos, socios e não socios, propoz o sr. José Joaquim Alves de Azevedo, que querendo todos os pharmaceuticos dar um testemunho publico do quanto sentiam a morte de seu chorado Monarcha, desejava que essas despezas não fossem feitas pelo cofre d'esta sociedade, mas sim por uma subscrição por todos os phar-

maceuticos da capital, os quaes concorreram com o seu donativo, como se póde verificar á vista da relação existente em casa do thesoureiro d'esta sociedade, o sr. Joaquim Ferreira Norberto, largo do Calhariz, n.º 13. Esta subscrição avultou á quantia de 43\$500 réis.

Em seguida deliberou-se que esta missa fosse cantada e com um *libera me*. Esta solemnidade teve logar no dia 29 de novembro do presente anno, pelas dez horas da manhã, em Santo Antonio da Sé, igreja do municipio de Lisboa, honrando este acto, com a sua presença, a camara municipal e alguns socios benemeritos e honorarios. O templo estava ricamente armado e com a mesma eça que servira nas exequias da quebra dos escudos, a qual foi posta á disposição da sociedade, pelo armador, o sr. Antonio Quintino Gomes, em obsequio á mesma sociedade; a camara municipal ordenou tambem que todos os paramentos, alfaias e cera, tanto da eça como dos altares, fosse posto á disposição da sociedade.

Foi pela mesma sociedade deliberado que depois das despesas feitas, metade do saldo fosse dado ao asylo de Nossa Senhora da Conceição das raparigas abandonadas, e a outra metade dividida pelos dois pharmaceuticos pobres e entrevados, que são os srs. Placido José da Rosa e Bernardo Antonio Cordeiro, ficando o sr. thesoureiro encarregado d'essa divisão.

No dia 29, dia em que se celebraram as exequias, um pharmaceutico, socio d'esta sociedade, depositou nas mãos do sr. thesoureiro a quantia de 4\$500 réis, a fim de que esta somma fosse dividida igualmente pelos dois pharmaceuticos pobres, pedindo juntamente que se lhe occultasse seu nome, motivo por que não o nomeámos. Findas as despesas foi o saldo de 20\$000 réis, dividindo o sr. thesoureiro este saldo da seguinte maneira: 10\$000 réis para o dito asylo, e 7\$250 réis a cada um dos pharmaceuticos, sendo 5\$000 réis da parte que lhe pertencia da subscrição, e 2\$250 réis do donativo offerecido pelo pharmaceutico anonymo. Segue a receita e despesa.

RECEITA

Producto da subscrição promovida pela sociedade pharmaceutica lusitana, para se mandar celebrar uma missa solemne e um <i>libera me</i> por alma de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, socio protector da mesma sociedade	43\$440
Donativo feito pelo pharmaceutico anonymo	4\$500
Idem de outro anonymo	\$160
Somma	<u>48\$100</u>

DESPEZA

Ao reverendo padre thesoureiro, pela despesa feita com os padres e mais arranjos na igreja (documento n.º 1)	14\$720
Idem com a gratificação ao empregado, pelo seu trabalho com a subscrição (documento n.º 2)	4\$500
Idem com os annuncios (documentos n.ºs 3, 4, 5 e 6)	3\$780
Idem com recados, papel para cartas e mais miudezas (documento n.º 7)	\$600
Idem com o donativo ao asylo de Nossa Senhora da Conceição das raparigas abandonadas (documento n.º 8)	10\$000
Idem com o pharmaceutico Bernardo Antonio Cordeiro, da subscrição 5\$000 réis, do pharmaceutico 2\$250 réis (documento n.º 9)	7\$250
Idem com o pharmaceutico Placido José da Rosa, da subscrição igual quantia 5\$000 réis, do pharmaceutico 2\$250 réis (documento n.º 9)	7\$250
Somma	<u>48\$100</u>

Lisboa e thesouraria da mesma sociedade, aos 31 de novembro de 1861. = O thesoureiro, *Joaquim Ferreira Norberto*.

PHARMACIA

MISTURA DO IODURETO DE POTASSIO E DE LOBELIA
CONTRA A ASTHMA

O redactor do *Boston medical journal*, em uma nota que foi transcripta no *Bulletin général de thérapeutique*, chama a attenção de seus companheiros sobre os effeitos que podem obter-se do iodureto de potassio, no tratamento da asthma, dizendo:

«Vende-se na cidade de Boston um medicamento secreto, que possui grande virtude contra a asthma, de cuja analyse colhemos que elle contém uma grande quantidade de iodureto de potassio, e este ultimo agente tambem já foi ensaiado nos mesmos padecimentos, associado a diferentes outros, e produziu os mais satisfactorios resultados.»

O sr. Horacio Green, medico americano, tambem publicou uma formula em que o iodureto entra em quantidade associada a outros medicamentos apropriados, cuja acção sobre certos desarranjos da respiração são confirmados pela experiencia. Eis a formula:

Iodureto de potassio	8	grammas
Cozimento de polygala	100	»
Tintura de lobelia	25	»
Dita de opio camphorada	25	»

Misture.

O sr. Green recommenda esta preparação nos casos em que a asthma é complicada com inflammção dos bronchios.

(Bul. gén. de thérap.)

F. J. R. LOURINHO.

USO TOPICO DA VERATRINA CONTRA AS DORES QUE ACOMPANHAM
A MENSTRUACÃO

É frequentissimo este symptoma, e é por isso que os auctores classicos não têm podido ácerca d'este ponto guardar um silencio tão completo como o que accusa o sr. Vannaire.

A therapeutica tambem se não encontra desprovida a este

respeito, e o uso do castoreo, em altas doses, frequentes vezes triumpham d'essas colicas uterinas, que acompanham a expulsão dos coagulos sanguineos. Isto porém não deve impedir que se consigne este novo meio que indica o sr. Vannaire contra esta especie de dismenorrhœa mechanica.

Segundo o citado professor, o uso de uma pomada que contenha uma centesima parte do seu peso de veratrina, empregada na dose de 1 a 2 grammas em fricções suaves sobre a região infra-umbelical, duas vezes em vinte e quatro horas, é sufficiente para produzir a completa cessação das dores. O auctor diz que ainda nenhuma d'estas dores resistiu a esta preparação, o mais, até cinco fricções: em uma senhora, submettida a este tratamento, as violentas dores uterinas intermittentes foram substituidas por um somno tranquillo e reparador.

(Compte-rendues de la société de Gannot.)

F. J. R. LOUREIRO.

**SOBRE A POMADA DE IODURETO DE POTASSIO PREPARADA
COM A ADIÇÃO DE GLYCERINA**

POR MR. CONSAR

A manipulação mais expedita para preparar esta pomada consiste em dissolver o iodureto na menor quantidade possível de agua, antes de o incorporar á gordura. Quando esta ultima substancia não é muito recente, acontece que a pomada se torna amarella no fim de pouco tempo da sua preparação. Remedeia-se este inconveniente tornando-se o iodureto alcalino com a addição de uma pequena quantidade de dissolução de potassa caustica.

Mr. Consar acredita ter achado na glycerina uma substancia que permite preparar mais rapidamente esta pomada. Eis-aqui como elle aconselha operar; toma-se:

Iodureto de potassio	1
Glycerina branca	2

Faz-se a mistura em um pequeno balão, aquece-se a banho maria, agitando muitas vezes até que todo o iodureto seja completamente dissolvido.

Esta preparação, a que se poderá dar o nome de glycerolado de iodureto de potassium, é susceptível de se conservar muito tempo sem experimentar a menor alteração; além d'isso incorpora-se á gordura muito melhor que a solução aquosa.

Para preparar a pomada de iodureto nas proporções em que é formulada pelo codex, toma-se:

Glycerolado officinal de iodureto 12 grãos
Gordura ou banha recente ou benzinada 20 »

Misturando-se estas duas substancias em um almofariz obtem-se uma pomada perfeitamente homogenea, de bella consistencia, e que se conserva muito sem alteração.

Querendo preparar-se uma pomada iodurada com a addição do iodo, faz-se dissolver este metalloide no glycerolado de iodureto antes de ajuntar-se ao corpo gordo.

Este modo de preparar a pomada de iodureto de potassio é susceptível de ser applicado para todas aquellas em que entram alguns saes soluveis na glicerina.

(Journal de pharmacie et de chimie.)

FRANCISCO BERNARDO PIMENTEL.

TRATAMENTO DA GOTA

O sr. Trousseau admite o uso do colchico como exclusivo no tratamento da gota, ao menos como unico medicamento capaz de minorar ou conter de uma maneira absoluta a violencia dos seus ataques.

Este professor prefere, entre todas as formulas conhecidas, a do sr. Becquerel, que é a seguinte:

Sulphato de quinina 28 grãos
Extracto de sementes de colchico 10 »
Dito de digitalis 5 »

Misture s. a. e façam-se dez pilulas para tomar duas a tres por dia.

(El Siglo medico.)

Os redactores de *La union médical de la Gironde* dizem a este respeito o seguinte:

« Não preferimos, debaixo do ponto de vista de sua maior actividade, as alcoolaturas de sementes de colchico e de digitalis, formuladas do seguinte modo:

Sulphato de quinino, activado por	
meio do acido sulphurico, ou me-	
lhor pelo citrico ou tartarico	54 grãos
Dita de sementes de colchico	3 »
Tintura de digitalis	1 1/2 oitava

Misture. Para tomar em dezoito dóses, duas a tres veze por dia, n'uma chavena de agua assucarada.»

(*L'union médical de la Gironde.*)

F. J. R. LOUZEIRO.

COZIMENTO BRANCO DE SYDENHAM: MODIFICAÇÕES EM SUA PREPARAÇÃO

O cozimento branco de Sydenham, diz o sr. Tizy, é um medicamento approved por uma larga experiencia, ácerca de cuja efficacia não me pertence a mim pronuncia-lo.

O pharmaceutico, na presença de uma formula, consagrada por tão larga experiencia, deve inclinar-se diante do texto. Quando haja necessidade de algumas modificações não devem estas versar senão sobre certos detalhes, conservando religiosamente a composição primitiva.

Preparado segundo a formula do Codex, com o miolo de pão, este precioso medicamento apresenta um grave defeito, qual é o de se azedar com facilidade, sobretudo no estio, que é quando mais a miúdo ha necessidade de emprega-lo.

Para remediar este defeito tem-se proposto substituir o miolo de pão pela gomma; debaixo de auctoridade de nomes tão recommendaveis, a generalidade dos pharmaceuticos não emprega a primeira substancia na preparação do cozimento branco, porque assim se retarda mais a decomposição, ainda que ella sempre tem logar mais tarde.

Esta suppressão não deixa de ser racional, porque diminue aquelle defeito, e a preparação não deixa de conservar a sua antiga efficacia.

E com effeito o miolo de pão parece não obrar aqui só como emolliente amylaceo, porque o acido que contém forma com o carbonato de cal um sal de cal solúvel, o qual falta no segundo preparado. Pois bem; conservar á preparação sua primitiva composição, privando-a ao mesmo tempo de alguns inconvenientes, é o fim que supponmos ter conseguido por meio da formula seguinte:

Tomem-se as substancias notadas no Codex, que vem a ser :

Ponta de veado calcinada e porphyri- sada	8 grammas
Miolo de pão	24 »
Assucar	30 »

Dilua-se tudo em 10 onças de agua e mantenha-se por meia hora a banho maria em uma capsula de porcelana, junte-se-lhe assucar branco 1 onça, e ponha-se sobre a lamina de estanho n'uma estufa até á secura completa.

O producto solido pulverisa-se e passa-se por um tamiz fino, e se dividirá em dez porções. Cada uma d'estas se dilue em meio copinho de agua, e produzirá instantaneamente uma porção do cozimento branco de Sydenham.

As vantagens d'este modo de operar são muito convenientes e merecem ser adoptadas. Bom é notar tambem, que sendo este pó de duração indefinida, póde preparar-se em grande, devendo mesmo te-lo de prevenção nas aldeias que, por exemplo, fiquem a grande distancia das pharmacias.

(Gazette médicale de Lyon.)

da Ordem dos Farmacêuticos

POMADA CONTRA A ERYSIPELA

O sr. Jubert recommenda o uso de uma pomada composta da maneira seguinte:

Nitrato de prata	10 grammas
Banha	40 »

As unturas praticadas com esta pomada têm a vantagem de deter a erupção ou de extingui-la no ponto em que se ma-

nifesta; além d'isso substitue á dor acre e mordicante da erysipéla uma dor artificial de pouca duração que é seguida de allivio. Esta pomada tem o inconveniente de determinar uma coloração negra, mas que o tempo destroe.

(L'abeille médicale.)

F. J. R. LOURINHO.

SOBRE O EMPREGO DO OXALATO DE CERIO

Diz o jornal denominado *American journal of the medical science* que o oxalato de cerio fôra empregado ha um anno, pouco mais ou menos, a primeira vez, pelo professor Simpson, de Edimburgo, contra o vomito das mulheres gravidas, bem como em diversas affecções do estomago. É um pó branco granuloso, inodoro e insipido, insolúvel em agua, em alcool e ether, mas de facil dissolução em acido sulphurico.

O sr. Lee tem-no empregado contra os vomitos que acompanham os ultimos mezes da prenhez, rebeldes aos meios habitualmente empregados n'estes casos; taes como a creosota e o subnitrito de bismutho.

A dóse é de 5 a 10 centigrammas.

O sr. Lee, á vista de similhante efficacia, não duvidou empregar-lo tambem na dispepsia atonica, e assevera que em quatorze casos que já submetteu á sua acção, em todos tirou favoraveis resultados; e é concorde com o sr. Simpson, em que debaixo da influencia d'este medicamento o appetite se restabelece rapidamente, desaparecendo as nauseas, etc.

F. J. R. LOURINHO.

ECCHYMOSES DAS PALPEBRAS E SUBJUNTIVAES

O sr. Deval trata pelos meios resolutivos as ecchymoses palpebraes e as subjuntivaes.

No primeiro caso este oculista faz empregar varias vezes por dia a solução seguinte, sobre a parte doente:

Agua distillada	125 grammas
Chlohydrato de ammoniaco	2 grammas
Tintura de arnica	4

Misture.

No segundo caso (cchymose-subjuntiva) prescreve o seguinte collirio, instillado ou em compressas:

Agua distillada . . . 62 grammas
 Chlohydrato de am-
 moniacó 30 centigrammas a 1 gramma
 Tintura de arnica . 2 grammas

Misture.

(Prensa medica.)

F. J. R. LOURINHO.

CHEMICA

PREPARAÇÃO DA TYROSINA

A tyrosina, descoberta pelo sr. Liebig nos productos da decomposição da caseina, principiava a adquirir importancia no momento em que os srs. Staedeler e Frerichs descobriram que ella tambem existia no organismo animal; e mesmo já depois d'esta epocha o sr. Staedeler a encontrou nas peças anatomicas mal conservadas no espirito de vinho, e notou tambem que ella é identica á xanthocistina dos srs. Chevallier e Lassaigne.

A tyrosina encontra-se especialmente no figado, e em tanto maior quantidade quanto maior é tambem o padecimento d'este orgão; póde alem d'isso ser emittida pela urina e n'ella se deposita. O figado no seu estado normal parece não a conter.

Novas experiencias sobre as propriedades da tyrosina deram já a conhecer as combinações que ella póde produzir. O modo de a preparar é o seguinte:

Em uma vasilha de cobre fazem-se ferver duas partes de acido sulphurico diluido em quatro de agua, e vae-se-lhe juntando, a pouco e pouco, raspas de chifre; mantem-se a fervura continuada por seis horas, com a precaução de renovar a agua evaporada; depois dilue-se ainda em volume igual de agua, e se junta hydrato de cal até á reacção alcalina; filtra-se por pano de linho, espreme-se a final, e lava-se com agua quente.

Os liquidos reunidos são concentrados por evaporação até dois terços, e depois neutralizados pelo acido sulphurico; no fim de doze horas forma-se um deposito composto de tyrosina, de sulphato de cal e de sulphureto de cobre. Por uma evaporação ulterior se obtem um deposito de tyrosina misturado de leucina. Separam-se estes dois alcaloides por meio da agua fria. O primeiro deposito dilue-se em uma lixivia branda de soda, aquece-se, filtra-se e lava-se com agua; precipita-se a cal pelo carbonato de soda, filtra-se e neutralisa-se pelo acido sulphurico, e sobre-satura-se pelo acido acetico, o que occasiona a separação da tyrosina, a qual se prende em uma massa de crystaes que, espremida levemente, se lava em agua fria e se trata pela ammonia, que a dissolve com tanta maior facilidade quanto mais concentrada está. Evapora-se esta, e a tyrosina crystallisa; assim as rasuras do chifre dão 4 por 100 de tyrosina, e approximadamente o duplo de leucina.

Portanto a tyrosina assim preparada retém com energia uma materia sulphurosa em pequena quantidade, que se elimina fazendo-a dissolver em agua, juntando-lhe uma quantia sufficiente de acetato triplumbico, filtrando e deslocando o chumbo pelo hydrogenio sulphurado; em seguida, por uma evaporação conveniente, a tyrosina crystallisa em agulhas agrupadas em estrellas, que pela desecção perdem sua bella apparencia.

Tambem se obtem em crystaes mais volumosos quando se dissolve no acido chlorhydrico brando.

Ella é pouco solúvel no alcool e insolúvel no ether. É solúvel em 150 partes de agua fervendo, e pouco mais de 1:900 partes de agua a 46° de temperatura.

Não precipita, nem pelo acetato neutro, nem pelo acetato basico de chumbo; mas se a este ultimo se juntar ammonia, terá logar um deposito, contendo tyrosina e chumbo; e se em logar d'aquella se juntar acetato de mercurio (que de per si só a não precipita), se separa integralmente em estado de combinação com o mercurio.

A frio o azotato de mercurio não tem acção sobre ella, mas juntando-se-lhe soda obtem-se um deposito branco, contendo tyrosina, mercurio e acido azotico; ajudado porém pela acção do calor produz um precipitado rubro que parece identico áquelle que é occasionado pelo acido azotico puro.

Com o acido sulphurico a tyrosina dá logar ao acido sulpho-tyrosinico, $C^{18} H^{11} AzO^5 S^2 O^6 HO$, o qual, como assevera o sr. Piria, produz com o sesquichlorureto de ferro uma bella coloração violeta. Este é um caracter que constitue um excellento reactivo, porque esta côr se consegue com um milligramma de tyrosina, cuja quantia foi exposta tambem por meia hora n'um vidro de relógio com algumas gotas de acido sulphurico, quanto foi sufficiente para ser neutralisado pelo carbonato de cal, para produzir o sulphotyrosinato de cal.

Esta reacção é em extremo sensivel, sempre que não contenha leucina; a coloração é ainda visivel a uma diluição correspondente a 45:000.

A tyrosina possui propriedades basicas, portanto ella é sufficientemente acida para poder, por meio da ebullicão, deslocar o acido carbonico dos carbonatos terrosos. Com os alcalis e terras alcalinas, taes como a baryta caustica, forma combinações amorphas, e o mesmo com a prata, quando n'uma dissolução d'esta se verte, gota a gota, uma dissolução ammoniacal de tyrosina. N'este caso formam-se duas combinações, uma crystallisada, contendo um equivalente de metal, outra amorpha, contendo duas.

Com o acido chlorhydrico concentrado, depois de uma longa exposição ao ar, produz o chlorhydrato de tyrosina, $C^{18} H^{11} AzO^6 HCl$, crystallisavel em prismas, supportando uma temperatura de 110° sem perder nada do seu peso.

O azotato e o sulphato crystallisam em agulhas; este ultimo não se côra pelo chlorureto de ferro. Um estudo completo sobre a nitro e dinitrotyrosina levou-nos ao conhecimento das combinações que ellas formam com os acidos e com as bases.

A dinitrotyrosina comporta-se da mesma fórma que um acido com a cal, apresentando fórmulas hexogenaes de um bom

amarello, insolúvel ou pouco solúvel em agua, álcool e ether, mas muito solúvel em acido acético; tem por formula $C^{18}H^7(Az O^4)^2 Az O^4 2 CaO + 6 HO$, e parece susceptível de se unir a uma nova preparação de nitrotyrosina, para produzir um sal acido.

A combinação barytica não contém mais do que quatro equivalentes de agua, e crystallisa em prismas de um rubro granada, mais solúvel em agua do que os outros de base calcarea.

Relativamente á constituição da tyrosina, as experiencias do sr. Staedeler provam até á evidencia que ella pertence ao grupo phenyloco, o qual produz a mesma coloração violeta que o acido sulphotyrosinico dá com o perchlorureto de ferro. Estes resultados têm sido em grande parte obtidos pelo estudo sobre a acção exercida pelo chloro nascente, tal como acontece quando se introduz o chlorato de potassa no acido hydrochlorico.

Todos estes productos submettidos á distillação dão em resultado acetona chlorada, e uma materia resinosa, cujo cheiro tem semelhança com alguns compostos do chloro, e que como elle coram a pelle em violeta escuro. Continuando a chloruração a materia torna-se quebradiça, e na sua dissolução laminas crystallinas de chloranila $C^{12}Cl^4 O^4$ ou quinon perchlorurado.

O quinon tem ainda dois radicaes na tyrosina; a saber: ametyla e acethyla, que se encontra em estado de acetona. Fazendo a somma d'estes radicaes, e subtrahindo a formula da tyrosina, resta Az, H, tudo como quando se faz a subtracção da formula do acido acético da da glycocolla ou acido caproico e da da leucina.

N. B. Todas estas materias têm alguma cousa de commum com a tyrosina, quer dizer, representam o papel de acidos, sendo por isso que o sr. Cahours chama a uma acido acetanico, á leucina acido caproamico, á alanina acido propanico, e lhes attribue uma constituição correspondente.

PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DA KOUSSINA

PELO SR. CARLOS PAVERI

Flores de kouso em pó	300 grammas
Hydrato de cal	75 »
Alcool a 36 centesimaes	3:000
Acido acetico e carvão animal de- purado	q. s. de cada um

Digira-se o kouso em alambique de cobre estanhado a uma temperatura de 60° a 70°, com 25 grammas de hydrato de cal e 1:000 grammas de alcool, agitando a mistura frequentes vezes. Depois de frio, decanta-se a solução alcoolica, e o residuo torna a digerir-se segunda e terceira vez pelo mesmo methodo e condições com as mesmas quantidades de hydrato e alcool; decanta-se de novo e espreme-se bem o residuo depois da ultima maceração, reunindo todos os liquidos alcoolicos. Ferve-se novamente o residuo em 6:000 grammas de agua; decanta-se o liquido e espreme-se o residuo como acima.

Filtrados os solutos separadamente introduzem-se no alambique referido e distilla-se todo o alcool empregado a banho maria.

Retirada a cucurbita do fogo, junta-se-lhe acido acetico em excesso. Abandona-se por vinte e quatro horas em logar fresco, findo o qual se achará a koussina depositada no fundo do vaso.

Recolle-se sobre um filtro de papel e lava-se mui ligeiramente com agua distillada, depois trata-se pelo carvão animal e alcool com o fim de a descorar, reúnem-se os liquidos e distillam-se a banho maria para obter as tres quartas partes do alcool empregado: retirado do fogo, junta-se-lhe agua distillada quanto sufficiente para precipitar toda a koussina, e deixa-se repousar por doze horas. Lança-se sobre o filtro, e esgotada secca-se a temperatura de 35°, e repõe-se em frasco de vidro bem rolhado.

300 grammas de kouso produzem 99 de koussina.

(El Restaur. pharmac.)

F. J. R. Loureiro.

SOBRE AS ALTERAÇÕES E FALSIFICAÇÕES DE ALGUNS PROD

NOMES	CARACTERES GERAES
Acetato de chumbo sal de saturno $PbO, C^4H^3O^3, 3HO$	<p>É branco, de sabor assucarado, depois styptico, crystallisa em agulhas ou prismas direitos rhomboidaes, alongados, terminados por cumes diedros. É ligeiramente efflorescente ao ar. É solúvel em $1\frac{1}{2}$ parte de água fria, e em 8 partes de alcool. 100 partes de água a 15° dissolvem 59 de acetato. A solução na água, tratada pelo acido sulphurico, dá um precipitado branco, desenvolvendo acido acetico.</p> <p>Pelo iodureto de potassio dá precipitado amarello.</p> <p>Pelo sulphydrico dá precipitado negro.</p>
Acetato de chumbo liquido Sub-acetato de chumbo — EXTRACTO DE SATURNO	<p>Liquido claro incolor. — Densidade 1,240.</p> <p>Reacção alcalina esverdeando o xarope e escurecendo o papel de curcuma. Precipita as substancias mucilaginosas como a infusão de sementes de linho, etc.</p>
Acetato de ferro $Fe^2O^3, 3C^4H^3O^3$	<p>É um liquido de côr escura carregada, com cheiro acido agradável. — Densidade 1,040.</p> <p>Misturado com uma dissolução de sal marinho e aquecido n'um tubo de vidro dá um precipitado vermelho escuro, e o liquido, tornando-se perfeitamente incolor, retém o acido acetico.</p>
Acetato de mercurio $Hg^2O^3, C^4H^3O^3$	<p>Pequenos crystaes brancos, esplendidos, difficilmente pulverisaveis, sem cheiro, com gosto metallico: ennegrece quando exposta á luz.</p> <p>Solúvel em 300 partes de água fria, mais solúvel na água quente; insolúvel no alcool e ether.</p>

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

CITOS MAIS USADOS EM PHARMACIA E MEIOS DE AS RECONHECER

MEIOS DE VERIFICAR A PRESENÇA DE

- Se tratado pela agua distillada deixa um residuo solúvel nos acidos, desenvolvendo com effervescencia um acido que perturba a agua de cal ou barita Carbonato.
- Se tem coloração negra, e tratado por um acido desenvolve sulphydrico, contém por alteração..... Sulphureto de chumbo.
- Se na solução precipitada pelo acido sulphurico e filtrada o ferro cyanureto de potassio produz precipitado cor de castanha Cobre.
- Se tratado n'um tubo de ensaio pela limalha de cobre e acido sulphurico, der vapores ruti- antes Azotato.
- Depois de o ter precipitado pelo acido sulphurico diluido, filtra-se e neutralisa-se, depois trata-se o liquido pelo ferro-cyanureto de potassio; se ha formação de precipitado..... Cobre.
- A mucilagem de gomma arabica deve dar uma coagulação; do contrario é uma Simples solução de acetato crystallisado.
- Se mergulhando uma espatula de ferro polida se reveste de uma capa vermelha, contém ... Cobre.
- Se tratado pelo sulphato de soda dá precipitado branco, e este precipitado for solúvel no acido chlorhydrico concentrado e quente, e esta solução pelo iodureto de potassio precipitado amarello, tem Chumbo.
- Se o acetato de ferro, sendo descorado pelo acido azotico, depois tratado pelo acetato de prata der perturbação, tem..... Chlorureto de ferro.
- Deve ser perfeitamente solúvel a quente no acido acetico diluido: se o não for e deixar residuo, tem Materias estranhas.
- Se em uma solução acetica, completamente precipitada pelo chlorhydrico e filtrada esta solução der pelo sulphydrico precipitado negro, contém. Metaes estranhos.

(Continua.)

NOTA SOBRE ALGUMAS MATERIAS CORANTES VEGETAES

PELO SR. FILHOL

É certo que os chimicos e botanicos têm repetidas vezes estudado as materias, que effectivamente contribuem para fixar nos órgãos floraes matizes brilhantes e variados que se procuram. Robert Boyle, Humbolt, Marquart, Berzélius, Macaire Pruisep, Schubler e Franck, Decandolle, Caventou, Robiquet et Chevreul, M. Hope, Hugo Mohl, Mulder, Morot, Frémy et Cloez têm successivamente publicado sobre este assumpto trabalhos importantes e dignos de interesse.

Porém para não cansar os leitores na longa descripção que cada um d'estes sabios tem tomado no desenvolvimento d'esta parte da sciencia, limitar-me-hei a dizer, que apesar de todos os esforços que se têm feito, ainda restam alguns pontos da historia das materias colorantes na obscuridade, e portanto dignos de nossas indagações.

Comprehende-se facilmente que não é presumpção que eu tenha para resolver todas as difficuldades que effectivamente embaraçavam meus illustres predecessores; o meu fim é mais modesto, servindo-me apenas de seus exames para com elles lançar um novo raio de luz sobre a historia de algumas materias colorantes que fazem sem duvida o papel mais importante na economia vegetal.

Venho portanto expor em pequeno resumo os factos que nas minhas experiencias tenho observado, consagrando um artigo especial a cada genero de materia colorante.

1.º — FLORES BRANCAS

É de notar que não existem flores de um branco puro; o celebre pintor Redouté tem, desde longo tempo, feito estas observações. As flores que nos parecem brancas têm quasi sempre um ligeiro amarello, côr de rosa ou azul. Todas estas flores se tornam de um bello amarello quando se tratam pelo ammoniaco; porém os acidos lhes restabelecem a sua côr primitiva. Tratadas porém as flores brancas pelo ether dão uma

materia que gosa das propriedades seguintes: solidez de um amarello claro, solúvel em agua, no alcool e no ether; é incristallisavel; porém tratado pelo acido chlorydrico puro lhes communica uma côr de um amarello brilhante carregado, cuja côr desaparece pela acção da agua distillada. Os alcalis reagem do mesmo modo, tomando a côr amarella. Esta materia é susceptivel de formar bellos saes com os oxydos metallicos, que podem servir para cores de tecidos em amarello fixo. A existencia d'esta materia colorante tem sido conhecida por diversos auctores, sobretudo por mr. Hope, que a denominou *xanthogene*. Ninguem porém a tem isolado, nem assignalado sua notavel analogia com a *lutéolina*.

FLORES RUBRAS, CÔR DE ROSA E AZUL

Todos os chimicos são accordes em que as flores rubras, côr de rosa ou azues devem a sua côr a um mesmo principio immediato, que deve ser azul quando o succo da flor é neutro, rubro ou côr de rosa n'aquellas que são acidas. Diversos têm sido os nomes que este principio immediato tem recebido, de que não faço menção aqui; porém os srs. Frémy et Cloez o denominaram *cyanine*. O *cyanine* é solido, incristallisavel, e portanto identico a uma materia extractiva; é solúvel no alcool, e insolúvel no ether, porém os alcalis lhe communicam uma côr verde. Resulta porém das minhas experiencias que o *cyanine* se torna azul e não verde debaixo da influencia dos alcalis; e posto se observe a côr verde quando se trata uma flor rubra ou azul por algum sal, segue-se que esta reacção alcalina depende de que o *xanthogene* que faz parte do *cyanine* em quasi todas as flores, se torna amarello no acto em que vem azular-se; e é d'esta sorte que a mistura de amarello e azul dá sem duvida origem ao verde.

O *cyanine* não contém azote no numero dos seus elementos, como acredita mr. Morot, é portanto identico com a materia que mr. Glénard tem designado com o nome de *anocyanine*, o que tem tirado do vinho. Adiante mostrarei que existem outras materias colorantes, que muitas vezes se

acham nas flores e fructos. É de notar que certas flores rubras não contêm xanthogene, não obstante isso produzem um azul puro ou de um bello viôlete pelo contacto do amôniaço; a exemplo de outras citarei a papoula vermelha. O cyanine existe muitas vezes em os renovos das plantas, acompanhado muitas vezes de uma outra materia, que mais especialmente se acha nas flores; a exemplo d'estas temos os novos renovos da roseira de Bengala, que são corados em rubro, sendo cheirosos e assucarados como as proprias flores; porém o assucar e a essencia da rosa desapparecem ao mesmo tempo que o cyanine, durante o progresso da vegetação, e identico resultado tem lugar para as flores. Não obstante, algumas plantas ha e flores rubras ou côr de rosa que não contêm o cyanine, a exemplo das quaes citaremos o aloes, cujas flores abundam em uma materia colorante muito identica á carthamina.

FLORES AMARELLAS

Os chimicos que têm estudado as flores amarellas têm achado duas materias distinctas, que denominaram *xanthine* e *xantheme*, cujas materias, sendo estudadas por mrs. Frémy et Cloez, eu venho repetir a memoria d'estes dois sabios, quanto aos detalhes de suas propriedades; e em referencia ás quaes vou mostrar o resultado das minhas observações. Resulta porém dos exames a que procedi, que o xanthine debaixo da influencia do acido chlorhydrico concentrado toma uma côr verde comparavel á da chlorophylla. Esta côr passa a azul quasi puro, tratando a dissolução por algumas gotas de acido azotico. Agitando o licor com o ether se divide em duas materias, uma amarella, solúvel em ether, outra de um azul puro, que fica no alcool ou licor alcoolico. Acha-se a xanthine em abundancia em certos fructos, sobretudo nos da familia das cucurbitaceas. Não obstante ha certas flores amarellas, que apenas contêm um principio colorante, que nem é o xanthine, nem xantheme; acha-se no estado puro em as flores do *crocus luteus*, assim como em os estigmas do açafraão officinal, aonde se acha ligado a uma outra ma-

teria colorante. Existe tambem nos estigmas do *crocus multifidus*, finalmente eu o tenho achado na base do ovario da planta conhecida sob o nome de fabiana, e por isso até a designaria debaixo do nome de crocoxanthina, nome que julgo ter relação pela sua existencia em todas as especies do genero *crocus*. Esta materia é solida, incristallisavel, sua côr é de bello amarello doirado; não é alterada nem pelos acidos, nem pelas bases, rasão por que se distingue da xanthine, da xantheme e do xanthogène.

A crocoxanthine é solúvel na agua e no alcool, mas insolúvel no ether. Porém dá com certos oxydos metallicos bellos saes, que podem ser fixos sobre os tecidos, porque o seu poder tintorial é inteiramente notavel.

MATERIA COLORANTE VERDE DAS FOLHAS

Comparando as propriedades do xanthine, que venho de notar, com aquellas que mr. Frémy tem recentemente attribuido á chlorophylla, ver-se-ha a extrema analogia que apresentam estas duas materias colorantes. A materia azul, que mr. Frémy acredita ter extrahido da chlorophylla é apenas produzida pela alteração da materia colorante primitiva, e nunca por preexistir ali; os factos seguintes provam que effectivamente assim seja: tratando uma solução alcoolica de chlorophylla por algumas gotas de acido chlorydrico puro, promptamente perde sua bella côr verde, e passa a um escuro amarelado. Se porém n'esta solução se verte um excesso de acido, a côr verde se restabelece, mas com uma outra côr azul diferente da sua primitiva.

Se porém se junta ao liquido algumas gotas de acido azotico, a côr se torna de um azul quasi puro. Finalmente todas estas reacções se comportam justamente como as do xanthine⁴.

CONSERVAÇÃO DAS FLORES FRESCAS

Podem-se conservar muitas flores no estado fresco durante longo tempo, encerrando-as em tubos fechados ou sellados por meio da alampada. Ao fim de alguns dias todo o oxyge-

nio do ar contido no tubo tem desaparecido, tendo por consequencia sido substituido pelo acido carbonico. Introduzindo-se no tubo uma pouca de cal viva, esta rouba ás flores uma porção da sua humidade que lhe facilita a sua conservação. A cal apoderando-se tambem do acido carbonico á medida que se produz, resulta que a planta se acha collocada no azote puro.

É exacto que nem todas as flores se conservam igualmente bem por este processo; todavia as flores amarellas são as que menos se alteram.

Será pois muito facil que os botanicos transmittam assim as flores frescas, sobre as quaes melhor se pôde estudar e apreciar seus caracteres, aliás difficéis de observar nas amostas seccas².

(Journ. de pharm. et de chim.)

F. B. PIMENTEL.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 614 DA SESSÃO DE 29 DE JANEIRO DE 1862

Presidencia do sr. F. J. R. Loureiro

Às seis horas e meia da tarde abriu o sr. *presidente* a sessão.

O *segundo secretario* leu a acta da sessão antecedente, que foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio do instituto medico Valenciano, com os no-

¹ Não obstante ser já materia batida por todos os botanicos, e mesmo Nysten nos esclarecer de muitas das materias colorantes acima, comtudo ainda acho materia nova, que muito honra seu auctor, e portanto muito digna de chamar a attenção dos chimicos e botanicos. (Do traductor.)

² Seu auctor assevera ter apresentado á academia flores conservadas por este processo, sem que no decurso de muitos mezes soffressem a mais pequena alteração. (Do traductor)

meç dos funcionarios da junta directora, no biennio que principiou no 1.º de janeiro.

2.º Outro officio do sr. Sousa Magalhães, do Porto, felicitando a sociedade. A sociedade deliberou que se agradecesse.

3.º Outro officio do sr. dr. José Antonio Marques, agradecendo, em termos os mais affectuosos e delicados, a esta sociedade a sua nomeação de socio honorario, e offerecendo cordialmente os seus serviços em favor da classe pharmaceutica.

4.º Um officio da associação da caixa de soccorros dos lithographos, offerecendo um exemplar da estampa allegorica a Sua Magestade El-Rei D. Pedro V, de saudosa memoria, e remettendo mais dez exemplares para serem distribuidos pelos socios por o preço de 200 réis cada um.

A sociedade resolveu se convidassem os socios que quizessem contribuir, e immediatamente se remetteste o producto dos dez exemplares áquella associação.

5.º Lista dos objectos doados.

O sr. *Correia* agradeceu á sociedade o interesse que esta havia tomado durante a sua doença, e mostrou ser aquelle o motivo de ter faltado a algumas sessões.

O sr. *Ferreira da Silva* pediu esclarecimentos sobre os papeis pertencentes ao monte pio pharmaceutico, ao que o sr. presidente satisfez.

Passou-se á

ORDEM DO DIA

Foram mandadas para a mesa tres propostas para socios effectivos e correspondentes.

A primeira apresentada pelo sr. *Norberto Junior*, a segunda e terceira pelo sr. *J. J. Alves*.

Procedendo-se á votação de cada uma das propostas, corrido o escrutinio, foram proclamados socios effectivos d'esta sociedade, da proposta n.º 1 o sr. Caetano José Pinto, pharmaceutico estabelecido na rua nova da Princeza, em Lisboa, na n.º 2 o sr. Manuel Marques de Brito Costa, pharmaceutico

administrador da pharmacia *Barreto*, rua do Loreto, em Lisboa, e para socio correspondente na n.º 3 o sr. José Vicente do Carmo, estabelecido em Villa Real de Santo Antonio.

O sr. *J. de Matos Saraiva* apresentou, em nome do nosso collega Francisco Antonio dos Santos Ferreira, um minerio, para ser classificado, e que foi remettido á commissão de chimica e historia natural para dar o seu parecer.

O sr. *presidente*, tratando da representação que a mesa foi incumbida de fazer sobre a lei do sêllo, na parte que diz respeito á licença das pharmacias, disse que o nosso collega Franco tinha desejos de fazer algumas considerações ao objecto em questão.

O sr. *Correia* pediu para ser informado, por não conhecer a questão e não estar presente quando foi apresentada. Depois do que, o sr. presidente deu alguns esclarecimentos, em que tomou parte o sr. J. J. Alves.

O sr. *J. Tedeschi* citou a lei do sêllo que impõe ás pharmacias 15200 réis como licença, e a maneira como já em 1837 e em outras epochas havia acontecido o mesmo, exigindo algumas camaras municipaes aquelle imposto aos pharmaceuticos, e que alguns representando contra aquella exigencia, se tinham obtido portarias pelo ministerio do reino explicando o sentido da lei, e excluindo os pharmaceuticos do pagamento. Que no anno passado appareceu novamente na lei do sêllo a licença para as pharmacias, e que até 31 de dezembro se havia conseguido não se fazer aquella exigencia. Que tendo constado ao nosso collega Franco a proposta do sr. Norberto Junior, sobre este objecto lhe havia pedido de ser ouvido, e por isso pedia ao sr. presidente que por ora se parasse na confecção da representação.

O sr. *presidente*, fazendo mais algumas observações, e não havendo mais a tratar, fechou a sessão eram dez horas e meia da noite, dando para ordem do dia da seguinte, propostas, pareceres e segundas leituras.— *Antonio Joaquim Labatte*, segundo secretario.

TOXICOLOGIA

RELATORIO DA ANALYSE CHIMICA

DA COMISSÃO DE PERITOS, ENCARREGADA PELO JUIZ DE DIREITO DO 3.º DISTRICTO CRIMINAL DE LISBOA, EM 1 DE JANEIRO DE 1862 DE ANALYSAR AS VISCERAS DO SENHOR INFANTE DUQUE DE BEJA, D. JOÃO, COM O FIM DE VERIFICAR SE ELLAS CONTINHAM OU NÃO PRINCIPIOS TOXICOS

I

Os abaixo assignados, convocados pelo sr. juiz de direito Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho Macedo, reuniram-se no dia 3 de janeiro ultimo, pelas onze horas da manhã, no laboratorio chimico da escola polytechnica, com o mesmo sr. juiz, com o sr. delegado do procurador regio Diogo Antonio Correia de Sequeira Pinto Junior, e com o sr. escrivão José Justino Dias Torres, a fim de se verificar pela analyse chimica se nas visceras do Senhor Infante D. João existiam ou não principios toxicos.

Convidados pelos srs. juiz e delegado a encetar os seus trabalhos n'este sentido, os abaixo assignados declararam ser-lhes necessario previamente, segundo todos os precedentes conhecidos, que os magistrados, communicando-lhes as suspeitas concebidas e os seus motivos, lhes formulassem quesitos, que determinassem qual ou quaes substancias toxicas deviam ser procuradas nas materias que iam ser submettidas ao seu exame.

A esta requisição tendo respondido os srs. juiz e delegado que nenhuma suspeita podiam formular, que nenhuma indicação estavam habilitados a fornecer que podesse dar uma direcção aos trabalhos, mas que, não obstante, cumpria fazer a analyse; os abaixo assignados, ponderando a novidade e as difficuldades do caso, requereram que, antes de encetar-se qualquer exame toxicologico, fossem por sua parte pedidos aos facultativos que haviam assistido á doença do Senhor Infante, aos que sobre ella tinham sido consultados, e aos que tinham feito a autopsia do seu cadaver, assim como a quaes-

quer pessoas, cujas declarações fossem testemunháveis, os seguintes indispensáveis esclarecimentos:

«1.º Se a historia da doença e a autopsia podem fornecer alguma indicação, e qual, para a marcha da analyse, e quaes foram os medicamentos ministrados no decurso da doença;

«2.º Quaes são os toxicos cujos efeitos podem ser confundidos com os symptomas da doença e caracteres pathologicos observados na autopsia;

«3.º Quaes os fundamentos, se os ha, estranhos á historia medica da doença, que determinaram suspeições de propinação de veneno.»

Deferindo a esse requerimento, fechou o sr. juiz a sessão, e ficou de determinar ulteriormente o dia em que deveria ter lugar a segunda reunião, para se dar conhecimento aos abaixo assignados das respostas aos seus quesitos e começar-se a analyse.

Effectivamente no dia 14 de janeiro ultimo, pelas onze horas da manhã, reuniram-se os abaixo assignados no mesmo laboratorio com o sr. juiz José de Sande Magalhães Mexia Salema, que no dia 11 do mesmo mez os havia convocado, com o sr. delegado do procurador regio Diogo Antonio Correia de Sequeira Pinto, e com o sr. escrivão Torres, pelo qual lhes foi lida e communicada dos autos a seguinte resposta aos referidos quesitos:

«Os facultativos unanimemente declararam ao 1.º quesito: que a doença, a que succumbiu Sua Alteza o Senhor Infante D. João, manifestou-se com todos os symptomas de uma febre typhoide, não ficando no espirito dos facultativos que viram Sua Alteza a mais leve duvida a este respeito. Os mesmos facultativos não conhecem quadro de phenomenos produzido por qualquer substancia toxica, que possa ser confundido com o quadro da doença a que Sua Alteza succumbiu. Declararam mais que os medicamentos empregados no decurso da doença foram os seguintes: sub-azotato de bismutho, quacia, quina, tannino, vinho do Porto, ipecacuanha, herva cidreira, citrato de magnesia, limonada sulphurica, dita chlorhydrica, ether

sulphurico, valeriana, julepo camphorado, tintura de almiscar, acetato ammoniacal, sulphato de quinina, perchloreto de ferro, tintura de castoreo, sinapismos, vesicatorios, pomada ammoniacal, agua sedativa (externamente).»

«Ao 2.º quesito: que as lesões achadas no cadaver de Sua Alteza correspondem exactamente á febre typhoide, não havendo outra doença em que as mesmas lesões se manifestem, nem tendo sido nunca observadas nos cadaveres dos individuos que succubiram á acção dos diferentes venenos.»

«Ao 3.º quesito responderam os cinco creados que assistiram ao tratamento da doença de Sua Alteza e ao fallecimento do mesmo Senhor e o almoxarife do paço de Belem, e foram conformes em asseverar que não viram coisa alguma de que podessem suspeitar propinação de veneno.»

Á vista de taes informações, tão positivas, e, legalmente, tão competentes, declararam os abaixo assignados que não havia na sua opinião motivo racionavel para proseguir; e exigindo, não obstante, os srs. juiz e delegado que se desse principio ao exame toxicologico, pediram a inserção nos autos da seguinte declaração:

«Que, não obstante resultar authenticamente das declarações dos medicos assistentes, dos consultantes e dos peritos que fizeram a autopsia, bem como dos outros inqueritos judiciaes, que a morte do Senhor Infante D. João não pôde ser attribuida a propinação de veneno; comtudo, em virtude da obrigação que lhes era imposta pela auctoridade competente, iam proceder ás analyses, etc.»

Depois do que, obedecendo effectivamente á auctoridade judicial, e prestando juramento, receberam authenticamente os seguintes objectos:

- 1.º Um frasco de rolha esmerillada, lacrado e sellado com as armas do sr. juiz, contendo o figado, baço e os rins, tudo immergido n'um liquido, corado pelo sangue, e que se dizia ser *alcool*, como o seu cheiro indicava;
- 2.º Um dito do mesmo modo acondicionado e contendo, immergido em igual liquido, os pulmões e o coração;

3.º Um dito do mesmo modo acondicionado e contendo, immergido n'um liquido alcoolico mais avermelhado, o estomago, os intestinos e o diaphragma;

4.º Um dito do mesmo modo acondicionado e contendo, immergidos n'um liquido alcoolico amarellado vermelho, com deposito amarellado «os contentos do estomago e dos intestinos», segundo dizia o rotulo;

5.º Um dito do mesmo modo acondicionado com um liquido turvo e espesso, côr de sangue, que effectivamente era sangue, segundo o rotulo.

Procedeu-se em seguida á divisão de cada uma das materias (solidas e liquidas) em duas partes, sendo uma authenticamente entregue aos magistrados para a eventualidade de uma contra-analyse, e a outra destinada ás experiencias dos abaixo assignados. Volvendo assim á guarda do poder judicial os mesmos frascos n.ºs 1, 2, 3, 4 e 5, lacrados, sellados e rubricados, cada um com uma parte do conteúdo primitivo, proximamente igual em volume, e qualitativamente identica, á destinada para a analyse.

Alem d'estes frascos tinham sido apresentados aos abaixo assignados pelos srs. juiz e delegado est'outros:

6.º O cerebro e dura-mater;

7.º Esponjas que serviram na autopsia;

8.º Agua suja;

9.º Alcool irmão do que foi lançado nos diversos vidros;

10.º Agua commum da que se empregou para as lavagens.

Não se podendo dar a necessidade de analysar os conteúdos d'estes ultimos frascos, senão no caso de se ter descoberto algum principio toxico nas partes do cadaver entregues aos abaixo assignados, resolveu-se que persistissem por enquanto taes quaes os mesmos frascos n.ºs 6, 7, 8, 9 e 10, e foram effectivamente guardados pelos magistrados, com os seus sellos intactos.

II

Os abaixo assignados na posição excepcional, singular talvez, de ter que proceder, não só sem indicações dos magis-

trados, mas contra todas as indicações dos facultativos, julgaram do seu dever, abstrahindo de todos os antecedentes extra-scientíficos da questão, operar rigorosamente, como se nas materias sujeitas ás suas investigações podessem existir venenos propriamente ditos, — de qualquer origem.

E effectivamente, não eliminando d'esta hypothese senão os toxicos, cujos effeitos inevitaveis e característicos eram incompativeis com os factos que conheciam, directamente e authenticamente, da doença do Senhor Infante, e da autopsia do seu cadaver, a saber: o phosphoro, o acido cyanhydrico, os toxicos *materialmente corrosivos*; propozeram-se procurar: os toxicos metallicos, o arsenico, as bases organicas.

Para o que se accordaram em proceder, como effectivamente procederam, do modo exposto no paragrapho seguinte, tendo consagrado a essa ordem de trabalho dezeseite sessões experimentaes na presença de magistrados, e tendo o sr. juiz cada dia, ao terminarem os trabalhos, encerrado sob o seu sello as materias em experiencia com os respectivos utensilios e accessorios.

III

Os conteúdos, de todos os cinco frascos, destinados á experiencia, tinham com o cheiro alcoolico o natural das materias animaes ainda não putrefactas, manifestando todos os liquidos reacção levemente acida pelo papel de tornesol.

As partes solidas dos frascos n.^{os} 1, 2, 3 e 4, depois de um exame optico, que deu resultado negativo, foram divididas mediante uma tesoura em pequenos fragmentos, misturadas e lavadas tres vezes com alcool absoluto, resultando d'esta primeira operação uma parte solida A e um liquido alcoolico, que foi misturado com os primitivos dos mesmos frascos.

Todo o liquido assim obtido foi distillado em banho maria e deu:

1.^o Um liquido distillado, alcoolico, que se poz fóra das experiencias, porque, evaporado a secco na machina pneumática, retomado o residuo, apenas visivel, pela agua distillada, e tratado pelo acido phospho-molybdico, não deu o mi-

nimo precipitado, do que se concluiu que não continha base organica;

2.º Um residuo mixto, de solido e liquido, que foi filtrado, sendo a parte solida lavada por agua chlorhydrica, que se reuniu á parte liquida, e resultando assim uma segunda parte solida A' e um liquido L.

O conteúdo do frasco n.º 5, previamente acidulado pelo acido chlorhydrico, foi filtrado tambem, sendo a materia solida lavada pela agua chlorhydrica, e a lavagem reunida ao liquido preexistente; do que resultou uma terceira parte solida A'' e um liquido L'.

A parte solida A, depois de vinte e quatro horas de digestão em agua chlorhydrica, foi separada pelo filtro, lavada duas vezes com mais d'esta agua, e finalmente prensada; resultando d'este tratamento, e pela reunião dos liquidos de lavagem com o da digestão, um terceiro liquido L'.

Dispostas assim as cousas, todos os solidos A A' A'' foram reunidos para no todo se fazer a investigação do arsenico e das bases metallicas. Por outro lado todos os liquidos L L' L'' foram misturados para em metade do todo serem procuradas as bases organicas, e na outra metade ainda o arsenico e as bases metallicas.

Procedeu-se n'estas tres ordens de experiencias como passámos a referir.

TRATAMENTO DA MATERIA SOLIDA COM O INTUITO DE DESCOBRIR O ARSENICO
E OS METAES VENENOSOS

A materia solida, obtida como fica dito, e embebida com a necessaria quantidade de acido sulphurico mono-hidratado, foi introduzida n'uma retorta de vidro, com allonga e recipiente, e aquecida em banho de limalha de ferro até á carbonisação completa.

Do carvão, assim obtido, depois de bem pulverisado, humedecido pelo acido azotico puro, submettido á acção do calor, e lixiviado segundo o preceito, resultou um liquido apenas córado, do qual cerca de um terço de litro foi submettido, em duas vezes successivas e durante meia hora de cada vez,

ao aparelho de Marsh, que não deu o menor indicio de arsenico (*nem de antimonio*).

A disposição do aparelho de Marsh, de que se serviram os abaixo assignados, foi a adoptada e recommendada pela academia das sciencias de França sobre relatorio de mr. Regnault. A pureza do zinco, do acido sulphurico e da agua foi previamente verificada.

Para contraprovar este primeiro resultado negativo a respeito de arsenico, introduzindo-se posteriormente no mesmo aparelho de Marsh uma solução de acido arsenioso, feita com uma gota de solução saturada d'este acido, tomada com a extremidade de uma vareta de vidro e diluida na sexta parte de um litro de agua distillada, immediatamente se manifestaram durante muito tempo as nodoas caracteristicas que effectivamente verificámos, pelos meios ordinarios, serem arsenico.

A mesma contraprova, feita n'um aparelho de Marsh que não tinha servido, e depois de verificada a pureza dos seus ingredientes, (acido sulphurico, agua e zinco) pela ausencia de nodoas, deu o mesmo resultado negativo.

A outra parte do liquido (procedente da lixiviação do carvão, e destinada á investigação dos metaes toxicos) tratada, depois de convenientemente acidulada, por uma corrente de hydrogenio sulphurado, deu um precipitado, que, pelos meios ordinarios, verificámos ser exclusivamente enxofre.

Restava ainda verificar, n'esta primeira ordem de experiencias:

1.º Que o carvão lixiviado não tinha retido arsenico no estado de sulphureto;

2.º Que as materias distilladas da retorta, em que se havia carbonisado a parte solida, não sonegavam arsenico volatilizado no estado de chloreto.

Lavando o carvão (lixiviado como acima se refere) pela agua ammoniacal, saturando pelo acido azotico, evaporando a secco, desnitrando pelo acido sulphurico, dissolvendo em agua distillada, e submettendo ao aparelho de Marsh, com

as precauções já ditas, ficou fóra de duvida o primeiro ponto, pois não se manifestou a minima nodoa.

Para evidenciar o segundo ponto foi o mixto, procedente da distillação, tratado antes de mais pelo acido chlorhydrico, e pelo chlorato de potassa, com o fim de destruir a materia organica, que os abaixo assignados apprehendiam podesse contrariar ou desfigurar as manchas arsenicaes no apparelho de Marsh. Separado depois, por filtro previamente molhado, da materia gorda não destruida, e convenientemente concentrado, foi submettido a esse apparelho, que não deu o menor vestigio de arsenico; dando immediatamente depois a contra-prova, como acima, manchas muito pronunciadas.

TRATAMENTO DE METADE DA PARTE LIQUIDA COM O INTUITO DE DESCOBRIR
AINDA O ARSENICO E OS METAES VENENOSOS

Metade do liquido, obtido, como acima se refere, depois de sufficientemente concentrada, foi tratada na temperatura da ebullição, pelo acido chlorhydrico e pelo chlorato de potassa, com o fim de destruir a materia organica, fervida ainda com acido nitrico, e concentrada até á consistencia de xarope. Estando ainda o liquido xaroposo bastante córado e contendo alguns crystaes, foi diluido em agua distillada e submettido a uma corrente de chloro. Depois do que, e estando o chloro em excesso, foi filtrado por filtro previamente molhado, para separar a materia gorda não destruida, e evaporado até á completa expulsão do chloro; ficando assim reduzida a cerca de meio litro.

Foi então, e estando sufficientemente acido, submettido a uma corrente de hydrogenio sulphurado, que produziu um leve precipitado amarello escuro.

Este precipitado, que pela agitação formou um concreto avermelhado e como viscoso, depois de vinte e quatro horas de digestão, em frasco fechado, no mesmo liquido de que se destacára, e persistindo em excesso o hydrogenio sulphurado, foi separado pela filtração, lavado com agua sulphydrica, e dissolvido pela ammonia.

Evaporada até á seccura, a calor brando, esta dissolução,

e retomado o residuo pelo acido nitrico fumante, foi o novo liquido, assim obtido, sobre-saturado pela potassa caustica, evaporado tambem a secco, e depois fundido.

A massa fundida foi, depois de desnitrada a quente pelo acido sulphurico, dissolvida em agua distillada. E o liquido acido, assim obtido, foi dividido em duas partes:

Uma, tratada no aparelho de Marsh, com as mesmas precauções e contraprovas acima referidas, tão pouco deu o menor signal da existencia do arsenico;

A outra, submettida á corrente de hydrogenio sulphurado, não manifestou precipitado algum.

TRATAMENTO DE METADE DA PARTE LIQUIDA COM O INTUITO DE DESCOBRIR
AS BASES ORGANICAS VENENOSAS

A outra metade do liquido total (L L' L'') foi evaporada a calor muito brando (muito abaixo ainda da temperatura de 400° C. em que uma experiencia á parte nos provára conclusivamente ser impossivel a evolução de bases organicas fixadas pelo acido chlorhydrico) até á consistencia de xarope muito concentrado.

O magma, que assim resultou, foi tomado pelo alcool absoluto, que coagulou grande quantidade de materia organica. Separada esta por decantação e pelo filtro, e lavado o coalho com alcool da mesma graduação, foram todos os liquidos alcoolicos reunidos e evaporados quasi a secco em aparelho distillatorio, em banhomaria, e a calor muito brando, segundo o preceito. Sobre o residuo d'esta evaporação repetiu-se o mesmo tratamento que sobre aquelle magma aquoso; o mesmo sobre o novo residuo; e assim successivamente, quantas vezes foi necessario para eliminar toda a materia coagulavel pelo alcool absoluto.

Conseguido este resultado foi o ultimo liquido alcoolico evaporado a secco, com as mesmas precauções a respeito de temperatura; o residuo retomado pela agua distillada e levemente chlorhydrica; e o liquido filtrado e tratado pelo acido phospho-molybdico.

Formou-se assim um precipitado, que foi lavado com agua acidulada pelos acidos azotico e phospho-molybdico, e depois tratado pela baryta caustica, na temperatura da ebullicão, e n'um aparelho distillatorio disposto de modo, que um tubo adductor dos productos da distillação mergulhava em agua chlorhydrica.

Tratada esta agua pelo acido phospho-molybdico (depois de terem n'ella distillado os dois terços do mixto alkalinisado pela baryta), a fim de verificar se continha ou não bases organicas volateis, não se manifestou precipitado algum.

Emquanto a esse mixto, assim reduzido, neutralisámo-lo por uma corrente de acido carbonico, evaporámo-lo a secco n'uma capsula de porcelana em banhomaria, lixiviámos o residuo secco pelo alcool absoluto, filtrámos, evaporámos a solução alcoolica n'um banho de ar até á seccura, retomámos a pellicula solida, que ainda assim resultou, pelo ether puro, filtrámos, evaporámos a secco, retomámos pela agua chlorhydrica, e tratámos finalmente pelo acido phospho-molybdico esta ultima solução, a fim de verificar se ella continha ou não *bases organicas fixas*.

Não resultou d'esta experiencia precipitado algum apreciavel, senão um aspecto opalino apenas sensivel, sem alteração alguma da transparencia (como o acido phospho-molybdico costuma produzir nos liquidos que contêm vestigios de materia organica) e que, quasi desvanecido de per si no fim de meia hora, desapareceu completamente pelo calor.

Para contrastar os resultados obtidos n'esta terceira ordem de experiencias e a efficacia do processo, repetindo o tratamento pelo acido phospho-molybdico nos mesmos liquidos em que elle não tinha dado signal algum de bases organicas; mas depois de lhes ter adicionado quantidades minimas d'essas bases, manifestaram-se immediatamente os precipitados caracteristicos.

O mesmo se deu em agua chlorhydrica com quantidades igualmente minimas dos mesmos toxicos.

IV

Em resumo e conclusão:

Não sendo compatíveis com o quadro symptomatico da doença do Senhor Infante D. João, e com os caracteres pathologicos da autopsia do seu cadaver, os effeitos da intoxicação pelo phosphoro, pelo acido cyanhydrico e pelos venenos *materialmente corrosivos*;

Sendo todos os metaes toxicos (excepto o baryum, cuja ausencia se verificou occasionalmente no decurso dos trabalhos, pela falta de precipitado com o acido sulphurico) precipitados das suas dissoluções acidas pelo acido sulphydrico, e tendo os abaixo assignados empregado segundo todas as prescripções, e com resultado negativo, esse reagente geral, que, no caso de resultado contrario, os teria levado a proseguir na serie de operações elementares da analyse mineral qualitativa;

Sendo as experiencias que fizeram, e que contrastaram, a respeito do arsenico, infalliveis para pôr em evidencia quantidades quasi imponderaveis d'este toxico, e tendo dado resultados completamente negativos;

Possuindo o acido phospho-molybdico a propriedade de precipitar as bases organicas toxicas das suas dissoluções acidas, mesmo muito diluidas; sendo capaz n'estas dissoluções de pôr em evidencia, *por um precipitado separavel*, 0,000071 de gramma de base organica; e tendo os abaixo assignados empregado todos os meios prescriptos e todas as contraprovas possiveis para o emprego concludente d'esse reagente geral, que, no caso de resultado positivo, os teria levado a especificação qualitativa pelos processos conhecidos, mas que effectivamente não deu resultado algum apreciavel:

Julgam-se os abaixo assignados auctorisados a asseverar que nas materias, cujo exame lhes foi commettido pelo juizo de direito do 3.º districto criminal de Lisboa, e fica relatado n'este documento, não existia:

Nem o phosphoro,

Nem toxico algum dos *materialmente corrosivos*,

Nem metal algum toxico,

Nem o acido cyanhydrico,

Nem o arsenico,

Nem base organica alguma,

Isto é, substancia alguma das conhecidas, e geralmente propinaveis como venenos.

Lisboa e laboratorio chimico da escola polytechnica, em 8 de fevereiro de 1862. — *Visconde de Villa Maior* — *Sebastião Bettamio de Almeida* — *Joaquim José Alves* — *Agostinho Vicente Lourenço* — *Manuel Vicente de Jesus*.

PHARMACIA

ACÇÃO ANESTHESICA DA APPLICAÇÃO TOPICA DO SULPHATO DE ATROPINA

POR MR. BERGOUNHIOUX

Desejoso de estudar a acção dos principios estupefacientes (torpentes) das solaneas sobre as ultimas ramificações nervosas, mr. Bergouhnioux tem applicado a solução de um sal de atropina directamente sobre a polpa dentaria anteriormente descarnada. Em casos onde esta polpa, apesar de não ser a séde de uma inflammação aguda, mas sobretudo se acha dolorosa, basta uma ou duas gotas de solução, ou um centesimo de sulphato de atropina, para produzir instantaneamente uma anesthesia tal que a applicação da raspadeira e escavação é facilmente supportada.

Sobre as applicações as mais felizes d'este anesthesico, mr. Bergouhnioux cita a introdução desde a raiz dos dentes artificiaes em as raizes vivas, quero dizer, sem que os cirurgiões tenham necessidade de destruir o nervo e os vasos dentarios pela cauterisação.

F. B. PIMENTEL.

(Journal de pharm. e de chim.)

CHIMICA

TRATAMENTO DAS PYRITES DE COBRE

PELO SR. P. SPENCE

Este processo é applicavel especialmente á separação do cobre das pyrites, quando se pretende igualmente recolher o

enxofre, aindaque tambem póde ser empregado para as pyrites, no seu estado primitivo.

O principio consiste em tratar o minerio por duas substancias, uma para tornar o cobre mais soluvel que o ferro, e outra para o dissolver. Assim, as pyrites que contêm ferro e uma pequena quantia de cobre, e de que se pretende extrahir o enxofre, são tratadas pelos acidos chlorhydrico ou sulphurico e azotato de soda, e n'este caso supponho theoreticamente que a presença do acido azotico tem os metaes em muito mais alto grau de oxydação, e que o cobre, por esta rasão, é mais facilmente dissolvido, de maneira que uma porção de ferro, que fica, passa em solução.

Depois d'este tratamento calcina-se o minerio e submette-se de novo á acção dos dissolventes para lhe extrahir o cobre. Vejamos o resto dos detalhes da operação pratica.

Quando o enxofre for extrahido do minerio pelo methodo ordinario reduz-se aquelle a pó e passa-se por um tamiz bem tapado, porque quanto maior é a sua divisão tanto mais vantajosos são os resultados; depois calcina-se a materia a calor rubro frouxo, fazendo passar ao de cima uma corrente de ar.

N'este estado tomam-se por cada 5 toneladas da materia em pó 250 kilogrammas de acido chlorhydrico do commercio, diluido em duas vezes o seu volume de agua, e se lhe juntam 50 kilogrammas de azotato de soda do commercio; esta dissolução verte-se pouco a pouco sobre o minerio depositado n'uma caixa de madeira apropriada; mexe-se para formar uma pasta, que se deixa reagir por vinte e quatro horas, depois do que se agita cuidadosamente em agua, e se decanta das materias insolueis que ficam em deposito. Esta solução ainda contém mais ou menos cobre, que se precipita por meio de laminas ou placas de ferro, á maneira ordinaria. As operações precedentes completam o processo, mas a extracção do cobre não é completa; então calcina-se de novo o minerio e trata-se como acima, com a differença de empregar só um terço, até a metade o mais, do acido e do sal sodico.

Para tratar a pyrite no seu estado natural pisa-se e calci-

na-se em um forno aquecido pela parte inferior, quando se quer ao mesmo tempo recolher o enxofre, ou n'um forno de reverbero, quando se não pretenda aproveitar este corpo.

Esta calcinação faz-se até ao rubro escuro em concorrência com o ar, até que todo o enxofre e outras materias volateis sejam expulsas e os metaes fiquem completamente oxydados; o que se conhece quando o pó, esfriando, toma uma côr rubra escura. Trata-se pelo acido chlorhydrico e azotato de soda, como fica dito.

O acido chlorhydrico e o azotato sodico podem ser substituidos pelo acido sulphurico e oxydo de manganez.

Tambem se pôde juntar directamente o acido azotico aos acidos chlorhydrico e sulphurico, em lugar do sal sodico; mas então a operação torna-se mais despendiosa.

DIGITALINA: PRODUCTOS DA SUA DECOMPOSIÇÃO; ACÇÃO DO ACIDO SULPHURICO SOBRE A SANTONINA, GUAIAICINA E REZINA DE SCAMONÉA

O sr. Kosman, em uma these transcripta no *Boletim de therapeutica*, apresentou algumas idéas novas que importa muito conhecer, ácerca da digitalis e de outras drogas.

Descrevendo minuciosamente a preparação e purificação da digitalina, insiste muito na necessidade de separa-la de alguns corpos com que se acha unida, e que alteram seus caracteres.

O resultado das suas investigações lhe fez conhecer que a digitalina é divisivel em duas substancias; uma a glucose e a outra, ainda não estudada, que elle chama digitaliretina.

Esta ultima é quasi insolúvel em agua, mas é solúvel no alcool, e mais ainda a quente; avermelha ligeiramente a tintura de tornesol, é insolúvel nos fluidos alcalinos, e não indica com os outros reagentes chimicos alteração alguma até agora conhecida.

A digitalina tratada pela soda caustica e fervida com ella até que o liquido se sature de acido sulphurico, evaporando-o depois até á seccura, e redissolvendo o producto em alcool fer-

vendo, obtem-se um sal crystallino que contém a soda e um acido especial, que o auctor chama acido digitalinico.

O sr. Kosman apresenta o corollario seguinte, resultado das suas investigações:

1.º A digitalina é susceptivel de ser reduzida a glucose e digitalina;

2.º Pela acção da soda caustica transforma-se em um novo corpo o acido digitalinico, que pôde ser reduzido a glucose e digitaliretina, debaixo da influencia dos acidos;

3.º A digitalina pôde existir em dois estados, em digitalina anhydra, e em digitalina hydratada;

4.º Do mesmo modo a santonina pôde ser reduzida a um novo corpo, a santoniretina e a glucose;

5.º Assim tambem se reduz a guaiacina a guairetina e glucose;

6.º Iguaes resultados se obtêm da rezina de scamonea.

(Bull. général de therap.)

F. J. R. Loureiro.

TRATAMENTO DOS MINERIOS POBRES DE COBRE

SEGUNDO O SR. TH. GODLEY

Os minerios são pulverisados segundo a proporção centesimal do cobre, porque elles encerram muitas vezes o duplo d'este metal. Misturados com chlorureto de sodio, de magnesio ou outros quaesquer, como o de manganesio, sal marinho, as lixivias dos residuos das fabricas do sal, em diferentes proporções, segundo o character do mineral de que se trata, de maneira que a acção da chloruração seja sempre em excesso.

O todo assim misturado é sufficientemente humedecido com agua, para formar um pate, que se deve incorporar cuidadosamente.

Submette-se a um calor moderado por espaço de trinta minutos, removendo a massa de vez em quando. Evaporado o liquido, deposita-se sobre um tamiz. Quebram-se os pedaços que se hajam formado e pulverisa-se a materia, e no forno já indicado submette-se a uma temperatura graduada, que se

eleva até ao rubro, mantendo-se n'esta gradação até que se não exhalem mais vapores brancos.

Agita-se a massa por algum tempo, e eleva-se a temperatura por mais meia hora; separa-se do forno, e em cubas apropriadas procede-se ás lavagens com agua quente, quebrando os pães ou grumos que se tenham formado; tornam a humedecer-se com agua das lavagens, aquece-se como acima, e depois de assente decanta-se.

O forno pôde ser mui simples, mas quando tenha que empregar-se na operação o chlorureto de sodio deve então ser munido de uma até duas camaras, communicando com elle por meio de um canal coberto com o mesmo forno, para recolher os productos da volatilisação.

A segunda camara, onde conduzido o canal, deve ser cheia do mineral levado e tirado das cubas, ou de outra qualquer materia absorvente, tal como a silex em pedaços, areia grossa, etc., que se conserva até que perca o poder de condensação, depois do que se tira para a substituir por nova carga.

Os productos resultantes são lixiviados pelos meios convenientes.

Assim obtida a solução cuprea, pôde ser tratada por qualquer dos meios conhecidos, para precipitar o cobre, ou empregar mesmo a magnesia caustica, obtida pela evaporação das lixivias do chlorureto do magnésio, ou a obtida do carbonato da mesma base.

Os liquidos que sobrenadam, recolhidos por decantação, servem para decompor novo mineral ou para as precipitações.

Precipita-se o cobalto pelo sulphato de baryta, a prata pelos methodos conhecidos, taes são a cimentação pelo cobre e outros semelhantes.

Quando os minerios encerram um excesso de cal, emprega-se de preferencia uma quantia equivalente de sal gemma, a fim de obter residuos que possam empregar-se como estrume na agricultura, e se os minerios são muito sulphurados e não contêm materia carburetada, deve empregar-se o coke miudo, acabado de apagar, ou outra materia analoga.

A solução do cobre serve para fabricar o verdete, por dupla decomposição, com os acetatos de baryta e de chumbo. Póde tambem servir para substituir o sulphato de cobre nos processos de conservação das madeiras.

(Le technologiste.)

F. J. R. LOUREIRO.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 615 DA SESSÃO DE 12 DE FEVEREIRO DE 1862

Presidência do sr. F. J. R. Loureiro

O sr. *presidente* abriu a sessão eram sete horas da noite.

A acta da sessão anterior foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* declarou não haver correspondencia, passando a ler a lista dos objectos doados, que foi recebida com especial agrado.

O sr. *Tedeschi*, antes da ordem do dia, apresentou a seguinte

PROPOSTA

«Sendo de justiça que a sociedade pharmaceutica lusitana não deixe esquecido o grande serviço que á mesma classe fez o conselheiro Manuel da Silva Passos, promulgando leis pelas quaes foram creadas escolas especiaes de pharmacia, cujo ensino havia corrido até então á revelia, fazendo-se livremente e á vontade de cada um dos pharmaceuticos estabelecidos, e reformando igualmente o seu exercicio; proponho que se faça na acta de hoje a seguinte declaração:

«A sociedade pharmaceutica lusitana, intérprete dos sentimentos da classe que representa, declara que recebeu com profundo sentimento a noticia do fallecimento do conselheiro Manuel da Silva Passos, ministro e secretario d'estado honorario, primeiro dictador que decretou regras pelas quaes se dirigisse o ensino e habilitações dos pharmaceuticos portu- guezes.

«Sala das sessões da sociedade, em 12 de fevereiro de 1862.

== José Tedeschi. »

Depois do sr. presidente pôr a urgencia da proposta á votação, que foi approvada, entrou em discussão.

Fallaram sobre a materia os srs. Tedeschi e Correia, mostrando os serviços prestados á classe por aquelle estadista, e o dever que a esta sociedade cabia de pagar um tributo de gratidão á memoria d'aquelle que abriu o caminho para a regeneração da classe pharmaceutica, que esta sociedade representa.

Posta á votação a proposta, depois de dispensadas todas as formalidades, foi approvada unanimemente.

ORDEM DO DIA

O sr. *Telles*, fallando no parecer dado pela commissão de direito pharmaceutico sobre a proposta apresentada pelo sr. Norberto Junior, sobre o imposto de licença ás pharmacias e a resolução já tomada por esta sociedade, mostrou a conveniencia de se dar andamento a este negocio, visto que o sr. Franco não se apresentava, e ser uma materia já votada.

O sr. *Tedeschi* explicou novamente quaes as idéas que o sr. Franco lhe havia communicado, e que lhe pareciam ter todo o fundamento; e fallando sobre a materia os srs. Tedeschi, *Telles*, Jesus e Correia, approvaram o procedimento da mesa ter sobreestado o andamento da representação, decidindo-se a final que na acta se declarasse o seguinte: « que a mesa da sociedade, auctorisada, como já estava, de fazer a representação, e munida de todos os esclarecimentos precisos, espera até que appareça algum pharmaceutico que diga ter sido intimado por qualquer auctoridade para o pagamento do imposto, e junto o processo ou intimação á representação, a mesa dê o andamento a este negocio até obter justiça».

O sr. *presidente*, em nome da mesa, lembrou que tendo sido sempre protectores d'esta sociedade os nossos soberanos, desde a reinado da virtuosa Rainha a Senhora D. Maria II, de saudosa memoria, era um dever de gratidão e respeito convidar El-Rei o Senhor D. Luiz I para o mesmo fim.

O sr. *presidente* consultou a mesma sociedade e resolveu-

se unanimemente que se offerecesse a Sua Magestade o diploma de socio protector da sociedade pharmaceutica lusitana.

O sr. *Tedeschi* mostrou a conveniencia de se mandar vir do Porto a machina de adhesivar, invento do sr. Agostinho da Silva Vieira.

Fallaram sobre a materia os srs. *Tedeschi*, *Correia*, *Telles e Jesus*; e o sr. *Alves*, votando pela acquisição da dita machina, mostrou tambem o estado das nossas finanças como unica difficuldade; mas que se encarregava de saber pelo nosso delegado no Porto o preço d'ella, e tambem de fazer ver ao auctor os fins d'esta sociedade áquelle respeito.

O sr. *Tedeschi* pediu ao sr. presidente que consultasse a sociedade se queria occupar-se do estudo da machina, e que, visto a sociedade não a poder comprar, elle se encarregava de a apresentar.

O sr. *Jesus* declarou que em virtude do offerecimento do sr. *Tedeschi* votava pelo pedido de s. s.^a

Consultada a sociedade decidiu affirmativamente.

Não havendo mais quem pedisse a palavra, o sr. presidente deu para ordem do dia da seguinte sessão propostas, pareceres de commissões e segundas leituras, e fechou a sessão ás dez horas da noite. = *Antonio Joaquim Labatte*, segundo secretario.

VARIÉDADES

Destruição das verrugas. — O dr. *Lange* cita o acido chromico como muy efficaz para destruir as verrugas, por mais duras e grossas que sejam, e diz ser sufficiente para as soltar e curar tres ou quatro applicações da dita substancia.

Noticia curiosa. — O governo italiano nomeou tres professores da universidade de Napoles para estudar os diversos phenomenos da ultima erupção do Vesuvio e do tremor de terra do Grego.

Resulta das observações da commissão que áquella erupção não precedêra desappareição de agua em nascente algu-

ma, antes ao contrario, em alguns poços o nivel de agua se elevára a 60 centimetros.

Que as fontes sulphurosas que rebentaram no mar se elevaram a uma altura de 25 centimetros, e que causaram a morte a muita pescaria grossa.

Que o phenomeno mais extraordinario que se encontra é o levantamento do solo da torre do Grego, o qual se acha elevado e mantido a uma altura de 4^m, 12!

ANNUNCIOS

CONSELHO DE SAUDE NAVAL E DO ULTRAMAR

Está aberto concurso perante o conselho de saude naval e do ultramar, por espaço de tres mezes, a contar da data da publicação d'este annuncio na folha official, para provimento de um logar de pharmaceutico de segunda classe do hospital da marinha, em conformidade do artigo 14.^o do decreto de 20 de outubro de 1859.

Os individuos que pretenderem este logar deverão entregar no mesmo hospital os seus requerimentos documentados, em que provem possuir as habilitações legaes para o desempenho das funcções do referido cargo.

Hospital da marinha, 27 de fevereiro de 1862. — *Dr. Francisco Frederico Hopffer*, secretario.

Está aberto concurso perante o conselho de saude naval e do ultramar, por espaço de tres mezes, a contar da data da publicação d'este annuncio na folha official, para o provimento de dois logares de pharmaceuticos do quadro de saude da provincia de Angola, na conformidade do artigo 2.^o do decreto de 11 de dezembro de 1851.

Os individuos que pretenderem estes logares deverão apresentar no hospital da marinha os seus requerimentos documentados, em que provem ter as habilitações legaes para serem providos.

Hospital da marinha, 10 de março de 1862. — *Dr. Francisco Frederico Hopffer*, secretario.

PHARMACIA

INDICIOS DE REFRAÇÃO

VANTAGENS QUE EM PHARMACIA SE PODERÃO OBTER POR MEIO D'ELLA, EM UM GRANDE NUMERO DE CASOS, QUANDO BEM DETERMINADA

Eis-aqui o que a este respeito diz o sr. Buiquet :

1.º Entre os oleos volateis que têm uso em medicina poucos ha que sejam desprovidos do poder rotatorio.

A maior parte d'elles possuiu um poder e acção tão manifesta que em muitos casos constitue um meio precioso para se conhecer da sua maior ou menor pureza.

2.º Alguns dos oleos fixos tambem possuem esta propriedade.

O oleo de ricino desvia o plano de polarisação para a direita, mas este poder rotatorio fica annullado quando o oleo é submittido á acção de uma temperatura de 270º.

3.º O balsamo de copabiba tambem tem acção sobre a luz polarisada, mas com variada energia, segundo a especie vegetal de que procede. A differença é notavel, segundo o que se tem observado na variedade do balsamo, designada de baixo de um nome especial.

4.º A cicutina desvia o plano de polarisação para a direita.

A atropinã, a conitina e a digitalina, ao contrario, desviam para a esquerda.

A veratrina e a emetina, aindaque pertencentes ao grupo dos alcaloides, não se lhes conhece por ora poder algum rotatorio apreciavel.

5.º A santonina apresenta, debaixo do ponto de vista das propriedades opticas, tres caracteres notaveis: 1.º, desvia o plano de polarisação para a esquerda com uma intensidade que excede a todas as outras substancias até hoje conhecidas, que, como ella, gosam esta propriedade; 2.º, a relação de desproporção que estabelece entre os raios roxo e amarelo é igualmente superior á assignalada como expressiva do po-

der depressivo normal; 3.º, perde quasi completamente o poder rotatorio pela acção dos alcalis.

6.º Em geral, o indicio de refração nos oleos volateis é proporcional á sua densidade, e em relação á quantidade dos elementos combustiveis que contém.

N'esta regra porém ha algumas excepções que ainda não foram convenientemente avaliadas, nem investigada a causa que as determina.

7.º As differenças achadas entre os oleos fixos, n'esta parte, são, é verdade, insignificantes, mas não tanto que se não percebam com facilidade, porque permitem distinguir o oleo da oliveira do das dormideiras, o de figado de bacalhau do do pescado, o de amendoa doce do azeite descolorado.

8.º Póde-se pelos indicios da refração apreciar devidamente a pureza do balsamo de copahiba do commercio, e reconhecer até as mais pequenas quantias de oleo de ricino ou de outro qualquer, com que fraudulentamente se tenha misturado.

F. J. R. LOUZEIRO.

PILULAS DE CARBONATO DE AMMONIACO CONTRA A BRONCHITE CHRONICA

PELO DR. J. WILLIAM, DE GORK

Gomma ammoniaca	50 centigrammas
Ipicacuanha em pó	12 »
Chlorhydrato de morphina	5 »
Carbonato de ammoniaco	50 »
Mucilagem de gomma	q. s.

da Ordem dos Farmacêuticos

Misture e divida em dez pilulas, que se cobrem com um verniz de balsamo de Tolú, solvido em chloroformio. Conservam-se em frasco bem fechado. Começa-se o uso tomando uma pilula de tarde.

Segundo o auctor esta, formula é muitissimo util, nomeadamente quando a bronchite é acompanhada de secreção viscosa e expectoração difficil.

(Journ. de chim. et de pharm.)

C. J. X. CONDEIRO.

PILULAS DO IODURETO DE FERRO

A preparação das pilulas do iodureto de ferro tem occupado a attenção de muitos individuos, com o intento de achar uma formula que dê um preparado inalteravel.

Aos trabalhos pois que têm successivamente feito sobre este objecto os srs. Mialhe, Becamp, Blancard, Gelle e outros, temos hoje que juntar os do sr. Vezu, que, diz a *Gazette des hôpitaux*, se serve da manteiga de cacau como meio dissolvente do iodo, aproveitando a propriedade que têm os corpos graxos de operar dissoluções metallicas; e n'isto se funda especialmente o seu processo. Fundida a manteiga de cacau a um calor suave e a banho maria, junta-se-lhe o iodo, que se dissolve n'ella rapidamente, ficando com uma côr roxo-sangue. A esta dissolução junta-se um excesso de ferro hydrogenado, na proporção de 6 partes de ferro para 4 de iodo. Agita-se de continuo, e passados tres quartos de hora de contacto se obtem um iodureto perfeitamente neutro, com um excesso de ferro, que é favoravel á conservação do composto. Mantendo a mistura n'um estado semi-liquido, adquire uma côr amarellada, que depois de algum tempo passa a negra, e por fim, quando a operação está terminada, toma a côr verde garrafa. Assim conserva-se durante a preparação um protoiodureto de ferro inalteravel. Divide-se em pilulas e cobrem-se estas com uma camada gommosa e assucar. Cada pilula contém 4 a 5 centigrammas de iodo e outro tanto de ferro.

(El siglo medico.)

F. J. R. Locasino.

da Ordem dos Farmacêuticos

QUÍMICA

ARSENITO DE STRYCHNINA

Este sal, que recentemente tem sido aconselhado na cura do mormo pelo sr. Chiapero, prepara-se da maneira seguinte: tomam-se 41,95 grammas de strychnina pura e crystallisada, 12,38 grammas de acido arsenioso em pó, 10 grammas de acido hydrochlorico concentrado, e 800 grammas de agua

commum; misturam-se estas substancias em uma capsula de porcelana, faz-se ferver a calor brando até se dissolver, e filtra-se emquanto quente.

Depois de fria a dissolução toma o aspecto de uma massa crystallina; filtra-se para separar as aguas mães, que apresentam uma reacção muito acida, e podem tambem dar por meio da evaporação uma certa porção de sal.

Obtido d'esta maneira o arsenito de strychnina, apresenta a fôrma de pequenos crystaes prismaticos, sem côr e transparentes. É soluvel em 300 partes de agua fria e em 46 fervendo.

Para obter um bi-arsenito de strychnina empregam-se dois equivalentes de acido por um de strychnina; porém a *Gazette hebdomadaire* diz que este sal é mais verdadeiramente uma mistura de arsenito e chlorhydrato de strychnina.

TANINO, ANTIDOTO DA STRYCHNINA — NOVA EXPERIENCIA

O resultado de numerosas experiencias feitas sobre alguns coelhos e cães fizeram com que o dr. Kursak tirasse esta conclusão: o tanino promptamente administrado é o melhor antidoto nos envenenamentos pela strychnina.

É portanto necessario que a quantidade do tanino seja em relação com a da substancia toxica; não obstante convem reforçar as doses em rasão das materias contidas no estomago, principalmente a gelatina, que pôde absorver uma porção do medicamento.

O tanino é o remedio que merece a preferencia, e tanto mais pela facilidade de o poder obter, procurando-o debaixo da fôrma de noz de galha, aonde existe. É pois d'esta mesma fôrma que pôde ser applicado, porque uma parte pôde ser reduzida a pó e promptamente administrada pela addição da agua, emquanto que uma infusão ou decocção se prepara. Para 1 grão de strychnina convem dar-se $2\frac{1}{2}$ drachmas (quasi 40 grammas) de noz de galha, podendo por consequencia elevar-se a dose, especialmente quando sobrevem alguns vomitos.

As experiencias feitas pelo auctor com o chá verde auctorisam a acreditar que esta substancia possui, em certo grau, alguma efficacia; não obstante, como demanda empregar-se em doses elevadas, póde por consequencia elle mesmo tornar-se quasi um veneno, e então não se póde ali recorrer, salvo se a quantidade da strychnina ingerida é muito fraca ou se applica a titulo de simples adjuvante.

O café tambem produz alguns effeitos, mas pouco notaveis. A casca do carvalho contém 8,5 por 100 de acido tanico, e por isso póde do mesmo modo ser empregado com vantagem quando não é possivel obter-se a noz de galha. Outras muitas substancias produzem identicos effeitos, porque contêm tannino, taes como a bolota e casca do castanheiro da India, a casca verde da noz, etc. Os acidos vegetaes devem evitar-se durante o tratamento d'este envenenamento, poisque de alguma maneira favorecem a dissolução do precipitado resultante.

A mesma recommendação se applica ás bebidas alcoolicas.

A experiencia tem demonstrado que os vivos esforços do doente augmentam ou mesmo suscitam as convulsões em todos os envenenamentos pela strychnina.

É portanto necessario tomar todas as precauções possiveis, tratando-se este accidente, a fim de evitar todo o movimento d'este genero ou qualquer estimulação energica.

(Journ. de pharm. et de chim.)

F. B. PIMENTEL.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

**SOBRE A PREPARAÇÃO DO IODURETO DE ARSENICO E DO IODURETO
DUPLA DE ARSENICO E DE MERCURIO**

PELO DR. X. LANDERER, PHARMACEUTICO DE SUA Magestade EL-REI
DOS GREGOS E PROFESSOR DE CHIMICA NA UNIVERSIDADE
DE ATHENAS

Estes dois medicamentos pertencem aos mais heroicos que a medicina emprega, applicando-se especialmente a diferentes molestias de pelle.

Prepara-se o iodureto de arsenico pela via secca e pela via humida. O primeiro methodo se consegue fazendo sublimar

uma mistura de 100 partes de iodo com 16 de arsenico metallico; o segundo faz-se ferver juntamente em 1:000 partes de agua, 10 partes de iodo e 30 de arsenico, cuja solução se evapora á seccura.

Emquanto á outra substancia mais heroica ainda, o iodureto duplo de arsenico e de mercurio se obtem triturando junto e perfeitamente 790 partes de iodo com 470 de arsenico e 101 de mercurio e quanto sufficiente de alcool: esta trituração deve acompanhar-se até á producção de um pó rubro e extincção total mesmo ao microscopio dos globulos de mercurio.

Todavia eu tenho observado que esta preparação soffre com o andar do tempo uma alteração notavel, que pôde ser nociva; com effeito uma parte do iodo se sublima sobre as paredes da redoma que contém a preparação; uma outra fórma, o iodureto rubro de mercurio e o arsenico, se transforma em acido arsenioso; tal é a razão por que eu julgo que não convem preparar-se esta substancia senão no momento, devendo considerar-se uma preparação extemporanea

(Journ. de pharm. et de chim.)

F. B. PIMENTEL.

MODIFICAÇÃO AO PROCESSO DA QUINIMETRIA

Os srs. Glenard e Guillermond publicaram recentemente ¹ uma modificação ao seu methodo volumetrico para o ensaio das quininas ou *processo de quinimetria* ², pela razão de terem notado praticamente alguns inconvenientes no emprego do acido sulphurico e do ammoniaco, primeiro propostos.

Com effeito aquelles senhores reconheceram:

1.º Que sendo difficil encontrar no commercio um acido sulphurico do mesmo grau areometrico designado para os referidos ensaios, em razão, principalmente, da facilidade com que absorve a humidade do ar, resultava um grave embaraço para se obter o grau de exactidão necessaria em uma operação assás delicada;

¹ Journal de pharm. et de chim. de Paris, janvier de 1862.

² Jornal da sociedade pharmaceutica lusitana, 1860, tomo 1.º da 4.ª serie, pag. 115.

2.º Que sendo o ammoniaco, tambem primeiro proposto, um producto nimiamente volatil, poderia similhantemente uma tal propriedade offerecer alguns inconvenientes e induzir a calculos e resultados menos exactos.

Consequentemente os auctores recorreram a substancias de força invariavel e propõem a substituição do acido oxalico ao acido sulphurico, e a solução do oxydo de potassio ou de sodio, obtidos pelo alcool, ao ammoniaco liquido.

Eis como textualmente se expressam em respeito á variação proposta:

«Para comparar o nosso liquido acido titulado tinhamos estabelecido a proporção seguinte: acido sulphurico 3^{gr},02 para 1 litro de agua; devendo dissolver completamente e reduzir ao estado de sulphato 10 grammas de quinina. Sendo a quantidade de acido oxalico que forma o equivalente da quantidade de acido sulphurico dita (3^{gr},02), 4^{gr},086, deve esta quantidade substituir aquella, solvendo-se em 1 litro de agua distillada, para obter o novo liquido acido. O acido oxalico que empregámos é o acido crystallizado e secco á temperatura ordinaria, reduzindo-o a pó previamente, e comprimindo-o entre duas folhas de papel sem colla, segundo a recommendação do sr. Poggiale, para o fim de o privar de qualquer quantidade de agua que accidentalmente possa conter. Finalmente substituímos o liquido ammoniacal por uma solução de potassa ou de soda, pelo alcool.

«Para assignalar exactamente o momento em que o liquido acido é saturado pelo licor alcalino temos por conveniente indicar ainda a substituição da tintura do pau de Santa Martha á do pau do Brazil. A materia colorante do pau de Santa Martha muda para vermelho intensamente sob a influencia da mais pequena quantidade alcalina, sem gradação intermediaria.»

Quanto á qualidade ou riqueza alcaloidica das quinas tem o sr. Guillermond por mui enganadores os caracteres apparentes das quinas até aqui aconselhados; poisque verificou experimentalmente em uma quina de mau e suspeito aspecto, e contra toda a espectativa uma riqueza alcaloidica de 60

grammas por kilogramma, quantidade superior á da imaginada como typo. Uma mesma especie de quina pôde offerecer variações mui importantes na proporção da quinina; e sem recorrer ao ensaio previo pôde-se rejeitar uma casca que se julga inferior pela apparencia, preferindo uma outra de melhor aspecto, e na realidade mais pobre.

A tal respeito diz o sr. Guillermond o seguinte:

«Esta grande proporção de quinina (60 grammas por kilogramma) que encontrámos em uma quina deveria obrigar-nos a fazer ainda uma mudança em os nossos liquidos titulados, poisque haviamos tomado por termo de comparação uma quina com 50 grammas de quinina, o maximo imaginado; todavia entendemos preferivel não fazer mudança na quantidade do acido. Sómente no caso em que suspeitassemos uma quina mais rica do que a do nosso imaginado typo reduziriamos a metade a quantidade estabelecida do ether quininiado, quer dizer, tomaríamos para o ensaio 40^{cc} em lugar de 20^{cc}.»

G. J. X. CONDINO.

Coimbra, de março de 1862.

COMPOSIÇÃO DA CREOSOTA

Segundo os ensaios dos srs. Fairlie e Schruyham, a creosota do commercio não é mais do que uma mistura de dois corpos homologos, a saber: o acido carfolico e o hydrato de cresina. O primeiro destes ferve a + 184° e o segundo a + 203°; a sua formula não se differença senão por C², H², da maneira seguinte:

Acido carfolico C¹² H⁶, O².

O sr. Fairlie observou que, durante a distillação do hydrato de cresina, este se decompõe em parte e parece transformar-se em acido carfolico.

O sr. Gladstone separou estas duas substancias da creosota por distillações fraccionadas e segregadas por meio de fragmentos de chlorureto calcico, para impedir que o acido absorva a agua.

No fim de um anno observou que as ditas substancias tinham adquirido uma côr roxa de vinho, emquanto que as fracções a que não tinha addicionado o chlorureto calcico só foram levemente alteradas, effeito que o auctor suppõe analogo ao effectuado pelo calor.

Para isto tomou creosota pura e chlorureto de zinco puro, e pô-los em contacto, e no fim de cinco mezes notou que a creosota sobrenadava, e que o chlorureto tinha adquirido a côr roxo-escura, e que uma porção a que se tinha addicionado chlorureto calcico, distillado a 200° até 210°, diminuindo esta temperatura, proximo ao fim, a 190°, deixou a final na retorta uma materia negra muito viscosa; e d'aqui conclue o auctor que estes saes hygroscopicos transformam o hydrato de cresina em acido carfólico com separação de agua e algum producto carbonoso.

O calor aviva a acção d'estes saes, e o frio facilita a crystallisação do hydrato carfólico contido no liquido collocado sobre o chlorureto calcico.

O melhor methodo para obter este producto da creosota do commercio consiste em juntar uma dada quantidade de chlorureto calcico ao liquido (creosota) para lhe absorver a agua, e passados alguns dias submeter tudo a uma mistura refrigerante.

F. J. R. LOUREIRO.

(El siglo medico.)

FERMENTAÇÃO ACÉTICA

PELO SR. PASTEUR

O sr. Pasteur apresentou á sociedade chimica de Paris os primeiros ensaios e os resultados das suas experiencias sobre a fermentação acetica.

Elle descobriu nas plantas cryptogamicas do genero mycoderme, em que figuram tres especies, as mais interessantes, uma propriedade notavel que dá a explicação completa da acetificação dos liquidos alcoolicos. Eis-aqui algumas das suas experiencias:

A superficie de um liquido organico qualquer, encerran-

do essencialmente phosphatos e materias albuminoides, desenvolvem uma especie qualquer do genero mycoderme até cobrir toda a superficie do liquido. Então com um siphão separa-se o liquido gerador da planta, tendo cuidado que o véu que o cobre se não despedace, nem caia em fios no fundo do vaso, condição facil a preencher. Em seguida substitue-se pelo alcool diluido em agua, marcando, por exemplo, 10º no alcoolometro centesimal. A mycoderme que difficilmente se molha por causa de seus principios graços, torna a elevar-se e vem cobrir a superficie do novo liquido outra vez.

A plantasinha é então collocada em condições excepçoes. Sua vida é arriscada, se mesmo se não torna impossivel, porque ella não encontra mais alimentos do que os principios que pôde encontrar em sua propria substancia, sobretudo se tem havido a precaução de a lavar em agua antes de a collocar na superficie do liquido alcoolico.

Ora já se vê, e a experiercia o demonstrou, que a planta n'estas circumstancias anormaes de molestia ou de morte põe immediatamente em reacção o oxygenio do ar e o alcool do liquido. A acetificação começa de prompto e prosegue activamente. Depois de alguns dias a acção da planta afrouxa, mas ainda não está completamente exahusta, mas é mortificada pela acidez dos liquidos. Separado todo o liquido acido substitue-se por novo alcool puro diluido em agua; a acetificação continua para o segundo liquido, e esta serie de operações pôde prolongar-se por muitos mezes.

De outra parte, quando a acetificação se suspende por um liquido já acetico, ainda pôde fazer-se continuar se este liquido for introduzido debaixo da coréa ou pelicula que ainda não tenha servido, isto é, sido empregada para segundo liquido.

Mediante todo este trabalho a planta experimenta modificações profundas, sem todavia augmentar o peso. Ella soffre uma especie de combustão que dissolve todos os seus materiaes de tal sorte que o liquido se torna pouco a pouco proprio para a sua nutrição e mesmo para outra das que mais

se avizinham do genero mycoderme. N'este momento phenomenos inteiramente differentes, ao menos na apparencia, se desenvolvem e terminam.

O acido acetico e o alcool desaparecem completamente com a maior rapidéz. Em poucos dias a acidez tem logar, e com facilidade cessa; apparece então uma neutralidade perfeita e propria, consequencia necessaria para dar origem a outros diversos infusorios, e seguidamente a uma alteração putrida.

Toda esta segunda parte de phenomenos annunciados pelo sr. Pasteur podem produzir-se quando se desenvolvem os mycodermes sobre os liquidos alcoolicos que encerram os alimentos proprios á nutrição da planta, taes como o vinho, a cerveja ou liquidos fermentados em geral, ao menos quando por circumstancias fortuitas ou determinadas pelo operador a planta não seja collocada em condições analogas áquellas em que ella se acha, na primeira parte da experiencia.

Em resumo, a acetificação é produzida pelas especies do genero mycoderme. Quando a planta está em plena vida e saude não dá logar a uma formação effectiva de acido acetico; ao contrario, se este incidente existe no licor, ella o destroe, assim como o alcool; mas se a planta está doente, se se lhe recusam os alimentos, ou se estes existem nos liquidos, ella então é mortificada por outra causa qualquer, e transforma o alcool em aldehyde e em acido acetico.

Tudo quanto se tem dito sobre a influencia dos corpos porosos organicos ordinarios na acetificação é inteiramente erroneo. Vejamos as experiencias que o comprovam.

O sr. Pasteur fez correr ao longo de uma corda alcool diluido em agua. As gotas que cáem da extremidade da corda não contém quantia alguma de acido acetico. A experiencia durou mais de um mez, com uma corrente extremamente frouxa, uma gota de dois ou de tres em tres minutos. Se porém, repetindo esta experiencia, se tem a precaução de temperar a corda com um liquido (no principio da experiencia), em cuja superficie se ache uma pellicula de mycoderme

que fique em parte sobre a corda quando elle principia a correr, o alcool que lentamente corre ao longo d'ella em contacto com o ar, sobrecarrega-se de acido acetico. Esta acetificação pôde durar muitas semanas, convindo assim.

É evidente pois, por esta dupla experiencia, que no processo da acetificação, diz Allemand, as aparas de faia que no liquido servem de suporte á planta, nenhum outro papel desempenham.

Na fabricação dos vinagres, tal como se pratica em Orleans, a acetificação, segundo o sr. Pasteur, é devida unicamente a uma pellicula quasi insensivel de uma excessiva finura, que recobre o liquido nos toneis, formada pela mais diminuta quantia de mycoderme. A mãe do vinagre é o deposito que fica no fundo dos toneis onde este se fabrica, e sobre o qual se deitam de oito em oito dias novas porções de vinho, depois de tiradas iguaes de vinagre, sem que sobre o phenomeno se dê mais influencia alguma. Todo o trabalho da fermentação se faz, se opera na superficie do liquido, na pellicula de uma finura excessiva que cobre a superficie do liquido. Mas, se por um motivo qualquer esta pellicula vem a espessar-se mais, a operação apresenta immediatamente novas phases, o alcool e acido acetico desapareceram.

As relações das mycodermes com o oxygenio não se limitam só aos phenomenos em questão. O sr. Pasteur tambem diz ter observado que as mycodermes postas em contacto com o assucar, fóra do alcance do gaz oxygenio, adquirem a propriedade de se desenvolver. Sua respiração se effectua depois, sem duvida, á custa do oxygenio desenvolvido do assucar.

É sobremaneira notavel que o assucar debaixo d'estas condições fermenta.

Estes factos, como melhor se verá quando outras observações se publicarem, ajuntam um novo apoio á theoria da fermentação proposta pelo sr. Pasteur, e na verdade elles annunciam a razão de todas as pretendidas mudanças de fórma do fermento da cerveja, que tanto tem occupado a attenção dos micrographos.

Com effeito, n'estas novas condições de vida e de desenvolvimento, as mycodermes experimentam modificações na grossura de suas articulações, no modo da sua propagação, que á primeira vista poderiam fazer acreditar nas transformações de novas especies.

Tem isto muita analogia com as metamorphoses dos insectos e dos vermes intestinaes.

A este respeito o sr. Pasteur compromette-se a publicar suas observações, bem como outros resultados de suas experiencias sobre a acetificação por meio das mycodermes, alcoolificações, etc.

(Gazette chronologiste.)

F. J. R. LOUZEIRO.

**ACÇÃO DO ACIDO SULPHURICO SOBRE O RESIDUO INSOLUVEL DO OPIO
EXHAUSTO PELA AGUA, DE TODOS OS SEUS PRINCIPIOS
SOLUVÉIS N'ELLA**

Nas operações chemicas de qualquer ordem um corpo estranho qualquer, um argueiro, uma folha que lhe caia, produz immensos defeitos; como perturbações nos liquidos, gradações de cores diversas, sabor differente e muitas vezes mesmo uma hora de atrazo na execução de um trabalho começado, ou um novo *modus faciendi*, mudam inteiramente a natureza dos productos. Todos os praticos estão d'este accordo e o confirmam.

Alguns ensaios sobre o residuo insoluel do opio exhausto pela agua comprovam esta verdade.

Este residuo submettido á fermentação produz ainda uma substancia que tem alguma analogia com a paramorphina, que já foi estudada pelos srs. Stanislaw Martin, Anthur e Guengy.

Esta segunda operação sobre o residuo insoluel na agua consiste em trata-lo pela agua distillada acidulada pelo acido sulphurico.

O resultado é a producção de um alcali apresentando alguns caracteres chemicos que se assimilham em parte aos da narcotina, mas que differe completamente d'ella por sua insolubilidade no ether.

O referido alcali porém não apresenta caracter algum de similhaça com a codeina e narceina.

Por esta operação obtem-se uma materia extractiva solúvel em agua em todas as proporções, e á qual communica a propriedade de levantar espuma como a do sabão.

Para isto pröcede-se da seguinte fórma:

Faz-se ferver em agua distillada acidulada com acido sulphurico o referido residuo insolúvel por espaço de dez minutos, durante os quaes a mistura toma o aspecto de um magma espesso, que deve ser coado com forte expressão. O producto é fortemente corado, cheiro similhante ao do opio e de sabor muito amargo.

Estando frio junta-se-lhe a pouco e pouco ammonia, até que o papel de turnasol se não altere.

Filtra-se e deixa-se em quietação, separa-se o precipitado que se lava com agua distillada e secca-se, depois ferve-se com sufficiente quantidade de alcool rectificado e filtra-se.

Este liquido alcoolico, pelo resfriamento, deixa depositar uma abundante crystallisação em agulhas de aspecto resinoso e escuro, cujo producto deve ser purificado pelos meios ordinarios.

Quaes são porém as propriedades therapeuticas da materia extractiva saponacea ou salino-resinosa amarga? Ignorámos. Participarão ellas das propriedades do opio?

É á medicina a quem compete determinar o seu valor therapeutico.

MEIO FACIL PARA RECONHECER A PUREZA DA GLYCERINA

A glycerina já hoje tem muito uso e parece chamada a prestar grandes serviços á therapeutica; não será portanto fóra de proposito o darmos a conhecer o meio de assegurar se a que gira no commercio está chimicamente pura, porque já se tem encontrado alterada com os chloruretos.

Eis-aqui o meio mais singelo de a reconhecer.

Deitem-se em uma proveta cheia de glycerina algumas gotas de nitrato de prata, que produzirá immediatamente um

precipitado caseiforme, se ella contiver qualquer quantidade de chloruretos.

(La prensa medica.)

F. J. R. LOUREIRO.

ACÇÃO DO PHOSPHORO SOBRE O CHLORATO DE MERCURIO

As experiencias de Saye e Dullion fizeram-nos conhecer que o phosphoro precipita muitas soluções metallicas, que estes precipitados depois dos estudos que sobre elles fez o sr. Pelletier, não são, como se suppunha, reduziveis ao estado metallico, mas sim ao de oxydo.

Querendo nós tambem saber qual era a reacção chimica que o phosphoro e o chlorato de mercurio deviam experimentar, quando postos em contacto, procedemos da seguinte maneira:

Vertemos em tintura etherea de phosphoro, e gota a gota, uma solução alcoolica de chlorato de mercurio; esta solução continha 1 grammata de sal mercurial por 50 centigrammas de phosphoro. Os dois liquidos perturbaram-se immediatamente e deram origem a um precipitado branco que passou logo a amarello alaranjado, e quando separado do liquido ethereo tomou a côr de um amarello carregado, e mais tarde a de amarello gris, em contacto com o ar por algum tempo e mesmo com a agua distillada.

Alguns ensaios mais que fizemos nos levaram a acreditar, como acreditámos, que esta nova combinação que escapou ás sabias investigações de Bertholet e outros, é tribasica, o que se for sancionado pela experiencia será muito honroso para nós, porque tambem entendemos que este novo composto ainda poderá vir a fornecer um precioso medicamento á therapeutica.

F. J. R. LOUREIRO.

TRANSFORMAÇÃO DA THEOBROMINA EM CAFEINA

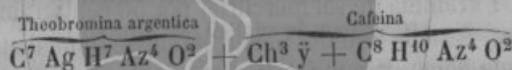
Segundo a sua composição, a chantina, a theobromina e a cafeina poderiam considerar-se como corpos homologos.

Chantina $C^5 H^4 Az^4 O^2$

Theobromina $C^7 H^8 Az^4 O^2$

Cafeina $C^2 H^{10} Az^4 O^2$

Tratadas a metilancina, a theobromina e a cafeina, poderia suppor-se que o primeiro d'estes corpos representa a chantina dimetilada, e o segundo a chantina trimetilada. O sr. Wittstein, para melhor estudar esta questão, empregou o methodo de Wurtz, para a preparação de alguns ethers, introduzindo na chantina dois equivalentes de metilo, e tratando a chantina n'este estado de argentina, $C^5 H^2 Ag^2 Az^4 O^3$, perfeitamente livre de humidade pelo iodureto de metilo. Obteve effectivamente um corpo $C^5 H^2 = (Ch^3)^2 Az^4 O^2$, composição igual á da theobromina, differindo só nas propriedades. É um só isomero da theobromina, a qual dá com uma solução ammoniacal de nitrato de prata um precipitado crystallino, que secco a 12° encerra $C^7 H^7 Ag Az^4 O^3$, que, aquecido a 100° com o iodureto de metilo, dá em resultado iodureto de prata e de cafeina, segundo a formula seguinte:

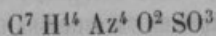


A cafeina obtida por este modo é identica por sua composição e propriedades á cafeina natural.

Ella soffre tambem uma transformação em nova base. Quando se ferve a cafeina com agua de baryta forma-se carbonato de baryta, que se separa da metilamina e de uma pequena quantidade de ammoniaco.

Separada a baryta por um excesso de acido sulphurico e evaporado o liquido, depositam-se crystaes que constituem um sulphato de uma nova base, que o sr. Wittstein denominou cafeidina.

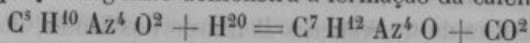
Estes crystaes incolores e prismaticos têm a seguinte composição:



Separada d'este sal a cafeidina pelo carbonato de baryta, obtem-se pela evaporação de sua dissolução, em fórma de uma massa amorpha e deliquiscente, dissolve-se facilmente em alcool, e com difficuldade em ether.

A potassa precipita-se das suas dissoluções no estado amorpho.

A equação seguinte demonstra a formação da cafeina:



Vê-se pois que por esta transformação a cafeina troca um atomo de carbonio por dois de hydrogenio. Emquanto a metilamina e ammonia devem ser considerados como productos secundarios, bem como um acido que figura entre elles, o qual com os saes de cadmio dá um precipitado incolor e crystallino.

(Journ. des connoiss. méd.)

F. J. R. LOUREIRO.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 616 DA SESSÃO DE 12 DE MARÇO DE 1862

Presidência do sr. F. J. R. Loureiro

Às sete horas da noite o sr. presidente declarou aberta a sessão.

O *segundo secretario* leu a acta da sessão antecedente, que foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. Sousa Magalhães, delegado no Porto, propondo dois candidatos a socios correspondentes, e participando ter declarado n'aquelle delegacia o sr. Bernardo Pinto Soares de Miranda, que deixava de ser assignante do nosso jornal.

Um officio do centro promotor, convidando a sociedade a eleger um socio seu, como delegado, e um substituto, para a representar n'uma grande commissão central, encarregada não só de discutir um projecto de organização de um asylo para os inhabilitados do trabalho, mas tambem de o levar á pratica; commemorando assim todas as classes associadas o triste passamento do bondoso monarcha o senhor D. Pedro V.
— A sociedade ficou inteirada.

Um officio da procuradoria regia da relação de Lisboa, pedindo para no laboratorio se proceder a tres analyses chimico-legaes.

Um officio do sr. Francisco Bernardo dos Santos, do Porto, remettendo uma proposta sobre policia pharmaceutica.

Um officio do sr. José Caetano da Silva Costa, do Rio de Janeiro, despedindo-se de socio.

Deu-se conta dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

Passou-se á

ORDEM DO DIA

O sr. *Norberto Junior* apresentou, em nome do sr. Francisco Zacharias Alves, duas propostas para socios correspondentes: approvada a urgencia e corrido o escrutinio, foram proclamados como taes os srs. Francisco Vieira de Almeida, e José Baptista de Magalhães, residentes no Rio de Janeiro.

O sr. *primeiro secretario* apresentou em nome do sr. Sousa Magalhães uma proposta, e a sociedade resolveu, emquanto ao primeiro candidato, reservar a votação até ser informada se estava ou não no caso do artigo 4.º dos nossos estatutos, e emquanto ao segundo, approvada a urgencia e corrido o escrutinio, foi proclamado socio correspondente o sr. Bernardo Pinto Soares de Miranda, pharmaceutico em Penafiel. O mesmo senhor leu a proposta do sr. Francisco Bernardo dos Santos, sobre policia pharmaceutica, que ficou para segunda leitura.

O sr. *presidente* participou que o sr. marquez de Loulé tinha recebido com especial agrado o diploma de socioemerito.

O sr. *Jesus* perguntou qual o resultado do pedido feito a s. ex.^a, sobre o papel e impressão do nosso jornal, a que o sr. presidente respondeu ter esperanças de ver em breve realizados os nossos pedidos.

O sr. *Norberto Junior* disse que o cofre da sociedade se achava exaustivo, e muito alcançado, que tinha feito circulares aos socios devedores, e apenas de quatro tinha recebido

resposta, propondo nas mesmas o contribuirem de prompto com metade do seu debito, prescindindo a sociedade do resto, e pedindo para que o sr. primeiro secretario solicitasse em nome da sociedade a resposta ás circulares.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente, dando para ordem do dia da sessão seguinte propostas, pareceres de commissões e segundas leituras, fechou a sessão ás dez horas da noite.— *Antonio Joaquim Labate*, segundo secretario.

ACTA N.º 617 DA SESSÃO DE 26 DE MARÇO DE 1862

Presidencia do sr. F. J. R. Loureiro

Ás sete horas da noite foi aberta a sessão, e lida a acta da antecedente, foi approvada.

O sr. *secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. Sousa Magalhães, respondendo ao officio que lhe foi dirigido sobre a machina de adhesivar do sr. Vieira.

Um officio do sr. Gameiro, agradecendo a sua nomeação de socio.

Outro do mesmo senhor, participando ter mudado a sua residencia para a calçada de Santa Apollonia, n.º 22.

Os objectos doados foram recebidos com especial agrado.

ORDEM DO DIA

O sr. *Tedeschi* explicou a difficuldade que havia tido para poder obter a machina de adhesivar do sr. Vieira, á vista do que se achava desligado do offercimento feito á sociedade.

O mesmo senhor apresentou um folheto do sr. Eugène Marchand, sobre o producto agricola e riqueza saccharina das beterrabas, e por esta occasião mostrou a distincção que a sociedade deve a este nosso socio.

Chamou a attenção da sociedade sobre o pedido feito por um nosso socio benemerito ao parlamento, recommendando ao governo recompensasse os medicos e cirurgiões pelos serviços prestados nas ultimas epidemias, mas esquecendo

totalmente os pharmaceuticos, que como aquelles prestaram, senão maiores, ao menos iguaes serviços, acontecendo comtudo que a classe pharmaceutica foi a mais flagellada, como mostraram evidentemente as estatisticas.

Fallando nas materias diferentes senhores, decidiu-se que a mesa fosse encarregada de formular uma representação, expondo não só os serviços prestados por os pharmaceuticos n'aquella epocha calamitosa, mas tambem a justiça que a todos cabe.

Não havendo quem pedisse a palavra, o sr. presidente deu para ordem do dia da sessão seguinte propostas, pareceres e segundas leituras, fechando a sessão ás dez-horas da noite.
= *Antonio Joaquim Labate*, segundo secretario.

VARIÉDADES

Pharmacopéa franceza. — O governo imperial nomeou uma commissão, composta de pharmaceuticos e medicos, pertencentes á academia de medicina de Paris, para rever o codigo ou pharmacopéa publicada em 1835, e preparar uma nova edição. As despesas da redacção e impressão serão por conta de um editor, com quem o ministerio se entenderá.

Presença da lithina nas pedras meteoricas. — Julgando-se que as pedras meteoricas poderiam conter um principio novo, o sr. Bunsen submetteu algumas á analyse spectral, examinou entre outros a aerolithe de Juvéna (caída a 15 de maio de 1821), o de Pornolleo no Indostão (28 de fevereiro de 1857); não encontrou mais que os elementos terrestres já conhecidos, aos quaes é necessario juntar o lithio que se fez observar por seus raios caracteristicos.

Preparação da soda caustica. — O sr. Wochler manda calcinar o azotato de soda com o perocido de manganio: Não se forma o camaleão, como se poderia julgar, pois o azotato decompõe-se muito antes da mistura chegar á temperatura necessaria á producção do acido manganico.

PHARMACIA

GLYCEROLADOS DE AMYDO, DE BICHLORURETO DE MERCURIO
DE SULPHATO DE COBRE E DO OXYDO RUBRO DE MERCURIO

Quando se mistura a glicerina e o amydo á temperatura ordinaria, para constituir uma pomada, observa-se que a mistura toma um aspecto granuloso, que parece conter corpos estranhos, mas aquecido o hydrato de amydo a uma temperatura mais elevada os grumos desfazem-se, formando-se um excipiente homogenio de muitissima conveniencia.

Nas pomadas anti-ophthalmicas a banha, a manteiga e as outras substancias gordas são sujeitas a mudanças que occasionam na applicação inflammções erythematosas nas palpebras, especialmente nos sujeitos de pelle delicada e fina.

O glycerolado de amydo forma um composto inalteravel, e por isso não offerece este inconveniente. O modo de o preparar é simples, e as porções são as seguintes:

Glicerina pura	15 grammas
Pó de amydo	1

Misturem-se triturando continuamente até á completa hydratação do amydo a calor. O resultado é uma preparação transparente de consistencia gelatinosa, apresentando a grande vantagem de offerecer uma densidade invariavel, sejam quaes forem as mudanças de temperatura ou a estação em que se prepare.

O glycerolado de amydo póde ser empregado como topico calmante e emolliente nos casos de seccura e prurido da pelle, como frequentemente acontece no eczema, psoriasis, pityarisis, etc. Elle communica á pelle aquella sensação de intensidade que caracteriza a glicerina.

O glycerolado de amydo tem a propriedade de dissolver certos saes metallicos insoluveis nos xaropes.

GLYCEROLADO DE SULPHATO DE COBRE

Sulphato de cobre	1 a 25 centigrammas
Glycerolado de amydo	5 grammas

Misturem-se.

O sr. Graefe emprega este glycerolado com muita vantagem nas conjuntivites granulosas.

GLYCEROLADO DE SULPHATO DE QUININO

Glycerolado de amydo	10 grammas
Sulphato de quinino	1

Misture.

GLYCEROLADO DE BI-CHLORURETO DE MERCURIO

Bichlorureto de mercurio	1 a 2 centigrammas
------------------------------------	--------------------

Misturem-se.

O sal mercurial dissolve-se mais facilmente na glycerina do que na agua. Este glycerolado é muito effcaz nas blepharites, heratites ulcerosas e irites senil.

GLYCEROLADO DE OXYDO RUBRO DE MERCURIO

Glycerolado de amydo	10,00
Oxydo rubro de mercurio	0,15 a 0,20

Misture.

Este topico fica de uma bella cor rubra, e substitue vantajosamente a pomada de precipitado rubro.

Pelo methodo referido se preparam os glycerolados de sulphato de zinco, de precipitado branco, de oxydo de zinco, de acetato de chumbo, de camphora, extracto de opio, etc.

A acção dos glycerolados é tão energica como a das pomadas; é porém necessario ter em vista que os saes devem ser pela metade dos que entram na composição das pomadas, porque n'aquelles o seu effeito é muito mais activo, por se acharem em completa dissolução.

F. J. R. Loureiro.

(Journ. de pharm. et de chim.)

UMA NOVA VARIEDADE DE OPIO

O opio tem adquirido em nossos dias tanta importancia que julgámos bem fundados todos os escrupulos e cuidados empregados para evitar a fraude em uma substancia como esta, de tanto uso em medicina.

Parece-nos portanto de alguma utilidade a descripção que vamos fazer de uma nova especie de opio, que ha poucos tempos appareceu no commercio de Londres, com o nome de opio de Constantinopla.

O sr. Morson deu-se ao trabalho de ensaiar este producto, e achou que elle é muito pobre em morphina, emquanto contém uma quantia desproporcionada de uma materia cerosa elastica, formada de cera e de uma substancia analoga á gomma jatropa.

Estas materias occupam um immenso volume quando estão hydratadas, e quando tratadas pelo alcool fervendo prendem em massa gelatinosa pelo resfriamento.

A sua decocção aquosa nunca se pôde obter limpida. Acrescenta o mesmo observador, que depois de um rigoroso exame microscopico poderá concluir que este opio não era preparado pelos meios ordinarios, mas que provinha das cabeças das dormideiras submettidas a uma forte pressão e da mistura do resultado com uma pequena porção do obtido por incisão.

F. J. R. Louzino.

Centro de Documentação Farmacêutica
QUÍMICA
da Ordem dos Farmacêuticos

NOVO PROCESSO DE EXTRACÇÃO DA QUININA
E DOSAGE DOS ALCALOIDES DE QUINA

PELO SR. RABOURDIN

A propriedade que possuem os alcalis fixos e causticos empregados em excesso de dissolver o tannino, o rubro-cinchonico insolúvel, as materias colorantes e rezinosas das quinas sem atacar a quinina, eis o fundamento principal em que me baseio.

O methodo que uso consiste em reduzir a quina a pó, trata-la a frio em um apparelho de deslocação por meio da agua levemente acidulada, contendo apenas 3 centesimos de acido chlorhydrico; concludo porém o esgotamento do liquido quando se tornar insipido.

O producto da operação ou a còrdura deve proporcionar-se de oito a dez vezes o peso da quina amarella empregada, e n'este estado trata-se o liquido pela soda caustica liquida (lixivia dos saboeiros), regulando um peso quasi igual ao da quina, e misturando tudo pela agitação.

A quina precipita-se em flores brancas á maneira de coalhada, que se deposita rapidamente; o liquido vermelho carregado que sobrenada decanta-se, e o precipitado é recolhido sobre um panno de linho que sirva de filtro, aonde é lavado com uma pouca de agua.

Este precipitado é quasi exclusivamente composto de quinina, e por isso póde ser purificado por dois methodos:

1.º Faz-se actuar sobre elle acido chlorhydrico diluido em pequena quantidade para dissolver o alcaloide, obtem-se pela filtração uma solução incolor, que dá immediatamente pela ammonia a quinina pura e branca;

2.º Esgotado completamente o precipitado junta-se um pequeno excesso de acido. D'esta fórma obtem-se pela filtração um licor ligeiramente corado, que se torna branco, vertendo-se na solução chlorhydrica ammoniaco fraco, até que appareça um precipitado escuro ou pardo, e que pela filtração passe a um liquido incolor; se por consequencia de um excesso de ammoniaco alguns flocos brancos vem a misturar-se ao precipitado escuro, se junta agua acidulada que os redissolve. Da solução incolor e limpida se precipita a quinina com auxilio do ammoniaco. N'este estado ella é perfeitamente branca, e só contém alguns vestigios de cinchonina.

Este processo parece-me trazer uma economia notavel na fabricação dos saes de quinina.

1.º Supprime-se o emprego do alcool como dissolvente;

2.º Evita-se a precipitação da quinina pela cal, e por isso mesmo a dessecção d'este precipitado calcareo na estufa;

3.º Supprime-se o emprego do carvão animal como descolorante;

4.º Emfim dá um producto mais abundante; e por este meio permite tambem obter-se toda a qualidade de alcaloide que contém as quinas que acabo de propor, considerando-se um processo de dosagem das cascas do commercio.

As tres quinas officinaes prestam-se igualmente bem a este tratamento.

Quando se quer dosar a cinchonina da quina cinzenta opéra-se sobre 40 grammas; mas tratando-se com quinas amarellas (calissaia) e vermelhas pôde operar-se sómente sobre 10 grammas.

MODO OPERATORIO

Tomo 10 grammas de quina amarella real (calissaia) em pó fino, humedeço em agua acidulada pelo acido chlorhydrico a 4 por 100, o pó é depois recolhido e encamado uniformemente em uma allonga ou tubo guarnecido de algodão e lixiado com a mesma agua acidulada que tem servido a humeder; se a operação segue regularmente o pó é esgotado, tendo-se obtido 100 a 120 grammas de producto; verte-se então n'este licor 12 a 15 grammas de soda caustica liquida, que se mistura por agitação; recolhe-se depois o precipitado sobre um filtro, aonde se lava em agua sufficiente, que a final o liquido saia incolor.

Quando o filtro seja bem esgotado levanta-se do funil, virando-se em uma capsula; n'este estado rega-se com agua acidulada com acido chlorhydrico em pequeno excesso. Opera a dissolução se espreme o papel, vertendõ o liquido sobre um outro pequeno filtro; o papel assim espremido é lavado duas vezes com uma pouca de agua sobre este ultimo filtro, que d'esta fórma tambem fica lavado. Obtem-se por este processo um licor ligeiramente corado em amarello arruivado, que se branqueia pelo processo indicado precedentemente, isto é, tratando pelo ammoniaco fresco até que ap-

pareça uma nuvem branca, e se effectivamente esta ultima não desaparecer pela agitação, deve tratar-se por algumas gotas de agua acidulada, de maneira que o precipitado se torne escuro carregado. Filtra-se então, lava-se o filtro com agua distillada, e no mesmo licor, que deve ser branco e limpo, se verte um excesso de ammoniaco que promptamente precipita a quinina.

O precipitado é recolhido sobre um filtro (pequeno papel em tres dobras), e lavado com agua distillada, e secco ao ar livre. Depois de secco destaca-se finalmente do papel. É d'esta fórma que se toma o peso que indica a riqueza da casca.

Dez grammas de quina calissaia deve dar de peso 30 a 32 centigrammas de quinina branca, contendo uma muito pequena quantidade de cinchonina, que se pôde separar por meio do ether rectificado.

A quina vermelha varia muito. Enquanto as bellas cascas têm vermelho vivo muito denso, produziram 0^{gr.} 38 de uma mistura de quinina e de cinchonina por 10 grammas; outras de um bello aspecto não fornecem mais de 0^{gr.} 24 pela mesma quantidade submettida á experiencia. A quina parda de Loxa me tem dado 0^{gr.} 10 a 0^{gr.} 20 de cinchonina, operando-se sobre 40 grammas de casca; d'aqui se tira a relação de 5 a 1:000 que ha entre a cinchonina e a casca.

Tenho seguido o tratamento a frio pela deslocação, porque é o meio que melhor me tem correspondido. A deslocação por meio da agua acidulada dá um licor muito carregado de materias colorantes. Quando ali se ajunta soda caustica dá um precipitado de cor vermelha, e a filtração faz-se com mais demora, obtendo-se então menos producto.

Tenho tambem esgotado a quina pelo alcool em diversos graus; e finalmente juntado agua a este licor, e expulsando o alcool pela evaporação, juntando a soda caustica ao residuo. Porém acontece o mesmo que na decocção, porque o precipitado da quinina vem misturado de materias colorantes, a filtração torna-se difficil, e o producto menos abundante.

Finalmente insisto pelo tratamento a frio, que dá rapida-

mente algumas reacções puras e bem definidas; acrescentando pois, que tendo-se adquirido algum habito d'este processo, o ensaio de uma quina não demanda uma hora de trabalho.

F. B. PIMENTEL

MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS PELO SR. GLENARD E GUILLERMOND NO PROCESSO DE QUINIMETRIA

O processo por nós dado para ensaiar as diversas quinas, quer dizer, para apreciar devidamente a sua riqueza em quinino, consiste em isolar n'um só tempo da operação, por meio da cal, todo o quinino de uma dada quantidade de quina, fazendo passar pelo ether que o dissolve, com exclusão de todos os outros principios; finalmente em o dosar n'este vehiculo a expensas de certos licores, como o acido sulphurico diluido e a agua ammoniacal.

Este processo, em nossa opinião, é de uma exactidão tão rigorosa, quanto possivel, e nós sabemos que muitos fabricantes o têm já adoptado.

Portanto, como elle, apresenta na operação, por meio do acido sulphurico, algumas difficuldades que podem comprometter sua vulgarisação no laboratorio do modesto pharmaceutico, que tem tanto interesse como o fabricante em empregar as melhores especies de quina.

É sobre o emprego do acido sulphurico e da ammonia que repousam estas difficuldades, porque o acido sulphurico não se encontra no commercio no estado areometrico tão regular como nós o fixámos para servir de typo ao nosso acido diluido, e todos sabem que elle por sua natureza liquida e força com que absorve a humidade do ar o afrouxam a ponto de se tornar duvidoso em uma operação tão delicada como esta; por outra parte tambem é sabido que qualquer que seja o licor alcalino que se empregue, ainda mesmo no mais perfeito estado de diluição, não muda facilmente de natureza, emquanto ao resultado da operação, e é esta tambem a objecção que se apresenta sobre a volatilidade do ammoniaco.

Em consequencia pois do exposto nos dirigimos a todos os

fabricantes para significar-lhes que a nossa modificação consiste em substituir pelo acido sulphurico o acido oxalico, que por sua fórma concreta e completa inalterabilidade é mais seguro e de um emprego mais commodo para a certeza dos pesos.

Para comparar os liquidos acidos estabelecemos as seguintes proporções:

Acido sulphurico 3^{gr},02 para um litro de agua, quantia empregada para reduzir ao estado de sulphato neutro 10 grammas de quinino.

A quantia de acido oxalico que forma o equivalente d'estes 3^{gr},02 de acido sulphurico é de 4^{gr},086, peso que juntámos a um litro de agua distillada para obter o nosso novo licor acido. O acido oxalico que empregámos é puro, crystallizado e secco a temperatura ordinaria; e seguindo os conselhos do sr. Pogiale, temos tambem tido o cuidado de o reduzir a pó, e depois aperta-lo entre folhas de papel sem colla, com o fim de lhe extrahir alguma humidade que accidentalmente ainda possa reter.

Substituímos finalmente a ammonia por uma dissolução de potassa ou soda a alcool.

Para conhecer com exactidão o momento em que o licor acido está saturado pelo alcali, indicámos a tintura do lenho de Santa Martha pela do pau do Brazil. A materia corante d'aquelle lenho passa ao rubro debaixo da mais pequena influencia alcalina, com grande intensidade de cor e sem se perturbar.

Tres são as modificações dadas a este novo processo, que julgámos dever dar a conhecer aos nossos collegas, a fim de lhes tornar mais facil a quinimetria. Depois que nos damos ao trabalho de ensaiar as quinas, fomos convencidos de mais a mais, que é um grande erro confiar da simples inspecção para apreciar o valor de qualquer especie de quina que se nos presente, e que é de necessidade a mais absoluta o recorrer á analyse chimica para dosar o quinino que ella contém. Eis-aqui um exemplo: